Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23240 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 15 MAIO 90 60$00

Arlindo Cunha comenta ameaças da CAP

Do nosso correspondente em Bruxelas José Rui Cunha

O ministro Arlindo Cunha declarou ontem, a jornalistas portugueses, em Bruxelas, que a ameaça da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) visaria «ganhar algum espaço de manobra, no sentido de mostrar aos seus associados que estava muito preocupada com as negociações». O ministro da Agricultura acrescentou: «Respondi que estava muito preocupado, mas sossegado». A Confederação ameaçara, há alguns dias, promover uma concentração de agricultores em virtude de não ser informada sobre o conteúdo das negociações agrícolas entre o Governo português e a Comissão Europeia. Arlindo Cunha afirmou, ontem, que «a CAP sabe de alguns detalhes e de outros não. Não posso abrir o jogo negocial, ainda que isso tenha algum custo político. É preciso lembrar que há outros onze Estados-membros». O titular da pasta da Agricultura esteve em Bruxelas para sensibilizar o comissário Ray MacSharry relativamente a algumas dificuldades que se deparam ao sector agrícola do nosso país.

Empresários portugueses

Para o Leste e em força

As transformações políticas e económicas, no Leste europeu, são tema de uma conferência promovida hoje pela AIP. Rocha de Matos defende que os empresários portugueses devem desenvolver esforços que lhes permitam entrar, em sistema de cooperação, num mercado com mais de 350 milhões de pessoas.

Mira Amaral, presente na sessão de abertura, defende que os acontecimentos analisados perspectivam um maior crescimento económico para toda a Europa, enquanto que Miguel Beleza considera que as mudanças são favoráveis à transformação estrutural. Quanto ao europdeputado Carlos Carvalhas recorda ser indispensável melhorar a especialização e o padrão de exportações.

O Ocidente, talvez apanhado desprevenido, prepara-se para desenvolver acções que, se bem coordenadas, podem contribuir para a «Grande Casa Europeia», dando forma a uma Europa do Atlântico aos Urais, velho sonho de De Gaulle.

Págs. 2, 3 e 4

France Presse

Mitterrand desceu à rua Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial um Presidente francês participou numa manifestação de protesto. Foi ontem, em Paris, num desfile silencioso de repúdio à profanação de túmulos de judeus, com dezenas de milhar de pessoas de todas as tendências religiosas e políticas, com excepção da extrema-direita.

Jorge Sampaio a De Klerk

Sinais de mudança impõem agora medidas decisivas

Sem pompa, mas também sem qualquer sinal evidente de desvalorização da visita, a Câmara Municipal de Lisboa recebeu esta manhã o Presidente sul-africano. Uma oportunidade para os desejos de boas-vindas e alguns bons conselhos endereçados a De Klerk por Jorge Sampaio. «Todos compreendemos que os sinais de mudança já dados carecem agora de medidas decisivas consolidadas pela via negocial, que abram caminho a uma reforma constitucional que possibilite à República da África do Sul um futuro sem discriminações raciais. Falamos nisto, e deste modo, porque sabemos do seu empenhamento neste grande objectivo». Sampaio lembrou, ainda, a construção da Europa Comunitária, e a defesa e aprofundamento dos direitos humanos que isso implica.

Pág. 5

Albânia abre-se ao Mundo para não «perder o comboio»

Mário Sampaio em Tirana/Especial para o DL

A Albânia, pressionada pelas actuais circunstâncias, não só internacionais, como também domésticas, iniciou um tímido processo de reformas que visa uma cada vez maior abertura ao exterior. A mudança teve como marco o último plenário do Comité Central do Partido do Trabalho albanês, em que o Presidente Ramiz Alia afirmou claramente que «em termos económicos, a auto-suficiência pode ser razão de orgulho, mas pode também não ser elemento de progresso». O actual dirigente albanês preconizou então o estabelecimento de laços diplomáticos e económicos com os países europeus como «uma prática útil». A recente «humanização» do regime pode, deste modo, ser entendida como um meio de facilitar esse relacionamento. De referir que, não obstante o clima de indigência generalizada, a Albânia, ainda há alguns anos, vivia uma situação muito pior. Hoje, a sua taxa de desenvolvimento (8,2 por cento previstos para este ano) é provavelmente a mais elevada da Europa. Com uma população muito jovem e importantes riquezas minerais, trata-se de um país que, apesar dos problemas urgentes que se lhe colocam, dispõe de amplas hipóteses de desenvolvimento.

Pág. 12

Hoje: Suplemento de Economia

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

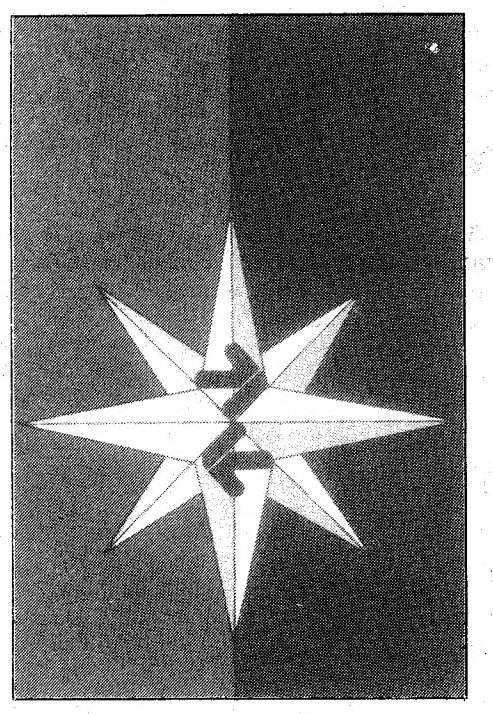
A eutanásia vista pelos médicos
Págs. 16,17 e 18

A «Pantera» volta à luta em Itália
Pág. 11

Alto do Pina: uma freguesia com muitos problemas
Pág. 19

A crónica de Umberto Eco
Pág. 8

Lotaria Popular
1.º - 334 611
2.º - 362 599
3.º - 197 879
4.º - 348 246
Pág. 13



Conferência promovida pela AIP debate transformações na Europa e os desafios que se põem à economia nacional, numa altura em que tudo deve ser feito para desenvolver um sistema - o nosso - ancilosado e a necessitar de um dinamismo de que já há referenciais e experiências

GRANDE ANGULAR

Empresários portugueses para Leste e em força

«Para Leste, com cautela, mas em força.» Este é o parecer de Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa (AIP), entidade promotora da conferência nacional que hoje tem lugar em Lisboa, subordinada ao tema «A economia portuguesa e as transformações a Leste». A globalização da economia numa Europa em mudança, as potencialidades e riscos de uma «casa comum europeia» e as estratégias empresariais a assumir são os pontos fulcrais deste debate, afinal mais um sobre uma situação candente que agita os meios políticos e empresariais de todo o mundo.

Mais que evidente, com tudo o que tem sido dito e debatido, é que está na ordem do dia o estabelecimento de novas pontes entre o Ocidente e o Leste, a interligação entre as duas Europas — as chamadas capitalista e socialista, ou entre as economias de mercado e planificada, ambas em fase de alteração. Portugal não pode, nem deve, fugir a essa regra.

Este é um País que, devido à posição, dimensão e características da sua economia, poderá beneficiar das transformações. Vantagens que lhe são trazidas pelo facto de não ser um gigante, por ser placa giratória para outras zonas do Globo, pelas suas ligações com países terceiros, potenciais campos de intervenção para as duas partes em fase de ajustamento.

As grandes mudanças verificadas na Europa Central e de Leste têm influências significativas na área em que Portugal está inserido. A CEE irá sentir esses efeito. Destaque para a afirmação feita ao «DL» pelo ministro das Finanças, Miguel Beleza: «De entre as influências de ordem externa, destacam-se os acontecimentos ocorridos no Leste que, por um lado, parecem ser favoráveis ao dinamismo e crescimento da economia europeia, sendo, nesse sentido, favoráveis ao processo de transformação estrutural, o que constitui um importante contributo para o processo de transformação estrutural em curso, uma vez que as resistências à mudança tendem a atenuar-se em economias em crescimento.» O ministro não deixou de acrescentar que, «no entanto, os desenvolvimentos económicos e, sobretudo, políticos, na Europa de Leste, constituem um desafio à coesão das estruturas comunitárias e também aos seus recursos, dado o imperativo de solidariedade que o apoio à transformação no Leste constitui», pelo que se torna «imperativo o aprofundamento do processo de integração europeia, com uma urgência que insuspeitável» quando, em Junho de 1989, o Conselho de Madrid decidiu o arranque da primeira fase da União Económica e Monetária.

Desafios múltiplos

Mas Portugal tem diversos desafios simultâneos, entre eles o Mercado Único, a União Económica e Monetári,. tida como salto qualitativo na integração, bem como os reflexos da União Económica e Monetária Alemã e o novo Espaço Económico Europeu. Os choques que esses desafios trarão ainda estão por sentir, sendo importante ter presente que as alterações ocorrem numa altura em que chegam ao fim os períodos de transição e derrogações, fonte de preocupações para muitos sectores e a exigir decisões urgentes, situação a que o Governo não deverá estar isento. As ligações entre o Ocidente e o Leste parecem merecer a atenção das duas partes. Se, em Portugal, partidos, Governo, empresários e sindicatos se debruçam sobre o impacte que se perspectiva, também «do lado de lá» a questão é seguida com atenção. Provas disso têm sido os contactos, encontros e seminários efectuados, aos

Portugal está bem posicionado para compreender o Leste

Mira Amaral refere competição e complementaridade

Portugal está particularmente bem posicionado para compreender os problemas que se põem aos países do Leste europeu. Esta a opinião do ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, que presidiu à sessão de abertura da conferência nacional hoje promovida pela AIP.

O percurso português, nos últimos anos, permite prever o que irá acontecer, já que esses países «vão tentar passar de regimes totalitários para democracias e de economias totalmente controladas pelo Estado e geridas por via administrativa para formas de organização mais próximas da economia de mercado, sem terem experiência empresarial nem empresários», acrescenta Mira Amaral.

O ministro, que distingue a RDA, a Checoslováquia e a Hungria dos restantes países de Leste — os dois primeiros quase sem dívida externa e com estruturas industriais relativamente desenvolvidas e o terceiro com o «handicap» da dívida externa mas mais avançado nas experiências da liberalização da economia —, acrescenta que a União Soviética será a «grande incógnita neste processo».

Rui Pacheco

Mira Amaral: grandes vantagens com transformações

Acrescenta Mira Amaral, em declarações para o «DL», que «tratam-se de países com desenvolvimento industrial que pode vir a assemelhar-se ao nosso, designadamente nos sectores industriais tradicionais, como o têxtil, vestuário e calçado e ainda na metalomecânica e indústrias alimentares», o que poderá vir a ser uma região que se torne competitiva com Portugal.

«Podem, nessas produções, vir directamente a competir com as empresas portuguesas e colocar ameaças aos nossos empregos nesses sectores, o que reforça a urgência da sua modernização mas, por outro lado, essas características podem vir a facilitar colaborações industriais, através de *joint-ventures* e empreendimentos conjuntos nesses países.»

A economia portuguesa pode, contudo, encontrar grandes vantagens com as transformações no Leste europeu. Recorda o ministro da Indústria e Energia que, «em termos de oportunidades para as empresas portuguesas, trata-se de um mercado enorme, com 350 milhões de pessoas, embora ainda com fraco poder aquisitivo, mas extremamente carente de bens de consumo corrente acessíveis à capacidade industrial portuguesa».

Posições coincidentes

Posição coincidente com a de Rocha de Matos é a assumida por Mira Amaral, quando afirma que, em termos de estruturas, haverá uma modernização do parque industrial, «com a introdução crescente de tecnologias mais limpas, em termos ambientais, o que originará um mercado para os produtos de equipamentos de controlo ambiental para a indústria».

A opinião do ministro é que a recuperação económica, nos países de Leste, «irá ser feita através de um modelo de desenvolvimento típico da Segunda Revolução Industrial, semelhante aos que os países europeus mais desenvolvidos experimentaram nas décadas de 60 e 70 e que Portugal tem tido na década de 80 e prolongado pelos anos 90». «Tudo isto — acrescenta — originará uma expansão dos mercados à indústria europeia e poderá potenciar um maior crescimento económico da Europa».

Portugal irá, certamente, beneficiar, desde que a sua economia «esteja crescentemente integrada na europeia e na medida em que as empresas portuguesas se interliguem com as europeias». Haverá então, segundo Mira Amaral, um «efeito de expansão na economia europeia, causada pelos acontecimentos a Leste, o que poderá ser extremamente positivo para nós, potenciando um maior crescimento económico do nosso país e maiores oportunidades para a indústria portuguesa».

Porém o ministro Mira Amaral não deixa de salientar que a reconstrução no Leste e os seus efeitos positivos na economia europeia serão, contudo, «muito influenciados pela política económica alemã que for seguida, atendendo à influência que a Alemanha vai ter na ajuda a Leste e ao papel de locomotiva que a sua economia desempenha na economia europeia», sendo determinante, na política económica alemã, a política monetária seguida pelo banco central da RFA, «num momento em que já se discute a União Monetária entre as duas Alemanhas».

A nível industrial, acrescenta o ministro, «o desafio que as economias de Leste nos colocam, em termos dos nossos tradicionais sectores exportadores, não é qualitativamente diferente da ameaça que sobre esses sectores pairava com a possibilidade de entrada nos mercados comunitários de produções de países em vias de desenvolvimento».

Recorda Mira Amaral que «o Leste europeu reforça-nos apenas o nível de ameaça e a necessidade de acelerar a modernização das nossas estruturas industriais mas, por outro lado, abre possibilidades de mercados e de *joint-ventures* às nossas indústrias».

A.H.

Eurico Vasconcelos

Mesa que presidiu à abertura da conferência promovida pela Associação Industrial Portuguesa

mais diversos níveis, pelos países do quase extinto CAEM. Significativo o objectivo do terceiro seminário sobre o investimento entre o Leste e o Ocidente que, em Junho próximo, decorrerá em Leninegrado, já que visa descobrir formas conjugadas e regras que permitam aos investidores estrangeiros lançar iniciativas no novo mercado soviético, sem correrem o risco de esbarrarem com a burocracia. Disse Victor Brossenko, alto funcionário do Ministério das Relações Económicas Externas da URSS, que tem havido certas dificuldades de compreensão mútua, pelo facto da regulamentação da actividade económica dos estrangeiros, na União Soviética, ter sido elaborada sem a participação destes.

Declarações recentemente feitas por Serguei Alii, economista do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético, são significativas quanto ao papel que Portugal pode e deve representar. Este perito defende o lançamento de «joint-ventures» luso-soviéticas em países terceiros, principalmente os africanos de expressão oficial portuguesa, com o aproveitamento de especialistas portugueses num campo de cooperação altamente prometedor.

A ideia presente, quer nas autoridades soviéticas, quer nas dos restantes países que seguem os «ventos de mudança», é favorecer o estabelecimento de uma regulamentação mutuamente aceitável da actividade comercial com o exterior, aproximando-a do que é «normal» a nível internacional.

Situação que não será tão linear quanto isso, já que os simples mecanismos de privatização de sectores de actividade económica parecem ser desconhecidos em países que, durante décadas, desenvolveram economias planificadas. E, se neste campo, a situação é complexa, o que se irá passar na adaptação a novas formas de economia carecerá de colaboração e boa vontade de ambas as partes, sempre com o objectivo de melhor ultrapassar as barreiras ainda existentes.

Os empresários nacionais, como agentes de intervenção na economia nacional, devem rever o papel a desempenhar no futuro imediato, já que «não é fácil prever, com segurança, qual vai ser a futura arquitectura da Comunidade e da Europa», como disse ao DL o eurodeputado Carlos Carvalhas, que acrescentou haver tendências que se desenham com maior nitidez e que obrigam a repensar a estratégia de desenvolvimento e de negociação no quadro da Comunidade.

Tarefas imediatas

Desenvolver e negociar parecem ser, pois, duas tarefas imediatas, não só para enfrentar o que será a nova perspectiva - a Europa de Leste, mas também a própria integração na Europa Comunitária que, se hoje é dos Doze, poderá ser em breve dos Quinze ou dos Dezoito, tendo em conta o papel que a EFTA poderá desempenhar.

Não será de mais recordar que Portugal pediu a sua adesão à CEE em 1976, formalizada dez anos depois e que será plena no final de 1992. Este panorama poderá definir o que serão as futuras relações com o Leste. Uma análise objectiva dos problemas conjunturais aponta para que, se há que não perder tempo, mostra igualmente que a construção da «Grande Casa Europeia» ou, se se disser pela palavras de De Gaulle, uma «Europa do Atlântico aos Urais», nunca será possível antes do século XXI. O futuro o dirá, mas será um futuro que poderá ser determinante para o desenvolvimento nacional ou, pela inversa, um futuro onde Portugal poderá ter um papel preponderante.

A tendência europeísta de Portugal, país com uma única fronteira, deverá ser mantida mas aumentada. Rocha de Matos afirmou, em entrevista ao DL, que o país deverá ser, acima de tudo, uma zona atlântica que seja «o grande ponto de passagem» de África e das Américas para a Europa, a de Leste incluída.

Almeida Henriques

Novos desafios beneficiam desenvolvimento nacional

Miguel Beleza analisa modificações no panorama europeu

Portugal, ainda a preparar-se para o grande impacto que irá constituir o Mercado único, defronta-se, agora, com novos desafios. Não será a caduca «ameaça de Leste», mas é desta região europeia que surgem novas perspectivas. Miguel Beleza, ministro das Finanças, afirma: «Os incentivos para o aprofundamento do processo de integração europeia tem também origem exterior à própria Comunidade. De entre estas influências de ordem externa destacam-se os acontecimentos recentes ocorridos no Leste da Europa».

Os desenvolvimentos políticos e sociais registados nesta parte da Europa e as possíveis modificações do espaço europeu daí resultantes terão influência no posicionamento de Portugal no Continente, com reflexos sociais e económicos, nomeadamente com um agravamento da perificidade política, cultural e económica.

Recordem-se palavras de Isabel Mota, secretária de Estado do Planeamento e do Desenvolvimento Regional, que alertou para o facto de ser «difícil estimar um valor económico para a perda resultante desse acréscimo de perificidade», que deverá ter um reflexo negativo para Portugal, em termos de «desvio de comércio», em contraposição ao efeito de «criação de comércio» proporcionado pela adesão à Comunidade.

Afirmação de Miguel Beleza, feita ao DL: «Estes acontecimentos parecem ser favoráveis ao dinamismo e crescimento da economia europeia sendo, nesse sentido, favoráveis ao processo de transformação estrutural. Este dinamismo constitui um importante contributo para esse processo, uma vez que as resistências à mudança tendem a atenuar-se em economias em crescimento».

Desafio à coesão

O ministro das Finanças acrescenta, ainda, que, «no entanto, os desenvolvimentos económicos e sobretudo políticos, na Europa de Leste, constituem um desafio à coesão das estruturas comunitárias e também aos seus recursos, dado o imperativo de solidariedade que constitui o apoio à transformação no Leste da Europa».

Segundo afirma, «estes aspectos sugerem fortemente ser imperativo o aprofundamento do processo de integração europeia, com uma urgência que era insuspeitável de ser prevista na altura das decisões de Madrid». A iniciativa empresarial portuguesa tem de ser assumida de forma a enfrentar «riscos acrescidos», nomeadamente concorrenciais em termos de comércio, a níveis comunitário e interno. Será a forma de criar contrapartidas, com novas oportunidades de crescimento, nomeadamente através da subcontratação, de «joint-ventures» e outras formas de divisão de trabalho com as indústrias dos países ocidentais que irão participar, em maior escala, no equipamento e abastecimento do Leste.

Cont. na página 4

COMENTÁRIO

Novos caminhos

A Europa tem um novo motor. Novas formas de dinamismo, em consequência da transição em curso na Europa do Leste, permitem a revitalização da dinâmica industrial da Europa com a reprodução alargada de oportunidades de comércio e de investimento.

A liberalização do comércio abre novas oportunidades de acesso aos mercados, faz desaparecer barreiras à entrada e é um desafio, porque as novas condições, a que ninguém está habituado, nem mesmo os exportadores tradicionais, são um apelo à criatividade de gestão.

A penetração dos mercados exige abordagens novas no quadro das desregulações em curso. Penetrar os múltiplos e diversificados locais exige capacidades diferentes das de uma negociação centralizada num contexto em que se pretende dar papel estruturante à economia de mercado.

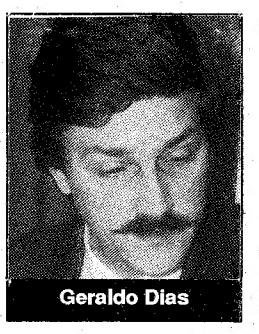
No caso, por exemplo, da economia soviética, as diferenças sectoriais e regionais no contexto da sua formidável dimensão são fonte de oportunidades múltiplas, que ninguém sozinho poderá monopolizar e onde cremos que ao lado das maiores companhias europeias haverá espaço para operadores mais fracos que detenham capacidade estratégica e de gestão - na base de uma criteriosa segmentação de mercados - e apoiados por uma apropriada política de alianças - fundada nas mais variadas formas, de *joint-ventures* a contratos de transferência de tecnologia (nos dois sentidos) e com os mais variados parceiros, de empresários a autoridades municipais.

Existem, pois, possibilidades novas para operadores com estratégias empresariais capazes de tirar partido das oportunidades de mercado, do bom nível educacional da mão-de-obra, mas que exigem capacidade negocial, desde o nível financeiro à gestão das relações estratégicas.

A nível global, os países da Europa do Leste emergem como uma fonte de dinamismo para a Europa, mesmo para a econo-mia mundial. Mas este processo recorta desigualmente o espaço europeu. A Europa do Sul vai sofrer consequências, que têm de ser antecipadas, desde consequências demográficas - fluxos de mão-de-obra/movimentos migratórios - às consequências financeiras - valorização de praças alternativas -, que de alguma forma são avaliadas como *handicaps* negativos.

De um ponto de vista macro vai-se assistir ao aprofundamento da divisão intra-europeia do trabalho num contexto de reabilitação de muitos sectores e regiões antes condenados num certo ambiente de crise pós-industrial. Mas existem riscos e ameaças no sentido da concorrência destes «novos» países industrializados. Aprofunda-se o sentimento das vantagens de um inserção internacional mais qualificada - do *up-grading* dos sectores tradicionais à valorização da massa cinzenta em vez da mão-de-obra barata.

As consequências da nova divisão intra-europeia do trabalho dependerão do dinamismo industrial das regiões em relação com a sua capacidada económica, técnica e institucional num quadro interno/externo.



Geraldo Dias

O desempenho dos países mais fracos dependerá da sua capacidade técnico-institucional para protagonizar alianças internacionais, antecipar futuros possíveis - na Europa do Sul a sua evolução para um cenário de um segundo motor europeu num contexto em que a Europa do Sul tem, tradicionalmente, um papel fundamental no aprofundamento da divisão internacional do trabalho e de ponte entre o Norte e o Sul.

AIP não foi surpreendida pelas mudanças a Leste

Rocha de Matos defende associativismo e diversificação

A Associação Industrial Portuguesa tem sabido manter uma imagem de associativismo e de diversificação empresariais que permitiram que as modificações político-económicas no centro e no leste da Europa não a apanhassem desprevenida. «São contactos e trabalho de muitos anos», disse ao DL o seu presidente, Rocha de Matos. As iniciativas em curso, acrescentou, de que a presente conferência é um exemplo, são assumidas num contexto macro-estratégico que se insere no pressuposto de que as trocas comerciais com a Europa ocidental representam 82 por cento do total nacional, enquanto que com o Leste é só de 1 por cento.

O presidente da AIP recorda que, se «Portugal fez a sua opção económica, definindo-se como um país europeu e ocidental», não deve, contudo, «aumentar a sua dependência, restringindo-se a um único espaço económico, pelo que há que diversificar a estratégia a seguir», havendo diversas oportunidades, que passam por África, América Latina, Médio e Extremo Oriente, China e Leste europeu.

«Quanto a este espaço, o nosso raciocínio é de que, se os grandes grupos não precisam de apoio das associações, já o restante tecido empresarial, maioritariamente de PME, necessita dele para internacionalizar a sua economia». Sendo preciso investir nas redes convencionais internacionais, não se pode esquecer que, embora as empresas estejam a evoluir, enfrentam um esforço de modernização que é absorvente.

GRANDE ANGULAR

As transformações no Leste da Europa merecem a maior atenção, já que, acrescenta Rocha de Matos, em Portugal «há um grande desconhecimento do que se passa naqueles países», de forma a que seja natural que os empresários tenham dois tipos de raciocínio. «Uns consideram que tudo estará bem, o que não é verdade, outros dirão que nada sabem do que lá se passa e aguardam, deixando livre um campo conquistável para ser ocupado por empresários de outros países».

«Management» e «tradding»

Para desenvolver uma cooperação futura tornam-se necessários acordos de «management», segundo Rocha de Matos, que recorda que Portugal é normalmente aceite como parceiro privilegiado, «por ser pequeno, não representar perigo de domínio da economia desses países e por ter acesso a África e à América Latina».

Se os empresários portugueses avançassem já para tais acordos, estes poderiam ser pagos em «fees» que, num futuro breve, teriam possibilidade de ser transformados em capital para empresas mistas a formar, empresas essas que, por sua vez, levariam à aquisição de equipamentos passsíveis de serem transformados, de activos corpóreos, em activos financeiros.

Outra área a ter em consideração, conforme afirma Rocha de Matos, é o «tradding», mediante a criação de empresas que, com ligação bilateral, permitam o intercâmbio de equipamentos e mercadorias, de forma a que ambas as partes ganhem.

O presidente da AIP recorda que, para responder ao desafio, há que fomentar, em Portugal, o aparecimento de empresas de investigação e desenvolvimento, já que, se em alguns países de Leste, com a URSS à cabeça, há alta tecnologia mas em sectores restrictos como o militar e o científico, «Nós temos tecnologia intermédia que pode ser disponibilizada», afirma Rocha de Matos. Mas, acrescenta, «não deixa de ser preciso um processo inovatório».

Passos a dar

Rocha de Matos sintetiza a filosofia seguida pela AIP, fazendo questão de acrescentar que a sua associação a definiu antes de Delors. «O primeiro passo a dar é o da reunificação da Alemanha, a que se deverá seguir a criação de um núcleo duro no seio dos Doze da CEE. Posteriormente deverá verificar-se a entrada progressiva de alguns ou de todos os actuais membros da EFTA».

Rocha de Matos: um trabalho de muitos anos

Será a fase indicada, acrescenta, para que os países de Leste entrem para a EFTA, «o que lhes daria treino de economia de mercado, possibilitando então que talvez fosse possível avançar para a criação da Europa do Atlântico aos Urais».

Portugal poderá igualmente, segundo considera, criar uma maior ligação à Áustria, forma de todos beneficiarem, seguindo dois percursos paralelos mas de sentido inverso. Dadas as ligações austríacas com o Leste, devido à sua posição geo-estratégica na Europa, a economia portuguesa teria uma porta para entrar naquela região que, por sua vez - e também beneficiando da ligação Viena-Lisboa - teria uma passagem para África.

Contudo, acrescenta Rocha de Matos, é no terreno que se vêem as dificuldades e se resolvem os problemas. «Andamos a estudar a situação há muitos anos e avançamos sempre que possível», lembra. O presidente da AIP não pode deixar de salientar ser importante consciencializar os empresários portugueses para as realidades que se vivem não só no Leste europeu, mas em Portugal, para que não sejam perdidas oportunidades mas, também, para que não sejam cometidos erros.

A.H.

Beleza: desafio positivo para a economia nacional

Continuação da pág. 3

Leste que passa por um desenvolvimento considerado imprevisto pelo ministro Miguel Beleza, que diz que ele ilustra, «de forma expressiva, a impossibilidade da antevisão exacta da forma como a economia portuguesa - ou qualquer outra - evoluirá sobre um horizonte cronológico alargado».

Comportamento favorável

No entanto, acrescenta, é «fácil reconhecer que a economia portuguesa se tem comportado favoravelmen-te desde o meio da década de 80». Contudo, defende que «urge reconhecer que as perspectivas de evolução futura da economia nacional não podem ser obtidas por simples extrapolação das tendências verificadas no passado recente», ilustrando a afirmação com o facto das economias desenvolvidas estarem a atravessar, actualmente, um processo continuado de crescimento sem precedentes.

Assim - diz Miguel Beleza - uma análise baseada apenas no acumular de experiência - extrapolação - tenderia a prever a ocorrência, em breve, de uma recessão. Uma análise mais cuidada não conduz, no entanto, a essa conclusão».

Miguel Beleza: incentivos externos à própria Comunidade

Com alterações profundas no quadro comunitário, com perspectivas de desenvolvimento das relações com os países de Leste e com terceiros países, Portugal tem, à sua frente, um futuro que não se compadece de receios. Agressividade e espírito de iniciativa são condições essenciais para os sectores sócio-económicos nacionais.

O ministro das Finanças acrescenta que «é preciso reconhecer que a manutenção e reforço do crescimento e do desenvolvimento, em Portugal, depende de forma decisiva da adopção de medidas nacionais correctas que, quer de um ponto de vista estrutural, quer de um ponto de vista conjuntural, sejam propiciadoras da continuação do processo de crescimento e desenvolvimento».

Como conclusão, «é decisivo que o progresso realizado, na segunda metade da década de 80, no sentido de tornar coerente a orientação das políticas macroeconómicas, numa perspectiva de médio prazo, constitua um importante progresso no sentido de passar de uma situação em que a gestão macroeconómica se dirigia, com prioridade absoluta, para a 'gestão de crise', numa situação em que os aspectos estratégicos do desenvolvimento, a longo prazo, das potencialidades de evolução da economia portuguesa, ganhem predominância».

A.H.

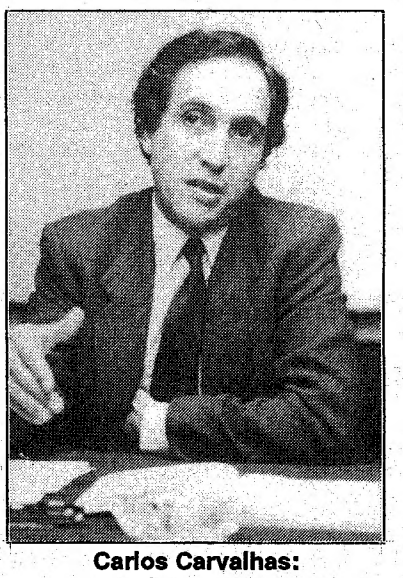
Carlos Carvalhas perspectiva futura arquitectura europeia

É urgente repensar estratégia de desenvolvimento

A futura arquitectura da Comunidade e da Europa não é fácil de prever, na opinião do eurodeputado comunista Carlos Carvalhas, que acrescentou haver «tendências que se desenham com maior nitidez que obrigam a repensar a estratégia de desenvolvimento e de negociação no âmbito da CEE».

Mas o papel que Portugal poderá desempenhar só será possível, conforme referido ao DL, mediante «um grande esforço na diversificação do aparelho produtivo, a produção com maior peso nas gamas alta e média e maior valor acrescentado nacional e o recurso a *joint-ventures*, nomeadamente com os países da Europa Central e de Leste».

Esta será uma forma de ultrapassar a tendência para o acréscimo de perificidade da economia portuguesa, acrescenta Carlos Carvalhas, que afirma que «Portugal tenderá a ficar ainda mais distante do grande centro da preocupação económica», bem como enfrentar «uma concorrência acrescida, quer na própria CEE, quer em relação a países terceiros, do nosso padrão de produção».



Rui Pacheco

Carlos Carvalhas: «Ainda há muito por fazer»

Muito por fazer

O eurodeputado, que acrescenta ser do interesse nacional a intensificação das políticas regionais, que a Secção Orientação da PAC ganhe cada vez mais peso e que sejam conjugados esforços com outros países, para que o Orçamento Comunitário venha a ser reforçado, recorda que, no plano interno, há muito por fazer.

Segundo afirmou, é indispensável «um grande esforço no sentido da melhoria do nosso perfil de especialização e do nosso padrão de exportações», sendo da maior importância que sectores fundamentais da economia portuguesa não fiquem na dependência dos centros externos de decisão, bem como das principais redes de distribuição.

«Neste particular - acrescenta - também o acesso e a entrada em redes de distribuição externas, ou internacionais, são decisivos para certos sectores produtivos». Diversificar o aparelho torna-se uma urgência, segundo afirma, do mesmo modo que deve ser feita a aposta «em produções que representam importantes segmentos do mercado europeu e mundial».

Carlos Carvalhas salienta, igualmente, que os acontecimentos verificados no centro e leste europeus, nomeadamente a unificação alemã, trarão consequências significativas para a Comunidade. Surgirão diversos choques para a economia portuguesa e «o horizonte de 1993, mesmo com os atrasos previsíveis, adquiriu uma nova dimensão».

A.H.

POLÍTICA

De Klerk encontra apoio para fim das sanções

Como se esperava, o Presidente sul-africano, Frederik de Klerk, encontrou junto do Presidente Mário Soares e do primeiro-ministro Cavaco Silva, o apoio procurado para o levantamento ou abrandamento das sanções económicas impostas pela CEE à África do Sul, embora algumas diferenças separem, no entanto, as posições de Belém e S. Bento.

Mário Soares, no discurso ontem pronunciado durante o banquete que ofereceu a Frederik de Klerk, elogiou a personalidade do presidente sul-africano e preconizou a aceleração do processo de negociações entre o governo daquele país e a maioria negra, mas considerou que o levantamento do estado de emergência na África do Sul e a libertação dos presos políticos «seriam medidas reveladoras da instauração de um clima de confiança recíproca entre todas as forças políticas do país».

Por seu turno, Cavaco Silva parece menos preocupado com estes problemas.

Em declarações ontem prestadas aos jornalistas no Palácio de S. Bento, o primeiro-ministro afirmou que existe «uma grande convergência de pontos de vista» entre Portugal e a África do Sul quanto à necessidade da paz em Angola e Moçambique.

Disse também que «Portugal entende que a CEE deve dar um sinal positivo que estimule o prosseguimento das reformas». Cavaco Silva revelou que Portugal vai propor na próxima cimeira que a Comunidade reexamine o problema das sanções, por entender que a África do Sul «já deu passos muito importantes e deve ser estimulada a prosseguir este processo».

Sampaio a De Klerk: «O respeito pelos direitos do homem e as instituições do Estado de Direito são sempre o melhor caminho para a estabilidade da sociedade e para o seu progresso»

Soares não evitou reafirmar mais uma vez que Portugal sempre condenou o sistema do *apartheid*, como sistema iníquo e desumano, sublinhando no entanto que se felicitava pelo espírito de diálogo que neste momento prevalece na África do Sul e visa a completa eliminação daquele sistema.

Disse ver em De Klerk um «político corajoso», atento aos sinais do tempo que passa, que tomou a iniciativa de abrir os caminhos da reconciliação nacional que hão-de devolver à África do Sul e a todo o seu povo o pleno gozo dos seus mais elementares direitos humanos e de cidadania «que são apanágio dos regimes democráticos».

Ao mesmo tempo, saudava Nelson Mandela «essa grande figura de político e de homem corajoso e responsável», sublinhando a «inteligência e ponderação» que tem caracterizado o seu comportamento.

Processo irreversível

O êxito de Frederik de Klerk nesta sua visita a Lisboa parece fora de causa. A sua personalidade impôs-se, mas subsiste o problema de que ele não é o rosto completo da África do Sul de hoje, embora tenha revelado que os resultados de uma recente sondagem indicavam que a maioria dos sul-africanos deseja a acomodação pacífica das diferenças existentes.

No discurso que pronunciou no Palácio da Ajuda, o Presidente sul-africano considerou «irreversíveis» as reformas no seu país, referindo que a situação requere agora uma nova abordagem e uma nova atitude de todos os governos em relação ao governo da África do Sul.

Apontou como objectivos da «África do Sul nova, justa e igualitária», uma vez conjugadas as complexas realidades do país, através de uma negociação que envolva todos os cidadãos, «a parrticipação de todos a todos os níveis do governo, o voto com igual valor para todos, a eliminação da descriminação baseada no racismo e a efectiva protecção dos direitos individuais e dos das mimorias».

Entretanto, tal como aconteceu nos restantes países já visitados por Frederik de Klerk, também em Portugal se manifestaram reacções negativas.

A CGTP, «face às recentes declarações do primeiro-ministro», no sentido do seu empenhamento pessoal no levantamento das sanções à África do Sul, «manifesta a sua preocupação e repúdio pelo propósito de tais objectivos que contrariam inclusivamente as decisões do Conselho de Ministros da CEE de 2 de Fevereiro em Dublin».

A CGTP «corrobora as recentes declarações de Nelson Mandela e outros dirigentes patrióticos e organizações sul-africanas», quando consideram que as medidas implementadas pelo governo de Pretória, «embora positivas, são limitativas tendo em vista o objectivo fundamental que consiste na erradicação definitiva do regime do apartheid».

Também o Movimento Português contra o Apartheid, em carta aberta dirigida ao presidente sul-africano, manifesta-se pela manutenção das sanções «e até o seu eventual reforço», por entender que «não se pode considerar a existência do sério empenhamento do governo da África do Sul, enquanto subsistirem legislação e acções concretas contrárias às consideradas essenciais» para o desmantelamento do *apartheid*.

Redacção «DL»

Macau debatido em Pequim

Os nove anos que restam ao período de transição de Macau constituem um tempo apertado e que passa rapidamente, exigindo de todas as partes envolvidas esforços enormes, afirmou o vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Tiang Zengrei.

Aquele responsável, que é agora o encarregado da diplomacia chinesa para os assuntos da Europa, fez a sua estreia em contactos formais com as autoridades portuguesas, ao oferecer ontem um jantar de boas vindas ao grupo de ligação sino-português, que hoje inicia a sua sétima reunião plenária na capital chinesa.

«A resolução dos diversos problemas deste período e a criação das condições apropriadas para a transferência de poderes constituem um projecto vasto e sistemático, que precisa dos nossos enormes esforços», referiu o diplomata chinês, que antes de substituir Zhou Nan, o actual director da agência «Nova China» em Hong Kong, era apenas responsável pela Europa de Leste.

As três grandes questões do ponto de vista da China para o período de transição são a oficialização do mandarim, a inserção de quadros chineses na Administração Pública e a tradução da legislação portuguesa.

As delegações chefiadas pelos embaixadores Pedro Catarino e Kang Jimin deverão debater, durante os encontros, a revisão do sistema de emissão de bilhetes de identidade em Macau e a adesão do território a organismos internacionais como o GATT.

O grupo de ligação luso-chinês iniciou a sua actividade a 15 de Janeiro de 1988, data da entrada em vigor da declaração conjunta sobre Macau assinada por Lisboa e Pequim.

Militares discutem defesa de Portugal

A defesa militar de Portugal está desde esta manhã em debate no Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM), por iniciativa deste estabelecimento de ensino e dos alunos do curso de coronéis. O seminário, inaugurado pelo general Firmino Miguel, tem como tema «A Defesa Militar de Portugal» e mereceu, desde o princípio, o patrocínio do chefe do Estado-Maior do Exército.

A análise da defesa militar portuguesa vai ser debatida em duas vertentes. Por um lado, «A defesa militar autónoma do território nacional e a participação portuguesa na OTAN», tema coordenado pelo chefe da Secção de Ensino e Estratégia e pelo oficial do Curso Superior de Comando e Direcção.

Por outro lado, «O conceito estratégico militar», amanhã objecto de exposição por um outro grupo do curso de coronéis do Instituto de Altos Estudos Militares.

O director do IAEM, general Loureiro dos Santos, destaca a «importância nacional e a actualidade dos temas perante as transformações do quadro estratégico da Europa», razão por que o Instituto considera «do maior interesse» promover um debate alargado a individualidades civis e militares que se têm debruçado sobre esta matéria.

Governo prossegue audição dos partidos

Lisboa pode ter cinco círculos eleitorais

Um projecto de proposta de alteração da lei eleitoral foi ontem apresentado pelo Governo ao Partido Socialista. Foi a primeira consulta à oposição, que hoje terá continuidade com as audições do PCP e do PRD, que ocorreram esta manhã, e do CDS e de Os Verdes, que serão ouvidos à tarde. O Executivo propõe-se entregar na Assembleia da República a proposta definitiva no dia 25, de modo a poder ser aprovada antes do Verão.

Além da alteração do número de círculos eleitorais que, nos termos da proposta governamental, passarão a ser 33, conhecem-se agora os limites da subdivisão dos círculos de Braga, Porto, Aveiro, Lisboa e Setúbal, aqueles que passariam a desrespeitar a divisão administrativa do território nacional.

O círculo de Braga seria dividido em dois - Braga-Norte e Braga-Sul - e elegerá 13 deputados, seis a norte e sete a sul. O Porto aparece dividido em quatro círculos com 31 deputados: Porto, propriamente dito (sete deputados), Porto-Norte (10), Porto-Sul (sete) e Porto-Interior(sete).

O círculo eleitoral de Aveiro, também segundo a proposta do Executivo, foi repartido em dois, elegendo 13 deputados: Aveiro-Norte (sete) e Aveiro-Sul (seis). Cinco círculos com 52 deputados é o que apresenta a geografia eleitoral de Lisboa: a cidade de Lisboa teria 17 deputados no Parlamento, Cascais-Sintra (oito), Amadora-Oeiras (seis), Vila Franca de Xira-Loures (oito) e Lisboa-Norte, de Alenquer a Torres-Vedras (quatro).

Quanto a Setúbal, o Governo pretende dividi-lo em dois, atribuindo-lhe 14 deputados. Setúbal-Norte (de Alcochete ao Seixal) teria nove deputados e Setúbal-Sul (de Alcácer a Sines) elegeria cinco.

Estes foram os pontos principais da proposta que o ministro dos Assuntos Parlamentares, Dias Loureiro, e o ministro da Administração Interna, Manuel Pereira, apresentaram ontem a uma delegação do PS que integrou Jorge Lacão, Arons de Carvalho e Armando Vara.

PS vai ouvir partidos

Pelo que o «DL» apurou, os socialistas insistiram, durante o encontro, na necessidade de se consagrarem mecanismos que garantam a aproximação dos eleitores, nomeadamente com a criação de gabinetes de deputados nos círculos que os elegeram e com a possibilidade de cada deputado poder apresentar, individualmente, projectos de legislação.

Por seu turno, o Governo garantiu que não estudou qualquer projecção de resultados na perspectiva das alterações que agora propõe para a Lei Eleitoral. «Como é que vamos simular as milhentas hipóteses de resultados que há?» - interrogou mesmo Dias Loureiro.

O PS propõe-se agora ouvir todos os outros partidos, manifestando-se disponível para novas conversações com o Governo.

Redacção «DL»

BREVES

Presidente da AMNP com Cavaco

O presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, recentemente eleito, Mário de Almeida, será recebido hoje ao fim da tarde pelo primeiro-ministro, Cavaco Silva. No encontro, deverá ser debatida a regionalização e a criação de regiões administrativas e o calendário para estabelecimento do necessário quadro legal. Além desta matéria, Mário de Almeida e o Conselho Directivo da ANMP deverão analisar com Cavaco Silva a questão das isenções fiscais decididas pelo Governo, que pode vir a afectar as suas receitas. A este encontro não serão alheias as recentes movimentações do PS e PCP sobre a eventual criação de áreas metropolitanas para o Porto e Lisboa.

Demite-se dirigente do PSD de Portalegre

O presidente da Comissão Política distrital de Portalegre do PSD, José Manuel Barradas, anunciou a sua demissão do cargo. Esta tomada de posição surge na sequência da decisão governamental que manteve António Teixeira como governador civil de Portalegre. José Manuel Barradas disse que esta era a «única atitude digna» a tomar depois de o Governo não ter atendido a vontade expressa pela Comissão Política distritalde ver substituído o actual governador.

STAPE nas eleições de S.Tomé

O primeiro-ministro disponibilizou técnicos do Secretariado Técnico para Assuntos de Processo Eleitoral, STAPE, para cooperarem com o Governo de S. Tomé e Príncipe na preparação das eleições que se vão realizar naquele país.

Descobrimentos portugueses em Macau

O representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros português junto da Comissão Nacional para as comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos, Brito e Cunha, está em Macau para preparar a participação do território no programa comemorativo que decorrerá em 1933.

António Costa apresenta candidatura

O dirigente socialista António Costa apresenta hoje em Lisboa a sua moção «Para ganhar '91» bem como a candidatura à liderança da Federação da Área Urbana de Lisboa do PS, FAUL, cujas eleições se realizam em Junho.

Políticos e jornalistas no futebol

Jornalistas e deputados vão defrontar-se amanhã no Estádio do Restelo, em Lisboa, num jogo de futebol de 11. Fernando Pessa foi convidado para dar o pontapé de saída. Da selecção de jornalistas fazem parte o antigo guarda-redes Delgado, Fernando Carneiro, Eugénio Alves, José Manuel Saraiva e Rocha Vieira. A equipa dos deputados integra João Corregedor, Marques Júnior, Luis Filipe Meneses, José Lelo, Rui Vieira, Arons de Carvalho, Sérgio Ribeiro e Nuno Delerue.

Alta Autoridade e Provedor na AR

A Assembleia da República reaprecia hoje a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, vetada pelo Presidente da República. O PSD anunciou já que continuará a votar a referida lei sem introduzir alterações. Também durante a sessão de hoje será eleito o novo Provedor de Justiça. Mário Raposo, cujo nome reuniu o consenso do PSD e PS, substituirá Ângelo de Almeida Ribeiro naquele cargo. Almeida Ribeiro vai representar Portugal na Comissão Europeia dos Direitos do Homem, Estrasburgo.

Educação em debate

O vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD, Carlos Coelho, disse ontem em Évora que «a escola está a perder a pedalada contra outras fontes de saber». Para aquele deputado, «o jovem hoje não sabe as coisas essenciais pela escola para sair dela como cidadão de corpo inteiro».

Viagem curta ao Estado Novo na Gulbenkian e ao sol posto

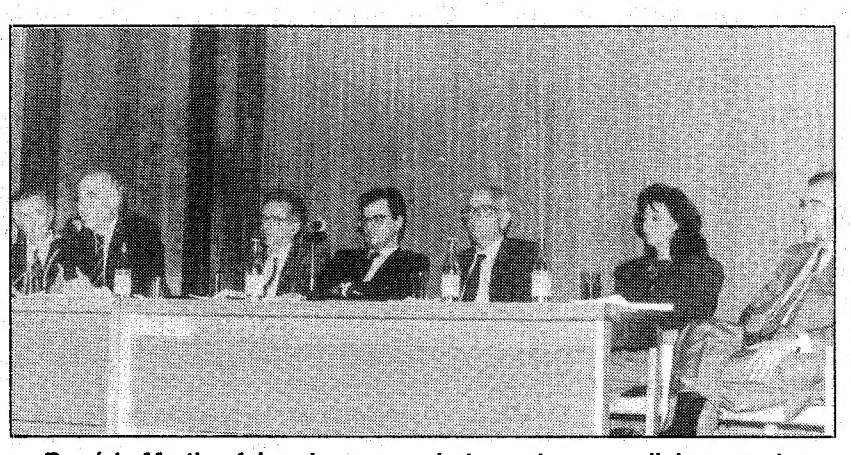
Ao analisar a evolução do Estado corporativo «que nunca passou da tese para as hipóteses», entre nós, para «um Estado de Segurança Nacional», com sorte idêntica, Adriano Moreira introduziu ontem dois conceitos inteiramente novos na análise do Estado Novo, que serviu como ministro do Ultramar, sob a direcção de Oliveira Salazar. Adriano Moreira falava na Fundação Calouste Gulbenkian durante mais uma sessão do ciclo « Anos 60: Os Factores de Mudança», promovido pela SEDES e o Centro Nacional de Cultura. «As Novas Tendências dentro do Regime» estavam ontem na ordem do dia.

O salazarismo exprimia, mais do que uma forma de governar, a adopção do Código de Direito Canónico à prática política: «A responsabilidade de governar deve pertencer a um homem aconselhado», citou Adriano Moreira, quando disse ter sido Salazar um seguidor da tradição romana no mundo profano português da altura em que impôs o seu mando e, mesmo depois, no tempo em que liquidou de forma mais ou menos expedita o peso político de dissidentes do interior do próprio regime.

Os conceitos mais elaborados - e portanto mais simples - de Adriano Moreira acabariam por, durante o debate, serem quase ignorados, devido à polémica entre dois ex-oposicionistas, Salgado Zenha e José Manuel Galvão Teles, sobre a magna questão de averiguar que divergências ditaram, em 1969, a cisão das oposições tradicionais acrescentadas de novos militantes oriundos de outros quadrantes.

Como o quadrante católico, de que muito se falou.

Dentro dos poderes de facto, as Forças Armadas mereceram pouca atenção por parte dos participantes do painel moderado por Guilherme d'Oliveira Martins. O mesmo não sucedeu com a Igreja cujos militantes da década anterior, como Rogério Martins ou José Luís d'Orey, espelharam divergências no protesto quanto ao que se passava, o primeiro reivindicando uma parte dos méritos da viragem da Acção Católica, o segundo relatando uma experiência no terreno empresarial que, mesmo partindo de uma formação cristã doméstica e reforçada em Santo Tirso, reagiu com meios moderados à prática do Estado Novo.



Rogério Martins falou do seu combate contra o condicionamento industrial, como governante durante o tempo de Salazar

Rogério Martins descreveu o seu combate contra o condicionamento industrial, como governante durante o tempo de Marcelo Caetano. Farto de muros tradicionais erguidos por uma máquina pesada, e apesar de ter levado para o Governo gente conotada com a esquerda ou com a crítica feita no interior do próprio regime, acabou por nunca ver no «Diário do Governo» da altura a consagração da sua nova política industrial.

«Éramos muito ingénuos?» - perguntou-se.

«Talvez» -respondeu.

José Luís d'Orey relatou, por seu turno, uma experiência bem diversa: a do empresário que tenta levar os seus confrades à fala com os sindicatos. Das impossibilidades de antes do acidente vascular de Salazar até ao imobilismo forçado dos últimos tempos de Marcelo, passando pela pequena chantagem quanto à concessão de subsídios a um patrão menos alinhado, José Luís d'Orey contou alguns episódios interessantes.

Este ex-sócio da «Pragma», cooperativa cultural católica que viria a ser encerrada, aludiria à acção de católicos do interior do regime, repita-se, em termos bastante similares, apesar de mais militantes, que os de Rogério Martins.

Ao evocar outros tempos, os da geração seguinte, José Manuel Galvão Teles salientaria uma constante, a do combate ao dogmatismo, quer contra as verdades eternas da Igreja Católica, quer contra as verdades recentes e fortes dos comunistas, sempre evocando a passagem pela CDE de 1969.

No sentir de Adriano Moreira, foi poderosa a intervenção da Igreja para «conservar a moral tradicional», mas mais importante a «Igreja missionária» servida na diocese da Beira por um bispo como D. Sebastião Resende.

Sempre mais identificado com o que estava no programa do painel, Adriano Moreira retomaria uma forma cara à propaganda do regime deposto em 25 de Abril de 1974, ao aludir às Forças Armadas no estatuto de «espelho da Nação», definidas como «o movimento da província contra a cidade».

Foi assim, quiçá, por duas vezes: a primeira em 28 de Maio de 1926; a segunda nos planos operacionais de há 16 anos e pouco.

João Isidro

Com «finalidades sociais»

«Programa de Governo» PS defende economia de mercado

O programa de governo do PS para 1991, a discutir no Congresso de 25, 26 e 27 do corrente mês, propõe «uma economia de mercado norteada por finalidades sociais», sublinha o documento ontem à noite aprovado pela Comissão Política. «Trata-se de um texto que neste aspecto tem em conta a actual situação no Leste Europeu», afirmou um elemento daquele órgão ao «DL».

O «projecto de Governo» do PS para o próximo ano defende «um melhor Estado e melhor mercado», salientando que «Estado e mercado não são incompatíveis, mas complementares».

O documento enfatiza a «falência generalizada das economias do Leste», razão por que «reafirma o seu empenhamento nos valores de uma economia de mercado norteada por finalidades sociais».

Importante é ainda o facto de apontar como «primeira razão de ser dos socialistas o combate contra as desigualdades sociais», sublinhando que o PS «não pretende fabricar a igualdade», mas, sim, «em nome do princípio igualitário, que é um valor permanente do socialismo democrático, lutar contra a injustiça social».

Reprivatizações e reestruturação

As reprivatizações constam também do programa do Governo para 1991. O texto final aprovado pelo Partido Socialista salienta sobre esse ponto que o processo «deve ser desenvolvido paralelamente à reestruturação do sector público produtivo, com o lançamento de fortes grupos económicos e financeiros públicos, igualmente internacionalizáveis».

«As reprivatizações deverão ser levadas à prática num quadro de tansparência, onde a suspeição não tenha tereno próprio», acrescenta o documento.

Dissecando tema por tema as grandes questões nacionais, o programa defende como prioridade governativa a «igualdade de acesso na educação», apontando também para a necessidade de «estancar o agravamento incontrolado do défice habitacional e de aperfeiçoar o serviço nacional de saúde, articulando-o com o desenvolvimento de esquemas privados».

Regionalização e autarquias

O Partido Socialista aposta, segundo o texto ontem aprovado, na descentralização, com «a criação de regiões administrativas e o reforço progressivo dos poderes autárquicos».

Este é outro dos capítulos modernos do programa de governo do PS que o congresso privilegiará, não estando afastada a ideia de aparecerem propostas inovadoras sobre a matéria descentralizando a própria organização do Partido Socialista sobre regionalização.

No documento, os socialistas defendem ainda «a construção de uma nova ordem ecológica nacional e mundial, a valorização dos recursos humanos nacionais como factor estratégico do desenvolvimento e a intervenção dos agentes económicos portugueses no processo de internacionalização da economia».

Redacção «DL»

POLÍTICA

Soares em Marrocos para expandir cooperação

O Presidente da República parte esta tarde para uma visita oficial a Marrocos, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, o secretário de Estado do Comércio Externo, representantes dos partidos e empresários ligados a sectores em expansão no relacionamento luso-marroquino.

A comitiva oficial conta ainda com a presença dos presidentes da Fundação Oriente, Carlos Monjardino, do Instituto de Cooperação Luso-Árabe, Luis Morales e José Bártolo do IPE, Investimentos e Participações do Estado.

Esta visita do chefe de Estado Português surge num momento de desenvolvimento das relações bilaterais, designadamente nas áreas militar e comercial.

Em entrevista divulgada ontem pela agência noticiosa marroquina (MAP), Mário Soares disse que vai discutir com o Rei Hassan II, homem que muito admira politicamente, a situação em Angola.

O Presidente reconheceu a importância do tradicional bom relacionamento de Marrocos com o Governo de Angola e com a Unita. É provável que a situação Médio Oriente seja também tema de conversa entre Hassan e Soares.

O Presidente da República quando chefiou a delegação da Internacional Socialista (IS) para o Médio Oriente e antes da retirada de Arafat do Libano, chegou a encontar-se com o líder da OLP.

Na sequência destes contactos, o Partido Socialista, na altura liderado por Soares, tenta uma aproximação entre as duas partes em conflito, promovendo em Albufeira uma reunião da IS, com a participação de Simon Peres, do Partido Trabalhista de Israel, e para a qual estava convidado Issam Sartawi em representação da OLP.

Poucos dias antes, na Universidade de Oxford, Sartawi admitira a hipótese de um encontro directo entre israelitas e palestinianos e reconhecimento de dois Estados na Palestina: um hebreu e outro árabe.

Considerado um moderado, Issam Sartawi seria assassinado em Portugal por um comando da ala radical palestiniana liderada por Abu Nidal.

Na entrevista à agência marroquina o Presidente da República salientou o facto de existir em Marrocos uma comunidade judaica, que tem sido respeitada. Este factor político levou o Governo marroquino avançar, há já algum tempo, com um plano de mediação no conflito entre palestinianos e israelitas, embora sem êxito.

Reforçar as relações bilaterais

No âmbito da visita do Presidente da República realiza-se, em Casablanca, um seminário luso-marroquino sobre as relações bilaterais, que conta com a presença de dos dois ministros marroquinos do Comércio e dos Assuntos Económicos e Privatização e do secretário de Estado Português do Comércio Externo.

No final do encontro será assinado um acordo de cooperação entre as câmaras de comércio e indústria de Casablanca e luso-marroquina. No porto de Casablanca encontram-se dois navios hidrográficos portugueses que vão colaborar no projecto da instalação de um novo e sofisticado cabo submarino entre Marrocos e Portugal.

A estada de Mário Soares em Marrocos será aproveitada para intensificar os laços culturais que ligam os dois países. Em Rabat, o Presidente inaugura, amanhã, uma exposição de pintura portuguesa. No sábado, já em visita particular, Mário Soares preside à abertura, em Arzila, de exposições de fotografia de António Alegria e de aguarelas de Rui Cabrita.

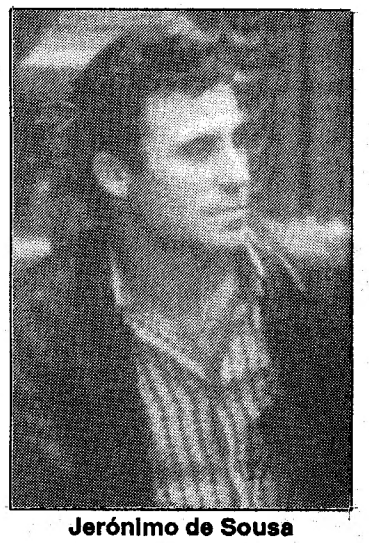
M.J.R.

Na Assembleia da República

PCP propõe limite para rendas sociais

O Partido Comunista entregou, na Mesa da Assembleia da República, um projecto de lei de rendas sociais, segundo o qual não seria exigido aos moradores dos bairros sociais um esforço no pagamento de rendas de casa superior a 20 por cento do rendimento líquido do agregado familiar já descontadas as despesas de alimentação e saúde.

Este projecto enquadra-se na interpelação ao Governo sobre política geral, centrado no «agravamento das desigualdades na sociedade portuguesa com a proliferação de fenómenos de marginalidade, discriminação e outras injustiças no plano social, económico, educativo e cultural.» A previsão da bancada parlamentar do PCP aponta para o agendamento deste debate em meados de Junho.



Jerónimo de Sousa

Os deputados comunistas manifestam-se, em particular, contra «a acentuada desertificação humana do interior do País» e os desiquilíbrios regionais «agravados, contraditoriamente, pela política desenvolvimentista do Governo actual.» Disse Jerónimo de Sousa, em conferência de Imprensa, acompanhado por elementos da sua bancada - Manuel Filipe, Apolónia Teixeira, Luis Roque e Ilda Figueiredo - serem igualmente chocantes os despejos ordenados pelo governador civil de Lisboa e que colocaram ao relento famílias inteiras até agora moradoras em bairros sociais da Assembleia Municipal de Lisboa e no antigo bairro da Sacor.

Sobre o fundo da interpelação propriamente dito, o Partido Comunista estranha o facto de, apesar do crescimento económico verificado nos últimos anos, se ter cavado o fosso entre os rendimentos do capital e do trabalho com todas as suas sequelas sociais. Essas sequelas atingiriam particularmente, como diz o PCP nos fundamentos invocados para a sua interpelação, os jovens, as mulheres, os reformados e pensionistas e os deficientes.

A tradução prática quotidiana dessas sequelas encontra-se, diz o PCP, na precarização do emprego, na dificuldade de acesso à habitação e ao ensino, na deficiente protecção social, no analfabetismo e, especialmente, nas novas manchas de pobreza que estão a alastrar no País.

«Provaremos na interpelação», disse Jerónimo de Sousa em síntese às intenções dos parlamentares comunistas, «que a modernização da sociedade não pode constituir argumento para a acentuação das desigualdades, nomeadamente no quadro da Comunidade Económica Europeia».

Antes de levar à prática a sua interpelação ao Governo, o Partido Comunista pretende recorrer na Assembleia da República ao instituto das audições públicas para recolher os contributos das organizações sociais e humanitárias. dedicadas ao combate à pobreza e às desigualdades sociais.

ESTA SEMANA
TOTOLOTO NA EUROPA
Agora é que é Ganhar em Grande

totoloto 6:49

A partir desta semana o TOTOLOTO vai passar a ter 49 números. É o Figurino Europeu.

Agora é que Ganhar em Grande. Prémios ainda maiores, de muitos milhões. Não esqueça, entregue já o seu boletim.

totoloto
É Fácil. É Barato. Dá Milhões.
1985 • 1990 5º ANIVERSÁRIO

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

FORUM

MILÃO-BOLONHA: UM LOUCO NA AUTO-ESTRADA

Percorria eu, em hora e meia, os três quilómetros que separam a entrada da auto-estrada Milão-Bolonha da portagem. E reflectia. A culpa é minha. Já devia saber que não é preciso ir de automóvel, que se vai muito bem de comboio. Só porque tinha comigo três caixotinhos de livros resolvi tentar a aventura. Bastava despachar os ditos caixotes pelo correio, além de que teria gasto menos. Mas havia dois anos que não «punha os pés» na auto-estrada e apetecia-me experimentar de novo a sensação de acelerar. Burrice.

Quando as regalias de uma elite chegam ao alcance de todos ninguém mais pode gozá-las. Tempos houve em que apenas o requintado professor de Thomas Mann ia para Veneza. Hoje, qualquer um lá chega, mas depara-se-lhe uma Veneza impraticável. É o que acontece com a proibição dos automóveis nos centros históricos: patetas os comerciantes que temiam que ninguém por lá passasse. Passam todos na mesma. Mas, mal os centros históricos se tornam exclusivos para os peões, são invadidos pelas multidões da periferia, as «boutiques» são substituídas por empórios de «blue jeans», a Via Montenapoleone transforma-se na Via Buenos Aires, a Via del Corso torna-se o Prenestino e a Ku'damm de Berlim passa doravante a vender cuecas de plástico.

As divisões entre as classes sociais são móveis e elásticas. Hoje, os pobres vão para Montenapoleone e para a Piazza di Spagna. E os ricos? Ah! Quando o souberem é tarde de mais...

Há dois anos que não andava eu na auto-estrada porque nos últimos dois anos por três vezes me roubaram o automóvel. Como não o utilizo tenho-o na garagem, mas três vezes o deixei à porta de casa e três vezes mo roubaram. Quem se pode permitir o luxo de um automóvel não o pode gozar.

Pergunto-me se estes casos não poderão ser evitados. Hoje os carros estão equipados com várias estravagâncias electrónicas. Por duzentas ou trezentas mil liras pode adquirir-se controladores de direcção electrónicos, de bolso, com a respectiva palavra de ordem. Não percebo nada do assunto mas creio que é possível construir veículos que se ponham em movimento apenas com uma palavra de ordem.

Em tempos, na falta das chaves, o ladrão ligava dois fios e o automóvel partia. Mas hoje julgo que existe um sistema pelo qual, mesmo pondo os tais fios em contacto, o carro não se põe em marcha sem a dita palavra de ordem. Mas se nos esquecemos da palavra de ordem? E se perdemos as chaves? E se depois o sistema electrónico se avaria? E se as velas «dão o berro»? Deixa-se o carro onde está e chama-se o pronto-socorro. Mas não haverá maneira de se encontrar o sistema que quebre a palavra de ordem? Com certeza que sim, mas é preciso um curso de informática, além de que se reduz a taxa de ladrões de automóveis em 90%. E se temos uma amnésia e nos esquecemos de tudo inclusivamente da palavra de ordem? Para não correrrmos o risco de ficar sem carta o melhor é tatuar a dita palavra nas nádegas.

Quando entramos no carro, ao tirarmos as calças, um delicado sistema de espelhos múltiplos comunica em código a palavra à central, esta transforma os dados em som e uma voz doce comunica-nos: «A sua palavra de ordem é Engelbert Humperdinck.»

Já sei que um professor de informática de Milão, tristemente conhecido por tais intervenções, escreverá um artigo para me informar que estou enganado, porque é difícil encontrar um sistema computorizado que registe uma palavra de ordem superior a sete letras.

Umberto Eco

«Okay», estava a brincar, e estou pronto a aceitar o vocábulo checoslovaco para «gelado» que é «zmrzlina». Diga, professor? Não são sete mas oito letras? «Ops», tornei a enganar-me.

Mas agora, que me estou a aproximar da portagem, entro em crise: se ninguém mais conseguir roubar automóveis, todos os automóveis não roubados ocuparão, de direito, o seu lugar no parque de estacionamento. E será um pouco como se os estudantes inscritos na Universidade se apresentassem, todos, de repente, nas aulas. Se ninguém mais roubasse automóveis a cidade ficaria obstruída. Os ladrões de automóveis aliviam a circulação, «desviam» os carros do centro, sob falsas matrículas, para os arredores. Os ladrões de automóveis são tabeladores do trânsito. Um engenho electrónico que impeça o furto de veículos provocaria o entupimento do centro da cidade, a ruína das companhias de seguros, a crise das grandes empresas automobilísticas.

Façam de conta que eu não disse nada.

Exclusivo L'Espresso/«DL»
(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

CARTAS PERSAS

A GARBO, DIVINO FANTASMA

Fosse eu director do jornal, este ou outro, persa ou de qualquer sítio, e no dia 16 de Abril não seriam as notícias de que o Santo Padre deseja favorecer o diálogo entre russos e lituanos, ou de que a Líbia esteve por detrás dos reféns X, ou de que os polacos têm receios alemães, ou, em fundo meditado, de que há renascença da Igreja a Leste, que ocupariam o alto da primeira página, como foi o caso no jornal que olhei nesse dia. Mas sim outra notícia que ali só tinha título de rodapé, e que anunciava a morte de Greta Garbo.

Porque, por ordem de importância, essa é que foi, em tal dia, a notícia, o acontecimento - isto é, aquilo que de essencial nos aconteceu! Mesmo que tivesse morrido o Papa ou o Kadhafi ou algum polaco, vedetas, todas elas, transitórias da cena conjuntural - quando a Garbo o é de uma cena estrutural, e o seu trânsito é eterno e infinito... Como dos mitos é próprio e propriedade.

«Divina» lhe chamou o público, do título de um filme de Sjöstrom, em 1928: «A Mulher Divina» que, no argumento, era a célebre Sarah Bernhardt, a quem isso também tinham chamado - e, entre o palco dos avós e o ecrã dos netos, a adoração passava. Agora, porém, em luz e sombras e eternidade da imagem. E em sua magia também, perene por natureza - natureza dela, natureza nossa...

A Garbo: a própria designação, com seu artigo, de uso em «divas» de ópera, raramente de teatro, e talvez jamais, antes ou depois, de cinema, é sinal duma distinção sem partilha. Ela foi assim «divina», de filme em filme, desde «A Carne e o Diabo», com John Gilbert até à «Mulher de Duas Caras», último filme seu, de 1941, catorze anos depois: um sucesso e um insucesso, por idênticas razões de imoralidade de carne... Entretanto, porém, ela falou na «Ana Christie» de Clarence Brown e Eugène O'Neill, e riu na «Ninotchka» de Lubitsch - quando a sua voz e o seu riso foram esperadas e receadas novidades. Que voz, assim quente e profunda, podia haver tão gravemente dramática no cinema que começava a falar? E a primeira réplica de Ana Cristina fez-se esperar, teve o tempo de ansiosa expectativa, veio após gestos e olhares, na taberna do miserável hotel do porto... E que riso outro a Garbo podia ter, quando, em cascata sonora, de tons graves e altos, ele se lança, irrepreso e contagioso, para toda a sala que esperava a promessa, em 1939 - há meio século quase exactamente, e como se fosse ontem mesmo?...

Ana Cristina e Ninotchka são personagens de drama ou comédia habilmente propostas: os costumes de uma ou de outra mudaram com os tempos e as soviéticas de hoje têm ou começam a ter do consumo pecaminoso do Ocidente parisiense mais luzes.

Mas a Garbo foi outras coisas - objectos sacros que saem dos limites da história contada para uma vida independente que da imagem assumida para sempre dependem. E ela foi a Ana Karenina do Tolstoi (duas vezes até), e a Dama das Camélias do Dumas Filho, e a Maria Walewka do Napoleão, e a rainha Cristina dos Suecos...

Ela foi esta mulher triste no seu sonho misterioso, pecadora redimida, ou redimida também em outra morte que a embeleza, ou no fim do seu destino que foi não o ter - ou à proa da nave que, de veludo vestida e enluvada, a leva para outro não-destino, nas águas do mar do Norte, só olhar que é então, fixo, como fixa a boca estreita, numa expressão ausente do vazio que dentro da rainha poética se fizera. E se fez, à ordem genial do realizador Ruben Mamoulian, seu amante disse-se, como de tantos outros...

José-Augusto França

Aí a lenda associa-se ao mito, emprestando-lhe amores, de Stiller, de Gilbert, de Stokowsky, inventados ou reais na realidade que ela, a Garbo, silenciou durante cinquenta anos até agora. «Era uma mulher de génio e levou uma destas existências excepcionais que não podem ser julgadas com as ideias de todo o mundo». Assim Balzac escreveu de Georges Sand, e um biógrafo recordou para a Garbo, há trinta e cinco anos já. Ah, como «nós os poetas surrealistas procurávamos evidentemente esta mulher fantasma»! Assim Soupault, mais trinta anos atrás, o tinha sentido, por conta e ordem de Lautréamont e de Rimbaud...

O MEU ÚNICO CONTACTO COM OS NAZIS

Conheci Joachim von Ribbentrop em 1937, tinha eu 11 anos de idade, quando era embaixador alemão em Inglaterra, desde o ano anterior.

O decorrer dos acontecimentos obrigou-me a nunca o esquecer, e se atribuo a recordação dele mais aos acontecimentos do que à memória, é exclusivamente porque não acredito que ele figurasse com tanta nitidez nas minhas recordações de infância se um ano depois das minhas idas a sua casa não tivesse eclodido uma guerra que me marcou e que me obrigou a manter definitivamente, diante dos olhos, as figuras, e os acontecimentos, relacionados com ela.

Ribbentrop era um homem frio, faccioso, obcecado pelo papel que a Alemanha tinha a desempenhar, em seu entender, numa Europa decadente e tolerante para com os judeus e os comunistas.

O seu dia-a-dia era inteiramente dominado pela raiva surda que sentia ao constatar que essa mesma Europa nem se punha de cócoras perante o comunismo, nem acatava as ordens do Fuhrer com respeito e a veneração que lhes eram devidas.

Talvez por isso, olhava, com desprezo, para todos os países e tentava impor a Alemanha a tudo e a todos, fossem quais fossem as circunstâncias.

Afirmar que vi tudo isto no decorrer de umas breves visitas que fiz a sua casa é, evidentemente, falsear a realidade; mas ocultar que ele nunca escondeu a sua maneira de ser, apesar de eu ainda não saber compreendê-la, é continuar a falseá-la, até porque os dados estavam todos perante os meus olhos infantis — eu, é que ainda não sabia interpretá-los.

A Embaixada alemã era grandiosa, imponente, mobilada no estilo pesado e pomposo que tanto agrada aos países que se querem impor, e às pessoas que pretendem passar por terem fundos e tradições inexistentes — os móveis pareciam catedrais; os tapetes, florestas, e as gravuras evocavam heróis que nunca cheguei a saber quem fossem.

Recordo, porém, que o retrato de Hitler figurava em lugar de honra em todas as salas, obrigando o ditador a espreitar os visitantes com um ar autoritário que nem o bigode conseguia disfarçar, e que impunha aos mais novos, como era o meu caso, um medo imenso de serem apanhados de mãos nos bolsos, ou sem as expressões circunspectas que a sua presença parecia exigir.

Julgo que atravessava as salas, até ao último andar, com um medo enorme de ser descoberto em falta, até porque, naquele ambiente, todos se sentiriam em falta, ainda que nunca tivessem cometido um pecado venial.

Cruzar-me com um funcionário da embaixada era, por outro lado, apavorante, porque todos eles se passeavam tão hirtos e formais como se o mundo dependesse da sua conservação incólume e rígida postura — ai de quem sorrisse, ou metesse o dedo no nariz naquela formal e tenebrosa casa!

Consolavam-me apenas dois factos — o de saber que os meus sentimentos eram inteiramente partilhados pelos meus Pais, e o de me aguardar, no segundo andar, um magnífico comboio eléctrico superior a todos os que vira até então nas montras das lojas.

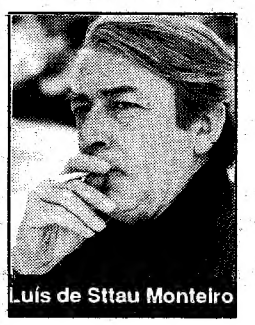
Este maravilhoso comboio era, aliás, o pretexto que justificava as minhas visitas, já que eu ia à embaixada alemã, a convite de Ribbentrop, para brincar com esta magnífica e opulenta demonstração da capacidade mecânica alemã — mais tarde tive inúmeras ocasiões de verificar que esta capacidade mecânica não se confinava à construção de brinquedos...

O que mais me espantava, porém, era o manifesto desprezo com que Ribbentrop se referia aos povos latinos, não perdendo uma única ocasião de me lembrar que eu não passava de um «latino» que tinha a felicidade de lidar com um povo superior — fizesse eu o que fizesse, o futuro ministro dos Negócios Estrangeiros alemão admoestava-me pela minha origem latina: não se podia confiar na minha gerência das inúmeras estações porque os latinos não percebiam nada de comboios, e não se podia entregar-me o comando das ligações porque os latinos não sabiam nada de electricidade.

Tudo isto, note-se bem, dito sem um sorriso, ou um sinal de que o embaixador se estava a rir — as admoestações feitas tinham a natureza de um diagnóstico que dava a entender estarem os povos latinos inevitavelmente destinados a serem dirigidos por um povo superior e ariano.

Os latinos, como Ribbentrop me explicou, sem um sorriso, não tinham a felicidade de ser arianos e não tinham, por isso, responsabilidades históricas.

De quando em quando — não me recordo da frequência com que isto acontecia — o embaixador alemão aparecia fardado de preto, com botas altas e símbolos metálicos espalhados pelo uniforme, como se estivesse em Berlim a gritar perante uma multidão de «futuros democratas». Nesses dias era ainda mais ríspido e duro, não permitindo que ninguém, senão ele, tocasse nos comandos do famoso comboio.


Luís de Sttau Monteiro

Outra das suas características, era optar por um tom militar sempre que se dirigia aos seus subordinados — até para que lhe trouxessem um copo de leite dava uma ordem ríspida ao criado, e este apressava-se a obdecer, como se estivesse a cumprir um mandamento do destino.

O comboio, porém, justificava todos os sacrifícios e humilhações a que eu me sujeitava nestas visitas, tal como justificava que eu não contasse ao meu Pai os ditos de Ribbentrop — se o fizesse nunca mais teria ocasião de ver as minúsculas locomotivas alemãs...

Confesso que de tudo isto ficou-me apenas a imagem nítida do homem que levou Hitler a não acreditar na combatividade dos ingleses — do resto ficou-me, apenas, a ideia confusa de uma Alemanha novarica e arrogante que anos mais tarde vim a conhecer, numa fase em que o novo-riquismo mudara de feição.

A memória de um homem, porém, não é tão imutável como a julgam usualmente e muitas vezes as recordações humanas vão sendo progressivamente modificadas por acontecimentos posteriores e, muitas vezes, por certas pessoas e acontecimentos que julgávamos estarem definitivamente gravados nela, com toda a veracidade, por não corresponderem à realidade absoluta — acabamos por evocar, não os factos que presenciamos, mas aqueles a que assistimos alterados pela nossa interpretação em cada momento.

Pergunto-me, por isso, se o retrato que retenho de Ribbentrop seria o mesmo se, posteriormente, eu não tivesse sido bombardeado, todos os dias, pela Luftwaffe, se Hitler não tivesse destruído metade da Europa, e se eu nunca tivesse tomado conhecimento das barbaridades cometidas por ele, e pelo seu regime, contra os judeus.

Não sei responder às perguntas que me faço sobre esta questão, mas como não desejo ser injusto para com ninguém — amigo, ou inimigo — aviso os meus leitores destes perigos, até porque a minha ideia de Ribbentrop não corresponde, em nada, à imagem oficial deste homem que aparece, quase sempre, sorridente e sem uniforme nas fotografias.

Não quero terminar, porém, sem afirmar que mantenho esta imagem com uma enorme nitidez e que ela contribui — ela e o meu conheciemnto da história alemã — para que eu encare a inevitabilidade da unificação da Alemanha com um imenso receio, que julgo partilhar com os milhões de europeus que sabem o que é a guerra com um saber de experiências feito.

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de Francisco Sousa Tavares:

(...) Um Governo que dispõe de um ministro-adjunto com competência delegada para a área da Comunicação Social, de um secretário de Estado com as mesmíssimas funções, mais outro ainda inserido na Presidência do Conselho e cuja colherada na Comunicação é pública e autorizada, sem falar numa Direcção-Geral da Comunicação Social, vai inventar um mostrengo mascarado com o nome de «Alta Autoridade» - seria mais apropriado o de «Baixa Autoridade» - para exprimir unicamente as opiniões ou as vontades do próprio Governo (...)

15.MAI.90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) Seria incorrecto identificar, sumariamente, a Reforma Agrária com o projecto comunista. Em rigor, deveríamos talvez falar de Reformas Agrárias, no plural, porque também os outros partidos que estiveram no Poder, ao longo destes anos, e nomeadamente o PSD e o PS, elaboraram a sua defesa daquilo que consideravam a verdadeira Reforma Agrária, contra a respectiva apropriação pelos comunistas. E, em 1975, todos os partidos que se consideravam de esquerda revolucionária procuravam ter as suas *UCP.*

Mas aquela identificação dominante tem a ver com o facto de a zona de Intervenção da Reforma Agrária coincidir, desde o início, com uma área geográfica e humana de maior implantação do Partido Comunista, com ostensiva tradução eleitoral. O PCP dirá que assim foi porque soube interpretar e protagonizar as lutas do povo pobre alentejano. Os seus adversários dirão que foi antes porque fez das suas *UCP autênticas fortalezas políticas que deram aos trabalhadores aí empregados uma ilusão de estabilidade, permitindo uma mais fácil condução ideológica. Há, talvez, uma parte de verdade em ambas as afirmações. (...)*

14.MAI.90

o diário

Do editorial:

(...) Aparentemente, os dois grandes partidos da oposição estariam a ir no mesmo caminho. Mas só aparentemente. De facto, a concepção de área metropolitana de comunistas e socialistas é substancialmente diferente. O PS, neste campo como noutros, parece mais tentado a estender pontes em direcção ao partido governamental do que aos seus parceiros na governação da capital do País.

Para os comunistas, a instituição das áreas metropolitanas quer em Lisboa quer no Porto, não pode ser encarada separadamente da problemática da criação das regiões administrativas. E estas não poderão ter como órgão executivo o conjunto dos presidentes das Câmaras, como pretende o PS, que as encara mais como uma associação de municípios. Deverão, para os comunistas, ter órgãos eleitos por sufrágio directo e que não sejam colocados na dependência efectiva das Comissões de Coordenação Regional (CCR), cujos poderes os socialistas parece não contestarem. De facto, não só não os contestam como, na reunião deste fim-de-semana no Porto, apontaram para que elas tenham competências delegadas de todos os ministérios, funcionando como uma estrutura técnico-política que possa traçar as grandes linhas em todos os domínios. (...)

14.MAIO.90

CAPITAL

Da coluna «Escrita em dia»:

(...) Se a tendência natural dos povos não fosse a de olhar para a frente — vendo, portanto, com mais clareza o que ainda está por fazer — sem se deter demasiado tempo na contemplação do que já se fez, a figura do actual chefe do Estado sul-africano seria alvo apenas de elogios por parte de quantos sofreram na carne o «apartheid» e dos que lutaram ou simplesmente se pronunciaram pelo seu termo. Como assim não acontece, De Klerk está na posição pouco invejável de se sentir colocado a meio de uma tenaz — de uma parte, a apertá-lo, tem os radicais brancos que não desarmam e o apelidam de «traidor»; de outra, a apressá-lo, os liberais e a comunidade negra, que consideram estar tudo a andar com demasiada lentidão.

14.MAIO.90

INTERNACIONAL

Mesmo com retirada soviética do Leste

Tropas dos EUA ficam na Europa

Nos próximos quatro dias vai jogar-se a última oportunidade para que na próxima cimeira Bush Gorbachev, marcada para 30 de Maio em Washington, seja assinado um tratado de desarmamento. Chegou hoje a Moscovo o secretário de Estado norte-americano, James Baker que até ao fim-de-semana discutirá com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, a agenda da cimeira.

Não obstante ontem ter declarado que os EUA vão manter as tropas na Europa, mesmo que a URSS retire do Leste, acredita-se que Baker levará algumas concessões na carteira que abrem possibilidades para um entendimento sobre redução dos armamentos estratégicos.

Baker justificou a manutenção das tropas norte-americanas na Europa dizendo que «mesmo que as forças armadas da URSS regressem ao seu país e o controlo sobre os armamentos convencionais avance, os militares soviéticos conservarão forças várias vezes superiores às possuídas por qualquer outro Estado». O secretário de Estado reafirmou também a manutenção da NATO, mas sugeriu que a aliança assuma uma feição mais política e dialogue com a URSS e os outros países do Leste e do Centro da Europa.

As possíveis concessões que Baker estará disposto a fazer para que (segundo o que ficara acordado na cimeira de Malta, em Dezembro do ano passado) seja possível assinar um tratado entre as superpotências a 30 de Maio, foram ontem adiantadas pelo «Washington Post».

Para o jornal norte-americano, os EUA estariam dispostos a aceitar a posição soviética de inclusão entre os armamentos estratégicos dos mísseis de cruzeiro com alcance superior a 800 quilómetros, em vez de mil.

Nas conversações de Moscovo, os dois ministros deverão abordar também o estado das negociações CFE de Viena, sobre armas convencionais, que ontem recomeçaram, embora sem grande entusiasmo, devido à discordância dos soviéticos sobre o futuro estatuto de uma Alemanha unificada.

Redacção «DL»/Lusa

Após derrota eleitoral

Helmut Kohl redefine planos da unificação alemã

O chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, já redefiniu a sua estratégia para a unificação alemã. Vinte e quatro horas após serem conhecidos os resultados das eleições regionais, que reafirmaram uma vez mais a descida do principal partido do Governo (CDU) e permitiram ao SPD (oposição) obter a maioria dos lugares na Camâra Alta do Parlamento (Bundesrat), Kohl está decidido a manter o ritmo acelerado da unificação, a ter mais em conta os custos da unificação e a marcar eleições para um Parlamento comum aos dois Estados alemães o mais cedo possível.

Helmut Kohl gesticula durante o seu encontro com o primeiro-ministro da RDA, Lothar de Mazière

Assim, os dois dirigentes alemães, Helmut Kohl e Lothar de Maziére, reuniram-se ontem ao princípio da noite, em Berlim Ocidental, dando início à segunda cimeira em três semanas sobre a unificação alemã. Em declarações à Imprensa, os dois estadistas reafirmaram a necessidade de progredir sem atrasos na via da unificação. Kohl e de Maiziére, presidentes da CDU nos seus respectivos Estados, declararam estar a resolver os últimos detalhes a fim de permitir a entrada em vigor no dia 1 de Julho da união económica, monetária e social entre as duas Alemanhas. «Estou mais optimista que nunca que o nosso objectivo comum (a unificação) vai ser atingido», declarou Helmut Kohl.

RFA não quer apertar o cinto

A principal lição que os dirigentes alemães tiraram da derrota eleitoral de domingo, cujo resultado deu a possibilidade ao SPD de «travar» legislação importante no Bundesrat, parece ter sido a importância acordada pelos cidadãos alemães - federais ao custo a pagar pela unificação. A factura a pagar pela RFA passa agora a ser um *dossier* chave, embora Kohl acuse o SPD de propagar teses que levantam o medo na população e prejudicam o conteúdo dos acordos entre as duas Alemanhas.

A necessidade de proceder com muita cautela neste domínio levou a que os ministros das Finanças dos dois Estados, Theo Waigel e Walther Romberg, não chegassem a acordo sobre aspectos importantes da união monetária, a seis semanas da data marcada para a fusão económica, que antecederá a unificação. Ao fim de cinco horas de reunião, os ministros de Bona e Berlim, emergiram da reunião sem um acordo sobre os custos exactos da unificação e sem planos para ajudar os pensionistas e desempregados na Alemanha de Leste.

Um dos maiores desentendimentos entre alemães prende-se com o cálculo da dívida externa da RDA. Especialistas alemães - federais estimam que a RDA deve 125 mil milhões de marcos enquanto o ministro das Finanças da RDA, o social-democrata Romberg, calcula-a em 27,2 mil milhões de marcos.

Eleições pan-germânicas

Durante a conferência de Impresa no final da cimeira alemã os dois líderes afirmaram não ter debatido a questão da anticipação da data das primeiras eleições gerais de toda a Alemanha. No entanto, Helmut Kohl tinha sugerido, antes da reunião com de Maziére, que as eleições federais da RFA, marcadas para 2 de Dezembro deste ano, pudessem ser transformadas em eleições que levassem à constituição de um Governo para toda a Alemanha. Kohl mostrou-se confiante em que o seu partido (CDU) «terá grandes possibilidades» em eleições gerais para todos os alemães antes do fim do ano.

Redacção «DL»/ Lusa/AFP

Gorbachev ilegaliza por decreto independências da Letónia e Estónia

O Presidente soviético Mikhail Gorbachev condenou a Letónia e Estónia pelos seus recentes passos em direcção à independência total da União Soviética e declarou as suas decisões nulas e sem efeito. Os textos de dois decretos presidenciais, divulgados pela televisão, dizem que ambas as repúblicas violaram a Constituição soviética e a recente lei sobre a saída da URSS.

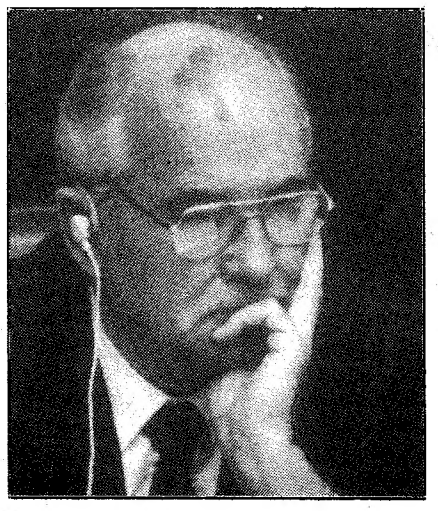
Os decretos não indicam quais serão os próximos passos do Presidente para contrariar as independências.

Os decretos presidenciais, numa seca linguagem legal, lidos no telejornal «Vremia», apontam os pontos da lei e da Constituição soviética violados, no entender do Kremlin, e afirmam que as acções das duas repúblicas não têm «força jurídica desde o momento da sua adopção».

Gorbachev afirma que a Estónia «agiu sem ter consultado o povo da República e ignorando os seus laços económicos, políticos, culturais e legais».

O dirigente soviético já tinha condenado o anúncio da Estónia de que seguiria o seu próprio caminho «passo a passo» para a independência.

Referindo-se a este plano, o Presidente soviético diz: «Declaro como ilegal qualquer acção dos órgãos do Estado e de funcionários, bem como de pessoas privadas, na base desta acção.



Gorbachev

Em contrapartida, é a primeira vez que o Presidente soviético responde à decisão da Letónia, de 4 de Maio passado, de se declarar uma «república democrática independente», abrindo um período de transição a caminho da independência, numa tentativa de evitar acções retaliatórias do Kremlin.

Esta república é acusada de ter ido «contra os direitos e interesses de outros cidadãos da federação soviética».

No sábado, os presidentes das três repúblicas bálticas, reunidos em cimeira, enviaram um telegrama a Gorbachev pedindo-lhe a abertura de conversações conjuntas sobre a independência.

Na cimeira, as três repúblcias acordaram coordenar as suas políticas económicas e externas para apresentar a Moscovo uma frente unida nas negociações e evitar uma possível expansão das sanções, já aplicadas pelo Kremlin na Lituânia.

Líder da Geórgia rejeita independência

O chefe do Partido Comunista georgiano, Givi Gumbaridze rejeitou os apelos a que a sua república faça uma declaração de independência similiar às das repúblicas bálticas, numa entrevista publicada pelo «Pravda», na véspera do XXVI Congresso do PC georgiano.

Gumbaridze, que defendeu maior autonomia para a Geórgia, disse que a independência deve ser alcançada mediante um programa do PC, que una o povo, e não através de apelos irresponsáveis para um corte imediato com a URSS.

Está previsto para o próximo dia 26, em Tbilissi, capital da Geórgia, a convocação de uma sessão extraordinária do Soviete Supremo, em que será debatido o restabelecimento da independência em relação a URSS.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Presença militar dos EUA

Municípios filipinos favoráveis às bases

Cerca de 1 500 presidentes de câmara instaram hoje a Presidente das Filipinas, Corazón Aquino, a manter as bases militares norte-americanas no arquipélago, devido aos benefícios económicos e à segurança que representam para o país.

Numa resolução aprovada durante a convenção da Liga de Presidentes de Câmara das Filipinas, que decorre em Manila, a organização afirmou que as bases reforçam a segurança do país contra agressões militares do exterior, para além de proporcionarem benefícios económicos resultantes das compensações financeiras pela utilização de parte do território nacional.

A Presidente Aquino esteve ontem presente na convenção, mas não se pronunciou sobre as bases.

Representantes dos Governos de Manila e de Washington começaram ontem na capital filipina conversações exploratórias sobre o futuro da base aérea de Clark, a naval de Subic Bay e sobre quatro outras instalações militares norte-americanas, a fim de determinar se se levarão a efeito negociações formais para a renovação do acordo militar de 1947, que expira em 1991.

Os Estados Unidos destinam anualmente 1 000 milhões de dólares para a ajuda e outros gastos relacionados com as bases, que empregam 78 000 filipinos.

No entanto, a polícia de choque usou ontem gases lacrimogéneos para dispersar manifestantes de esquerda que atiraram bombas de fabrico caseiro perto do local onde se iniciaram as conversações, que visam a manutenção das bases até ao próximo século.

Estas negociações preliminares foram ensombradas pelo assassínio, no domingo, de dois soldados norte-americanos em Angeles.

Redacção «DL»/Lusa

INTERNACIONAL

Semana agitada para a Pantera

De Roma, especial para o «DL»

Apesar do clima claramente repressivo e intimidatório das autoridades italianas, prossegue hoje, com um dia de luta contra a pesquisa bélica, a semana de mobilização do Movimento Estudantil Italiano. Entretanto, e depois dos violentos recontros entre estudantes e as forças da ordem, em Roma e Perugia, ocorridos na passada quarta-feira, primeiro dia da mobilização que previa a ocupação das reitorias, várias outras universidades italianas foram «visitadas» pelos corpos de intervenção solicitados pelos respectivos reitores.

Boletim de guerra

Em Florença, Pádua, Veneza, Bolonha bem como em Bári, ao sul da Itália, a *Pantera*, que em muitos casos tinha conseguido ocupar algumas salas da reitoria ou de algumas faculdades, foi desalojada a toque de cacete, aos empurrões e devidamente identificada pelas forças policiais. Na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Palermo, (onde nasceu o movimento, em Dezembro do ano passado) na sexta-feira, a polícia de choque carregou sobre 50 estudantes que, em sinal de protesto contra a intervenção policial, interromperam o trânsito nas imediações da universidade atravessando as ruas. Uma estudante viu sequestrada a sua máquina fotografica e numerosos foram os que sofreram contusões, felizmente pouco graves, já que os estudantes conseguiram escapar ao cacete refugiando-se dentro da Faculdade de Arquitetura.

Em Turim, excepção quase única neste boletim de guerra, os estudantes da *Pantera* suspenderam espontaneamente a ocupação da reitoria, na tarde de quarta-feira e, apesar de serem controlados pela polícia continuam a levar a cabo uma série de iniciativas, desde continuar a trabalhar nas comissões de estudo sobre vários problemas ligados à universidade italiana (estatutos, toxicodependência, problemas dos estudantes-trabalhadores) até organizar debates e concertos no âmbito do projecto que visa «abrir a universidade para a cidade».

«Não se bate nas ideias»

Quase divertidos com este grande aparato, os estudantes soletraram amabilidades para os ministros e deputados: *slogans* contra a lei que privatiza a universidade, a lei que condena quem consome qualquer tipo de droga, contra a lei que limita a entrada de imigrados; cantaram «Bella Ciao» e a Internacional, mas também «Garota de Ipanema» e «Numa noite negra, negra, voltou a *Pantera*» - tudo sob um sol escaldante e à sombra de duas enormes faixas onde se lia: «Maio 90- A *Pantera* chama!» e «Não se bate nas ideias, bate-se em quem não as tem!». No sábado, apesar de lhes ter sido negada a autorização para a manifestação na Piazza Navona, um milhar de estudantes percorreram a ponte onde, durante uma manifestação em 1977, foi morta uma jovem de 19 anos. A manifestação, fechada à frente e atrás por espessos cordões da polícia de choque, percorreu a estrada que flanqueia o Tibre e desembocou numa outra praça do centro de Roma onde tem sede a Embaixada de França e onde apesar de tudo não se pôde realizar o concerto que estava previsto. Nesta manifestação não se registaram incidentes, mas para os acontecimentos de quarta-feira em Roma e em Bari já oitenta estudantes foram indiciados na âmbito de um inquérito, promovido pela magistratura, que deverá averiguar se foram cometidos crimes que vão da resistência às forças da ordem ao ultraje, dos prejuizos a lesões provocadas aos agentes. Amanhã, se a polícia permitir, realizar-se-á na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Roma a Assembleia de Coordenação Nacional do Movimento Estudantil, para fazer o ponto da situação e traçar novos rumos e futuros para a *Pantera*.

Alessandra Bálsamo

«Vadios» da Praça desafiam Iliescu

A escassos dias das eleições presidenciais e parlamentares de domingo, na Roménia, a Praça da Universidade, no centro de Bucareste, continua ocupada por cerca de quatro mil contestatários. O presidente interino Ion Iliescu, o principal visado pelos *golans* (palavra romena para «vadios», denominação depreciativa da imprensa pró-governamental), já tentou por três vezes sem êxito dialogar com eles, advertindo que até às eleições a praça tem que estar «limpa».

No entanto, o uso da força, após a intervenção policial de 24 de Abril, parece uma hipótese afastada. Iliescu não quer tomar medidas impopulares com as eleições à porta, nas quais a Frente de Salvação Nacional (FSN) joga uma cartada decisiva.

O entusiasmo dos *golans* tem vindo a crescer e há mesmo quem compare a ocupação da praça, que já dura há três semanas, às célebres manifestações da Praça Venceslau, em Praga. Porém, a praça romena, que os ocupantes declararam «zona livre do comunismo», é muito diferente da checoslovaca. Sábado à noite o aspecto era particularmente sofisticado, com um cantor e a sua guitarra a entoar uma série de músicas na moda, adaptadas às circunstâncias: Iliescu e a sua Frente de Salvação Nacional sempre presentes nos refrões, com uma «versão eleitoral da Lambada» a coroar o espectáculo.

Há um humor que não engana entre os contestatários, uma espécie de esperança serena e difusa, perceptível entre os manifestantes nocturnos, à hora em que são mais numerosos: jovens, velhos casais de reformados, intelectuais e famílias inteiras.

Nada que tenha a ver com os artigos detalhados que se podem ler nos jornais da FSN - ricos em testemunhos, como o de um camponês, cuja mãe recebeu uma oferta de 350 dólares para se manifestar na praça ou de um operário sequestrado durante sete dias pelos manifestantes, escoltado por homens armados com facas quando tinha que ir á casa de banho...Quanto aos perigosos grupos extremistas de direita que «manipulam», segundo alguns dirigentes da FSN, o movimento dos *golan*, o mínimo que se pode dizer é que estão bem escondidos.

Sylvie Kauffmann - exclusivo «Le Monde»

trad. e adapt. Redacção «DL»

1.000.000$00

TAMBÉM PODEM SER SEUS

Um minuto e um escudo foram suficientes para aumentar o saldo do Sr. Manuel Alves Martins na NovaRede.

Ao abrir uma NovaConta ou efectuar um depósito em dinheiro igual ou superior a 50.000$00 poderá ganhar entre 1.000 e 1.000.000$00.

Abra conta na NovaRede e peça o seu cartão AUTOMATIC.

Esta promoção é válida para os primeiros 15.000 aderentes até 31 de Maio.

NovaRede

Banco Comercial Português

Inovação e Rapidez

BREVES

Mitterrand vai a manifestação anti-racista

Foi a primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial que um chefe de Estado francês participou numa manifestação de rua. Os sinos da Notre-Dame de Paris soaram fora de hora em solidariedade com a comunidade judaica. Foi a maneira como a França decidiu demonstrar o seu repúdio à profanação dos túmulos do cemitério judaico de Carpentras, há quatro dias, juntando dezenas de milhares de pessoas de todas as tendências políticas (com excepção da extrema-direita) e religiosas que desfilaram silenciosamente entre a Praça da República e a da Bastilha, ontem em Paris. Mitterrand apareceu de surpresa e ficou 45 minutos entre os manifestantes que o saudaram efusivamente. Dezenas de personalidades do mundo político, sindical e religioso participaram no protesto silencioso cuja mensagem principal se podia ler na faixa que encabeçava a manifestação: «Não ao racismo, não ao anti-semitismo». Alterando a sua programação normal, seis canais de televisão transmitiram um documentário sobre os campos de concentração nazis, num gesto também sem precedentes.

Chamorro quer despedir grevistas

A greve do funcionalismo público, que se iniciou sexta-feira na Nicarágua, parece ter atingido o seu ponto decisivo. O ministro do Trabalho, Francisco Rosales, advertiu os trabalhadores que se não regressarem hoje aos seus postos de trabalho estarão a «auto-despedir-se», ameaçando recorrer ao exército para fazer cumprir a nova lei do funcionalismo contra a qual os gervistas protestam. Este conflito, o primeiro grande desafio do Governo Chamorro, pode assumir graves proporções porque o exército é comandado por Humberto Ortega que Rosales quer confrontar com os sindicatos sandinistas que promovem a greve.

Novas medidas para economia brasileira

Ainda mal recuperada do choque do Plano Collor, a sociedade brasileira vai enfrentar novas medidas económicas, já anunciadas pelo novo presidente. O excesso de liquidez na economia provocado por operações fraudulentas de conversão da antiga moeda, o cruzado novo, na nova, o cruzeiro, é o motivo invocado por Collor de Mello, que acrescentou que os responsáveis por estas fraudes serão penalizados. Mesmo assim o presidente assegura o êxito do seu plano de estabilização económica, demonstrado, segundo ele, pela queda da inflação.

Representantes da FRELIMO e da RENAMO apertam mãos

Um representante da FRELIMO e outro da RENAMO, ficaram ontem sentados à mesa durante um colóquio promovido num hotel de Lisboa pelo Movimento para a Paz e a Democracia em Moçambique. No final, o adido de Imprensa da Embaixada de Moçambique, Guilherme Simão, e o responsável pela pasta das Finanças do «gabinete sombra» dos rebeldes, Sebastião Temporário, apertaram as mãos. Estes factos inéditos aconteceram num colóquio intitulado «Moçambique - Presente e Futuro» em que se propôs a realização «o mais rapidamente possível», na capital portuguesa, de um Congresso dos Quadros Moçambicanos no Exterior, à semelhança da iniciativa efectuada recentemente sobre Angola.

Japão oferece abrigo ao «Deusa da Democracia»

O navio «Deusa da Democracia», que planeia emitir programas de rádio anti-governamentais para a China, poderá aportar no Japão desde que a sua tripulação não viole a legislação nipónica, declarou ontem em Tóquio um porta-voz oficial. Depois das ameaças de Pequim aos países que o ajudassem, o «Deusa da Democracia» está com dificuldades para encontrar portos onde possa reabastecer. Neste momento está em Keejung, em Taiwan, apenas por «motivos humanitários», segundo as autoridades locais. O navio pretende emitir 24 horas por dia a partir de águas internacionais e é financiado por 19 órgãos de informação, liderados pela revista francesa «Actuel», e pela Federação para a Democracia na China.

Embora a braços com problemas urgentes, a Albânia, com importantes riquezas naturais e sem dívida externa, tem vindo a registar um progresso económico que nos últimos anos atinge, provavelmente, a taxa mais elevada da Europa

A encruzilhada da economia albanesa

De Tirana, especial para o «DL»

Há duas maneiras de considerar a economia albanesa. Primeiro há aquilo que se vê, a miséria das aldeias, as fábricas a cair aos bocados, os buracos nas estradas, e as lojas de uma indigência e de uma sujidade aflitivas.

A outra maneira de considerar a economia albanesa é a de começar por constatar que a Albânia era ainda mais miserável aqui há alguns anos, e que a sua taxa de desenvolvimento actual é provavelmente a mais elevada da Europa, com 10 por cento no ano passado e 8,2 por cento previstos para este ano. A terceira maneira ainda seria de não esquecer que um terço da população albanesa tem 15 anos de idade ou menos, e que dois terços têm 40 anos ou menos, o que faz da Albânia o país mais jovem da Europa. Quando terminou a Segunda Guerra Mundial, 85 por cento dos albaneses eram analfabetos; hoje três quartas partes têm ou estão em vias de obter uma educação secundária.

A Albânia dispõe de importantes riquezas mineiras. As suas reservas de petróleo estão calculadas em 20 milhões de toneladas, o que lhe permite, juntamente com o carvão que possui e um sistema hidroeléctrico importante, ser auto-suficiente em matéria energética.

Aspecto da praça principal de Tirana

Em 1984 (últimas estatísticas conseguidas...), mais de dois milhões de toneladas de linhite e 960 mil toneladas de minério de crómio (primeiro produtor europeu e terceiro mundial) foram extraídas. Para este ano está previsto que a produção de crómio aumentará de 16 por cento em relação ao ano precedente, a de energia eléctrica de 18 por cento, etc. A Albânia tem contudo de enfrentar problemas urgentes, e não serão as soluções do passado que poderão contribuir eficazmente para isso. Grande produtora de matérias-primas, ela suporta dificilmente as baixas repetidas dos seus preços mundiais, como é o caso do crómio e do níquel que ela exporta. A ciência e a tecnologia modernas tornam-se cada vez mais caras de ser acompanhadas. As fábricas albanesas estão cansadas. Para extrair petróleo é preciso ir-se cada vez mais fundo, e isso implica outras tecnologias, outros investimentos. Se a auto-suficiência económica, tão orgulhosamente apregoada, pode ter servido de esteio ao regime albanês até aqui, o país tem agora a necessidade absoluta de se abrir ao exterior.

Um país sem dívida externa

A Constituição de 1976 excluía expressamente todo o crédito e todo o investimento estrangeiro. Ela introduz igualmente «a concessão de privilégios, a criação de instituições financeiras estrangeiras ou mistas com os monopólios e os Estados capitalistas ou revisionistas». Em suma, a Albânia consegue mesmo ser uma curiosidade económica, pois a sua dívida externa não existe.

No seu discurso do décimo plenário do Comité Central do Partido do Trabalho, o presidente Ramiz Alia estabeleceu claramente que em termos económicos, a auto-suficiência pode ser razão de orgulho, mas pode também não ser elemento de progresso. Disse ele: «A comunidade europeia representa uma realidade conhecida publicamente. O estabelecimento de laços diplomáticos e de contactos com ela servirá os nossos interesses económicos e políticos, como servirá igualmente ao aumento da cooperação com os países-membros dessa comunidade, que se transformou já numa prática útil». As companhias aéreas europeias, andorinhas percursoras dos intercâmbios políticos e económicos, não estiveram à espera das palavras do «camarada» Alia para estabelecer serviços directos com Tirana. Primeiro foi a Swissair, e depois, em rajada, em 1989, vieram a Alitalia e a Air France. O movimento foi dado para fazer sair a Albânia da encruzilhada em que a sua história a colocou.

Mário Sampaio

EUA bloqueiam conferência ministerial sobre o ambiente

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha foram ontem duramente criticados no primeiro dia da reunião ministerial de Bergen sobre o ambiente. Esta conferência, que reúne 34 países da Europa e da América do Norte, foi convocada para preparar a conferência das Nações Unidas sobre o ambiente e o desenvolvimento, que decorrerá no Brasil, em 1992, e deverá confrontar as posições dos Estados, dos industriais e dos movimentos ecologistas.

As críticas ontem dirigidas aos Estados Unidos, apoiados pela Grã-Bretanha e Canadá, prendem-se à recusa dos EUA em apoiarem o «princípio da prevenção» que preconiza medidas concretas para a proteção da camada de ozono. O representante norte-americano, Jonh A. Knauss, responsável da agência nacional sobre as questões oceânicas e atmosféricas, propôs, a curto prazo, uma melhor integração dos custos ecológicos no cálculo dos indicadores económicos, sugerindo que novas medidas só sejam tomadas na conferência da ONU a realizar, em 1992, no Brasil.

EUA acusados de deserção

Os restantes países participantes na reunião de Bergen, queixaram-se de que os norte-americanos estão a bloquear as conversações e a dificultar a assinatura de acordos «Agora que os países industrializados pareciam ter chegado à conclusão de que é necessário tomar medidas urgentes, mesmo que difíceis, os Estados Unidos estão a levantar dificuldades e a desertar.», salientou o comissário europeu para o Ambiente, Carlo Ripa di Meana.

Delegados à conferência disseram que os Estados Unidos ficaram isolados na oposição à assinatura de uma declaração final apelando à criação de novos fundos para a proteção da camada de ozono, por considerar que esta medida só viria aumentar a burocracia.

A fixação de uma data para limitar a libertação de dióxido de carbono, um dos temas em análise, não obteve ainda uma aprovação. Perante a posição da Suécia que defende a limitação das emanações de dióxido de carbono no ano 2000 aos níveis de 1988, assim como o desmantelar das centrais nucleares, a Grã-Bretanha propõe que a decisão sobre qualquer limitação espere pela conclusão do relatório do grupo de pesquisa internacional sobre as modificações climatéricas que deve ser entregue este Verão.

Os ministros do Ambiente discutiram também medidas para ajudar os países de Leste a minorar os problemas ecológicos, considerados uma herança do comunismo.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

São Tomé

MLSTP pode perder eleições

O ministro são-tomense dos Negócios Estrangeiros, Carlos Graça admitiu a possibilidade do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) sair derrotado das eleições de Julho, as primeiras a realizarem-se num quadro multipartidário. As declarações de Carlos Graça, durante uma entrevista concedida à rádio são-tomense, surgiram horas antes da Assembleia Nacional Popular ter aprovado a Lei do Direito a Sufrágio e Recenseamento Eleitoral, que será publicada proximamente.

Entretanto, na Guiné-Bissau, o Presidente Nino Vieira, afirmou que o seu Governo estava a estudar a possibilidade de institucionalizar um sistema político baseado no multipartidarismo. Embora levantando o espectro do «tribalismo» Nino Vieira defendeu que estas mudanças se impunham devido às reformas surgidas no Leste europeu e que «a Guiné-Bissau, como parte integrante deste mundo, terá que se sujeitar a essas mudanças, mas com passos seguros»

QUOTIDIANO

Mensagem sobre Dia das Comunicações Sociais

Tecnologias do computador elogiadas por João Paulo II

A cultura informática oferece à Igreja um meio suplementar para cumprir a sua missão e de reforço da unidade entre os próprios membros, afirmou João Paulo II, em mensagem sobre o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

Considerando as comunicações computarizadas como «vias para uma mais ágil comunicação e diálogo», o Papa defendeu que «o acesso imediato à informação torna possível à Igreja o aprofundamento e diálogo com o mundo contemporâneo».

«Com a nova cultura do computador a Igreja pode mais rapidamente informar o mundo sobre o seu credo e explicar as razões da sua posição sobre cada problema ou acontecimento», disse.

João Paulo II defendeu ainda que a Igreja se deve socorrer da tecnologia do computador e do satélite para a «sua cada vez mais exigente tarefa de evangelização». Também D. Serafim da Silva, bispo de Leiria, considerou que a Igreja «quer estar ao serviço do homem através dos meios de Comunicação Social».

D. Serafim falava ontem, em Lisboa, num encontro promovido pela Comissão Episcopal das Comunicações Sociais destinado a apresentar o Dia Mundial das Comunicações Sociais, que se realiza a 27 de Maio.

O Papa João Paulo II defendeu que a Igreja se deve socorrer do computador e do satélite para «a sua cada vez mais exigente tarefa de evangelização»

Amado da Silva, vice-reitor da Universidade Católica, alertou, na ocasião, para a necessidade de não substituir a cultura humana pela cultura do computador.

Reconhecendo que a informática pode servir a Igreja, considerou que, com acesso imediato à informação, corre-se o risco de desinformação, falta de selectividade, crítica e de ética.

«Um dos maiores perigos da civilização informática é o da irresponsabilidade na transmissão da informação: o que a maioria diz é divulgado como verdade, em prejuízo da legitimidade», afirmou.

Soares recebe acusadas O Presidente Mário Soares recebeu três das jornalistas da RTP que foram notificadas em processos para despedimento sob a acusação de duplo emprego -- Diana Andringa, Maria Antónia Palla e Margarida Marante. À direita, João Mesquita, presidente do Sindicato dos Jornalistas. A quarta notificada, Maria Elisa, não foi a Belém por se encontrar ausente no estrangeiro

Despacho de Ministério contestado por professores

O Ministério da Educação pretendeu «lançar a confusão entre os professores» ao publicar um despacho que regulamenta os destacamentos dos docentes, acusou o secretariado nacional da Federação Nacional dos Professores (FENPROF).

Aquela estrutura sindical dos professores justifica as suas acusações, em comunicado, afirmando que o Ministério, ao pretender «usar uma terminologia e situações previstas no decreto-lei 139-A/90, de 28 de Abril - estatuto da carreira docente dos educadores de infância e dos professores dos ensinos básicos e secundários - ainda não regulamentado, e prazos muitos próximos da data de publicação», bem como ao apresentar inovações relativamente ao último, este despacho põe «em risco não só a situação profissional de muitos docentes como também a situação de alguns sectores de ensino, como é o caso, nomeadamente, da educação e ensino especial».

Nesse sentido, a FENPROF pediu a «suspensão» do despacho do Ministério «até à regulamentação do estatuto da carreira docente».

A Federação considerou ainda que, «ao restringir a possibilidade de colocação em situação de destacamento, requisição ou comissão de serviços aos educadores de infância e dos professores do ensino básico e secundário», o despacho «vem pôr em causa a continuidade do trabalho de muitos docentes, muitos até especializados, e que pertencem aos quadros de circulação distrital».

Embargado auto-silo da Avenida dos EUA

«Justa» foi como Francisco Salgado Zenha classificou a decisão do 1º Juízo da III Secção do Tribunal Cível de Lisboa de embargar todas as obras que decorriam até ontem para a construção do auto-silo na Avenida dos Estados Unidos da América. «Agora é esperar que as ordens sejam acatadas», disse ao «DL» o mais destacado dos elementos do Grupo de Moradores que tem lutado contra a prossecução deste empreendimento.

A decisão do tribunal de suspender as obras vem na sequência da acção que os habitantes vizinhos do silo puseram no Tribunal Cível, soube o DL junto de fonte dos moradores.

Alegando que as escavações e operações de ancoragem que decorreriam eram ilegais, pois chocavam com as próprias fundações dos prédios, os habitantes instauraram este processo. Todavia, correm ainda outros dois mas no Tribunal Administrativo. A data de divulgação dos resultados ainda se ignora.

Entretanto, os moradores congratularam-se uma vez mais com a decisão e lamentaram o facto de o empreiteiro não ter assinado a notificação que lhe foi apresentada ontem à tarde pelo oficial de diligências. «Ouviram-se apupos dos trabalhadores da obra quando chegou o oficial e o empreiteiro até se recusou a assinar a notificação, mas não faz mal porque estavam presentes mais de três testemunhas que provam que o senhor foi avisado verbalmente», disse ao DL uma moradora radiante com a decisão do Tribunal.

L.A.B

B R E V E S

Produtos tóxicos nos Açores são contra guerra química

As embalagens plásticas com produtos tóxicos que deram à costa nos Açores nas últimas semanas são medicamentos utilizados pelos militares no combate aos efeitos da guerra química, disse ontem uma fonte oficial. Um informador do Gabinete do Ministro da República acrescentou não haver, por isso, motivo para alarme, mas adiantou que a população não deve recolher as embalagens, mas, antes, comunicar a sua localização às autoridades marítimas que procederão à sua recolha. De acordo com a mesma fonte, as caixas são de origem norte-americana e encontram-se fora de uso. Onze desses objectos já foram destruídos. Análises efectuadas pelo serviço regional de Protecção Civil revelam que os produtos contidos nos recipientes de uso militar são fenol, lexívia e amoniaco.

Coronel Rebelo Gonçalves faleceu em Lisboa

Realizou-se hoje o funeral do coronel Francisco Rebelo Gonçalves, falecido na passada segunda-feira, em Lisboa, vítima de um enfarte do miocárdio. Este militar, comandante operacional da Guarda Fiscal, ficou sepultado em Mafra, de onde era natural. O DL apresenta aos seus familiares as condolências mais sentidas.

Jovem desconhecida encontrada morta

Uma jovem, aparentando 17 a 20 anos de idade, foi ontem encontrada morta no átrio de entrada de um prédio da Rua do Oleiros, em Coimbra, disse fonte da PSP local, que até ao fim da manhã de hoje ainda não tinha conseguido a sua identificação. A jovem é de baixa estatura, de cabelos castanhos e terá sido empurada ou ter-se-á lançado do oitavo andar do edifício.

Lotaria Popular

1º - **334611**	**3 000 000$00**
2º - **362599**	**750 000$00**
3º - **197879**	**500 000$00**
4º - **348246**	**250 000$00**
Terminações em **4611**	**85 000$00**
Terminações em **611**	**60 000$00**
Terminações em **599**	**15 000$00**
Terminações em **879**	**4 000$00**
Terminações em **246**	**1 500$00**
Terminações em **05,41,42,57,62 e 99**	**500$00**

BREVES

Operários católicos condenam liberalismo

«A Igreja-hierarquia deve ser mais aberta e atenta porque não tem manifestado grande preocupação com os problemas sociais» refere o comunicado divulgado pela Juventude e Liga dos Operários Católicas e o grupo Padres em Mundo Operário, após o seu encontro anual que reuniu cerca de 150 participantes. Os operários católicos manifestaram igualmente a sua esperança de que, «num futuro próximo, a Igreja seja mais solidária com os mais pobres e condene o liberalismo que é a liberdade dos que têm mais força para dominar». As organizações acrescentam, no mesmo comunicado, «não esperar que a Igreja seja um sindicato ou uma espécie de assistente social» mas defendem que a instituição deve ser «testemunha dos problemas do Mundo» ao mesmo tempo que divulga a sua «doutrina social».

Europa sem barreiras para deficientes físicos

O Estado português vai gastar 20 milhões de contos, até 1993, em programas de incentivo ao emprego de pessoas deficientes, segundo afirmou Silva Peneda, ministro do Emprego e Segurança Social, no encerramento do II Seminário de Coordenadores das Actividades Modelo Locais (AML) realizado em Portalegre. Integrada no programa comunitário Hélios, a iniciativa contou com a participação de 70 representantes de todos os países da Comunidade Europeia e nela se debateu, ao longo das várias sessões plenárias, temas relacionados com a «acessibilidade e transportes para deficientes» tendo em vista a criação, até ao ano 2000, de uma «Europa sem barreiras físicas, legais ou psicológicas, onde as pessoas com deficiência se possam sentir plenamente integradas».

Ponta Delgada prepara festas do Santo Cristo

A iluminação do Convento da Esperança e das zonas em que decorrem, no próximo fim- de- semana, as festas do Senhor de Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, está orçada em 12 mil contos, anunciou ontem a comissão organizadora dos festejos. Presididas, este ano, pelo bispo D. José Garcia, de Porto Amélia, Moçambique, as maiores festas religiosas dos Açores levarão também a S. Miguel os bispos de Oakland (Estados Unidos), D. John Cummins e da Guarda, D. António Santos, para além de milhares de emigrantes e forasteiros que aí acorrem a fim de pagarem promessas.

Denominação 25 de Abril reposta em via da Horta

A marginal da Horta vai voltar a chamar-se Avenida 25 de Abril, por proposta da CDU, aprovada em Assembleia Municipal, garantiu fonte autárquica. O principal arruamento da capital da ilha do Faial teve já a designação de Avenida Arantes Oliveira e Avenida Diogo Teive, este último, descobridor das ilhas de Ocidente. Num curto período posterior à Revolução dos Cravos, a principal artéria da capital foi denominada Avenida 25 de Abril, designação agora retomada.

MRA defende reabertura do acesso à ilha de Faro

O Movimento da Região e Progresso do Algarve (MRA) manifestou o seu apoio aos habitantes da ilha de Faro que contestaram o encerramento da ponte ao tráfego rodoviário, por decisão camarária. O MRA preconiza que seja encomendado com a máxima urgência um novo estudo ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil «para averiguar se o risco da ponte cair é, de facto, iminente ou se, pelo contrário, pode ser reaberta durante um certo tempo sem riscos, como é a opinião de vários técnicos». «Caso se conclua que não pode ser reaberta, deve ser garantida a montagem de uma ponte provisória no mais curto espaço de tempo» prossegue o comunicado do MRA que sugere, no final, «o início imediato das obras de reparação da ponte ou a construção de uma nova estrutura».

Quatro novas viaturas reforçam Peneda-Gerês

A Secretaria de Estado do Ambiente doou às brigadas de combate aos incêndios do Parque Nacional da Peneda-Gerês quatro viaturas novas. Esta medida visa dotar as bases de primeira intervenção com o equipamento necessário para a detenção de novos incêndios que eventualmente ocorram na zona.

Constituída por 25 membros, a Associação Vale do Tejo propõe-se despoluir o rio e torná-lo navegável. No entanto, a procissão ainda vai no adro

Tudo começou com os romanos

No século III da era cristã, o 13º imperador dos romanos, Marco Ulpio Trajano, decidiu mandar construir a Ponte de Alcântara, contando, para o efeito, com a ajuda de alguns municípios da província Lusitânia, nomeadamente, Egitanos, Lancinenses, Opidanos, Aranos, Meidubrigenses, Banienses, Pésures e Talores. Agora, quase dezoito séculos depois, algumas autarquias lusas, com nomes bem mais vulgares, decidiram juntar-se, igualmente, para concretizarem um projecto: a navegabilidade do Tejo.

Ontem, na Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha, os presidentes das autarquias da Chamusca, Santarém, Abrantes, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, Tomar, Constância e Alcanena, assistiram à formalização da Associação Vale do Tejo.

Constituída por 25 membros (entre empresários, autarcas e deputados) esta Associação pretende elaborar um plano de regularização do curso do Tejo e, eventualmente, dos seus afluentes para completar o aproveitamento hidro-eléctrico do rio.

O deputado socialista Jorge Lacão, que integra também esta associação, disse ao «DL» que «este é um projecto para uma geração. Seria utópico dizer que em 1993 o Tejo estaria navegável. Para já, pretende-se sensibilizar a opinião pública e as autoridades».

Durante uma conferência de Imprensa, o industrial Mendes Godinho salientou que «se o Tejo fosse navegável, Portugal gastaria um quarto do que está a gastar, no transporte de mercadorias».

Mas este projecto não visa só o sector económico. Os seus responsáveis dizem que vão dar primazia ao aspecto ecológico, começando por despoluir o rio Tejo. Para o efeito, é necessário a adesão de Espanha a este projecto.

«Os objectivos e os estatutos já foram apresentados às Cortes espanholas, bem como ao Governo português, e aguardamos, a todo o momento, uma resposta para darmos início ao projecto», explicou Mendes Godinho.

Com a assinatura da escritura efectuada ontem, foi criada uma comissão instaladora que, durante 90 dias, realizará eleições para os corpos gerentes da Associação.

O projecto inclui ainda a construção de barragens equipadas de canais e comportas adapatadas à moderna navegação fluvial, que permitem a realização de planos de irrigação dos campos do vale do Tejo, em condições económicas vantajosas.

A rega, produção de energia, navegação e reserva de alimentos são também objectivos deste plano, que se destina a encontrar soluções para a protecção dos campos contra as cheias e para a preservação das espécies piscícolas, da caça e do meio ambiente.

O projecto, que «envolve muitas dezenas de milhões de contos», prevê a circulação de comboios fluviais, cujas características equivalem a 440 vagões de caminhos-de-ferro de 10 toneladas ou a 22 camiões de 20 toneladas. Estes meios permitiriam que os preços de transporte sejam «muito inferiores» aos praticados actualmente pelo camião e o caminho de ferro.

A concluir, Mendes Godinho referiu que «este não é um projecto regional mas sim nacional, pois envolve muitas regiões de Portugal e servirá o País, para além de o aproximar mais da Europa».

Gisela Oliveira

Civis e militares - Os alunos da Escola Secundária de Paço de Arcos puderam apreciar, durante a semana cultural promovida pelo conselho directivo, alguns trabalhos significativos de electrotecnia realizados pela Escola Militar de Electromecânica. A iniciativa foi caracterizada, por um porta-voz do estado-maior do Exército, como «uma forma plenamente conseguida de colaboração entre os meios civis e militares»

Paróquias ao ataque

A Comissão Nacional Justiça e Paz está ao dispor de grupos e comunidades cristãs que queiram sensibilizar as paróquias para o trabalho infantil em Portugal.

«Pretendemos que as pessoas se esclareçam no sentido de desenvolver uma acção pessoal ou em conjunto para detectar crianças que estejam a trabalhar, saber quais as razões que as levam a isso, e facilitar uma ajuda para a solução do problema», disse ao «DL», Natividade Cardoso, sindicalista da Intersindical e responsável, com Manuela Silva, desta iniciativa.

A Comissão dispõe de dados e um filme vídeo ilustrativo do trabalho infantil e indica pessoas que podem dar informações sobre o assunto. O objectivo é facilitar condições para os interessados promoverem debates. Mas, as actividades não devem ficam por aqui, «é preciso mobilizar as pessoas para terem uma acção de ajuda», entende Natividade Cardoso. O boletim de Abril da Comissão Nacional Justiça e Paz constitui o primeiro alerta para o problema. Nele são dadas quatro razões fundamentais para a subida da taxa de trabalho infantil: falta de dinheiro das famílias (afectadas pelo desemprego, salários em atraso ou ordenados baixos); deficiente orientação e método do sistema escolar; a pressão da concorrência que faz com que empresários menos escrupulosos se aproveitam de mão-de-obra infantil para obter maiores lucros e o florescimento da economia subterrânea e correspondente fuga às obrigações legais.

Por outro lado, refere aquela folha informativa, a lei portuguesa «não articula devidamente as responsabilidades da família, da escola e das empresas no que respeita ao trabalho infantil, não proporcionando portanto um quadro legal que contrarie de facto» esta situação. Saliente-se que, das 19 convenções da Organização Internacional do Trabalho sobre esta questão, Portugal apenas ratificou cinco. Esta é uma das muitas acções concretas da Comissão Nacional Justiça e Paz, órgão nomeado pela Conferência Episcopal. Esta acção, como disse Natividade Cardoso, «é mais uma colaboração», sobretudo nas regiões de Braga, Porto e Aveiro, zonas com maior incidência de crianças a trabalhar, onde «há já uma dinamização de outras forças sociais».

QUOTIDIANO

Profissionais e docentes de Comunicação Social debateram no Instituto de Ciências Sociais e Políticas as relações entre as antigas e as novas estações emissoras portuguesas

Utilidade e defeitos das rádios locais

O impacte das rádios locais na audiência das rádios nacionais foi a questão mais demoradamente debatida na primeira sessão das V Jornadas de Comunicação Social, promovidas pelos alunos desta área do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP).

Inauguradas pelos presidentes dos conselhos científico e directivo do Instituto, professores Adriano Moreira e Óscar Soares Barata, respectivamente, as Jornadas, que vão decorrer até quinta-feira no mesmo estabelecimento lisboeta do ensino superior, incidiram ontem sobre o tema «Novas e Antigas Rádios: Concorrência e Colaboração».

O painel sobre o assunto contou com a participação de alguns profissionais da rádio portuguesa, nomeadamente Marques de Freitas, director da RDP internacional; Jorge Gonçalves, director de Informação da Rádio Comercial; Luís Abrantes, da Divisão de Emissores da RDP; Albérico Fernandes, membro da Comissão Consultiva da Rádio; Alexandre Gonçalves, director da Rádio Miramar; Carole Medrinal, da Rádio Paris-Lisboa e Carlos Barata Ramos, director da Rádio Nova Era, do Porto. Presente, ainda, o responsável da licenciatura em Comunicação Social do ISCSP, professor Júlio Gonçalves.

Moderado por Samuel Ornelas, o painel registou um claro consenso no que se refere à utilidade social das rádios locais, não obstante críticas a alegadas deficiências de algumas. Jorge Gonçalves acentuou o seu papel concorrencial relativamente às rádios nacionais, pela repartição que impuseram do «bolo comercial», mas relevou as «grandes inovações» a que deram origem, ao imporem «modelos de organização e funcionamento diferentes».

O menos encomiástico na apreciação das novas estações ainda terá sido Albérico Fernandes, que, pronunciando-se a título individual, lhes apontou uma reduzida criatividade, ou seja, uma quase generalizada tendência para copiar as mais antigas. Outra pecha sublinhada foi a do precário domínio da língua portuguesa evidenciado por algumas, falando mesmo Alexandre Gonçalves e Marques Freitas em «atentados à língua».

Carlos Barata Ramos aludiu inexplicitamente a falências já verificadas de rádios locais, decorrentequer de erros dos projectos originários quer da impreparação dos seus profissionais, mas a ideia que prevaleceu no debate estabelecido entre os integrantes do painel e o público foi a das virtualidades das rádios locais como instrumentos da preservação das culturas regionais e de resguardo relativamente à massificação para que tendem as grandes estações.

Carole Medrinal prestou esclarecimentos sobre a orgânica da Rádio Paris-Lisboa, cuja criação inseriu numa política francesa de concorrência à hegemonia cultural anglo-saxónica. Rádio bilingue, em que se procura o equilíbrio dos elementos culturais franceses e portugueses, aquela estação é a primeira de um projecto com o mesmo objectivo, que deverá prosseguir proximamente com idênticas iniciativas noutros países da Europa, nomeadamente do leste.

Cruz Vermelha prepara novo hospital

A Cruz Vermelha Portuguesa comemora 125 anos de vida e o seu hospital, em Lisboa, um quarto de século de existência. Em época de «Bodas de Prata», o hospital da Cruz Vermelha antecipou, ontem, o que considera um «risonho futuro» da instituição e os responsáveis do estabelecimento delinearam, em traços gerais, o Hospital do Ano 2000.

Criado em 65, a Casa de Saúde de Santo António da Convalescença, passou a ser muito falada três anos após a sua fundação, ao assumir o internamento do então primeiro-ministro, Oliveira Salazar. A partir dessa data, o Hospital da Cruz Vermelha, como passou a ser conhecida, aumentou o seu prestígio junto da opinião pública e mais concretamente no meio clínico nacional, passando a contar com a colaboração dos mais conceituados profissionais.

O administrador Pereira Miguel afirmou ontem, em conferência de imprensa, que são três as funções fundamentais da Cruz Vermelha, então como agora: o encorajamento e sustentação do interesse nacional pelas questões de saúde pública, a concorrência se desejável e necessária e complementariedade das actividades dos serviços governamentais e a difusão de conhecimentos no domínio da saúde, através de seminários ou campanhas de sensibilização. Actualmente «considerado como um dos melhores hospitais da cidade», segundo aquele administrador, o Hospital dispõe de uma média de uma ou duas enfermeiras por cada paciente (nos casos mais e menos graves, respectivamente) mas luta com a falta de instalações (a sua área física é a mesma de 65) a fim de poder continuar a oferecer à comunidade «cuidados de saúde diferenciados, de alta qualidade» capazes de suprir deficiências dos serviços públicos e, por isso, este duplo aniversário, deverá iniciar-se com uma campanha de angariação de fundos junto das 7 500 maiores empresas portuguesas. Com este esforço, a Cruz Vermelha Portuguesa espera alcançar os meios necessários às obras de ampliação do seu Hospital e ao lançamento de novos serviços, devidamente apetrechados com as mais modernas tecnologias, capazes de dar a resposta aos milhares de utentes, beneficiários do Serviço Nacional de Saúde, de pacientes oriundos de entidades convencionais e de utentes particulares, em proporções idênticas, segundo adiantou Pereira Miguel.

Pioneiro em várias áreas da saúde (em 77 inaugurou mesmo o serviço de transfusões gratuitas), o Hospital da Cruz Vermelha, tal como a fundação que lhe deu nome, pretende, segundo os propósitos ontem anunciados, constituir uma espécie de «*holding* humanitária».

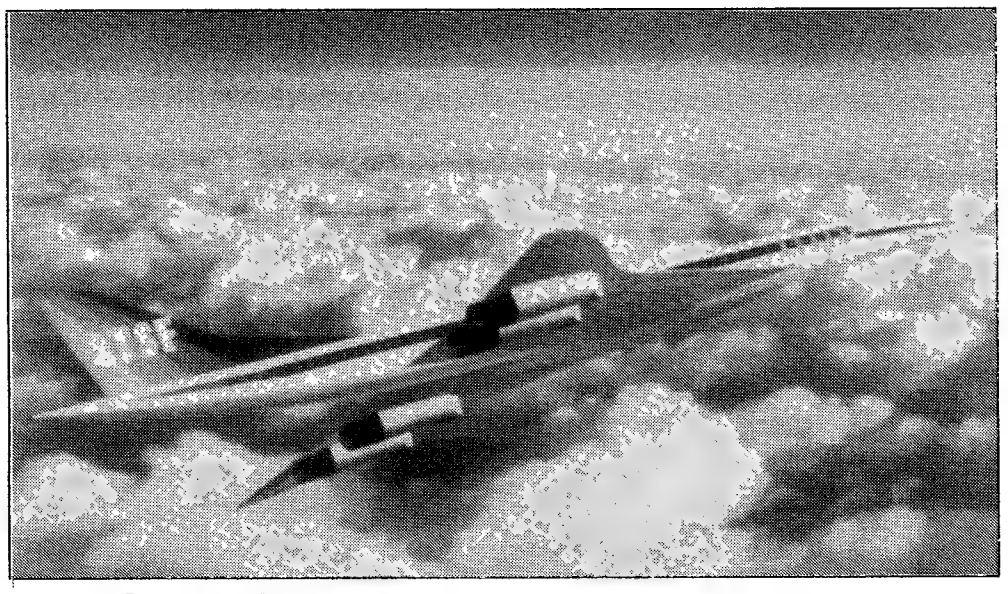
Câmara mostra oficinas gráficas

Há bem pouco tempo, o «Diário Municipa» saía com atrasos consideráveis, mais parecia um semanário... Agora já sai no próprio dia. As coisas começaram a mudar no fim do ano passado e é precisamente nesta linha de alteração que o actual responsável pelo pelouro da Modernização Administrativa, o vereador Anselmo Aníbal, pretende seguir.

Ontem, aquele responsável do município lisboeta efectuou com a Imprensa uma visita às oficinas gráficas do município. Ali nos deu conta das mudanças que têm ocorrido a nível de equipamento.

De facto, as relíquias que eram as *linotypes* deram lugar à fotocomposição, tendo a edilidade adquirido novas máquinas de *off-set*, guilhotina e dobragem.

As compras de material e equipamento e a reciclagem do pessoal realizaram-se, em grande parte, ainda no decorrer do anterior mandato, no entanto, usufruindo dessas condições e também das novas instalações, a presente vereação pretende melhorar a actual edição do« Diário Municipal» e além disso, criar um Jornal da cidade, um jornal interno do município, reeditar publicações sobre a cidade e garantir a impressão de diverso material publicitário do município que neste momento é entregue a empresas privadas.



SuperConcorde A Aerospatiale, anunciou, em Paris, um acordo para o estudo de um novo avião supersónico de 200 lugares. O SuperConcorde, capaz de fazer o trajecto da Europa a Tóquio em cinco horas, aguarda o ano 2000 para o seu lançamento

Vinte e três anos à espera

O emigrante português Abílio da Ressurreição Rodrigues, classificado em primeiro lugar, no Brasil, para o cargo de agente fiscal do imposto de renda, em 1966, não foi até hoje nomeado - refere a imprensa carioca.

Aparentemente, a não nomeação deve-se ao facto de Abílio Rodrigues ser português, embora reúna todas as condições legais para o efeito. Classificado em primeiro lugar entre 12 900 concorrentes, viu passar à sua frente 192 candidatos que obtiveram classificação menor e que no entanto foram efectivados nos cargos.

Abílio Rodrigues, que tem um curso superior de contabilidade, tem apelado para todos os presidentes brasileiros, desde 1966, mas até agora nenhum resolveu o problema. Quando candidato, o actual titular, Fernando Collor de Mello, prometeu examinar o caso, mas ainda não deu atendimento às solicitações, por motivos injustificados.

O português preterido, natural da Póvoa de Varzim, não esmoreceu na luta pelo lugar que conquistou e já apresentou 13 acções na justiça. Os tribunais reconheceram o seu direito, mas ainda assim não foi nomeado.

Em declarações ao semanário «Voz de Portugal», Abílio Rodrigues esclareceu que já foi recebido pelo Presidente Mário Soares, em 1989, a quem contou a sua odisseia. A mais recente tentativa que realizou foi uma exposição ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, que ainda não respondeu ao seu apelo.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$40	50$40
ALEMANHA FED. (marco)	87$60	88$80
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$041	4$291
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122$65	125$15
(notas de 5 a 1000)	123$15	125$65
DINAMARCA (coroa)	22$95	23$35
ESPANHA (peseta)	1$360	1$480
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144$15	147$65
(notas de 5 a 1000)	144$65	148$15
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	26$00	26$70
HOLANDA (florim)	77$95	79$05
IRLANDA (libra)	235$95	239$95
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$900	$955
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	243$40	247$90
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	103$15	104$65
VENEZUELA (bolívar)	2$750	3$550

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

A saúde e a doença são um diálogo e uma permuta constante. Um debate sério e objectivo sobre a dignidade individual da morte, teria de ir ao fundo das questões sociais que determinam a dignidade na própria vida

Vida, morte e dignidade

Rui Vasco

Como receptores mais naturais de pedidos de eutanásia, os médicos são também mais frequentemente os seus executores. A eles cabem os cuidados com a saúde, são eles que acompanham a evolução do doente e, para os defensores da eutanásia voluntária, é na confiança e intimidade existente entre médico e doente que se cria a possibilidade natural de ser ele a assistir e facultar o abreviar da vida. A investigação do DL conversou com 8 médicos, quatro dos quais professores. Todos eles falaram do assunto de forma apaixonada mas prudente e a maioria põe em questão que lhes pertença essa penosa tarefa. As situações limite são muitas, as contradições também, mas os perigos são imensos. Os nossos entrevistados falaram de eutanásia activa, passiva e social, de moral e consciência, de conceitos de morte e de vida. Aqui apresentamos extractos dessas conversas que, pela sua extensão e delicadeza, publicamos sob a forma de entrevista, para facilitar a leitura. Tais depoimentos ilustram a sensibilidade que existe em Portugal sobre a *morte boa*, sobre o direito do indivíduo à sua vida e à sua morte, levantam problemas e apontam para a necessidade de um debate profundo sobre a questão. Neste trabalho participaram dois psiquiatras, Rodrigues da Silva(**RS**)(do foro legal) e Eduardo Luis Cortesão(**ELC**); o bastonário da Ordem dos Médicos, Machado Macedo(**MM**), o director do Instituto de Imunologia, Machado Caetano(**MC**), o director da Unidade de Urgência Médica do Hospital de S.José, Resina Rodrigues(**RR**), o chefe do Serviço de hemato-oncologia no Hospital Cuf e Hospital dos Capuchos, Joaquim Gouveia(**JG**), e um neurologista (**NEU**) e um policlínico(**POL**), que preferiram ficar anónimos.

RS: Numa base legal e ética a eutanásia não é viável em Portugal. Numa base profissional, eu diria que em 99% dos casos não se faz. Culturalmente, nem sequer existe uma certa tolerância, como existe, por exemplo, para o aborto. Por exemplo, uma parte das pessoas que estão ligadas à máquina entram nos critérios legais de morte cerebral, que permitem desligar a máquina. A questão da morte cerebral está regulamentada e há critérios legislados. E num caso desses não se põe a questão da eutanásia, porque se o doente está ligado à máquina, alguém tem de tomar as medidas práticas de o retirar daquela situação, porque a pessoa já morreu.

ELC: Eu começaria por dizer que os conceitos da eutanásia têm a ver com a conjugação entre a vida e a morte. Eutanásia, como conceito, tem a ver com Tanatos, o deus grego da morte, e considero que, actualmente, Tanatos e Eros, o deus do amor, estão constantemente em conjugação, como o dia e a noite. A saúde e a doença são um diálogo e uma permuta constante. Penso que ninguém se cura absolutamente de nada, o que varia são as situações de prevalência de saúde e de prevalência de doença. Portanto, a eutanásia é uma precaução que se toma para que, com vários reforços e apoios legais, não seja permitido a ninguém cometer crimes e actos dolosos. Os aspectos com mais interesse prendem-se com os limites do médico, ou da pessoa com o ser amado, quando constata o seu grande sofrimento e, em nome de princípios éticos, religiosos, ou outros, prolonga esse sofrimento. As pessoas fazem isso por elas próprias e não por a pessoa que está a sofrer. Dizem que fizeram tudo o que estava ao seu alcance, mas são pessoas que têm uma grande agressividade inconsciente em relação a quem está a morrer, e portanto não podem assumir que, por amor, não se queira prolongar o sofrimento de alguém que amamos. Há uns casos muito curiosos na guerra colonial e na Pide, que não sei se não seriam considerados casos de eutanásia. O conceito de vida e de morte, tal como é definido, levanta-me sérias dúvidas, a mim e a alguns pensadores deste mundo. Será que o conceito de Vida não implica viver com gosto, com prazer e não com um sofrimento irrecuperável? É justo que não se queira sofrer para que várias seitas, tendências, poderes espirituais e materiais venham dizer que se morreu nas condições devidas. Se eu for chamado a intervir num caso, cujo diagnóstico e investigações mostraram que não tem nenhuma recuperação, não tenho qualquer dúvida em não injectar ou administrar substâncias e compostos que só vão prolongar o sofrimento. E perante o argumento de que nós não temos o direito de tirar a vida a ninguém, eu digo imediatamente, mais importante que isso, é nós não termos o direito de prolongar o sofrimento seja a quem for. Mas como sabe, isto envolve muita hipocrisia. Tal como em relação ao aborto, que é um campo onde existe uma hipocrisia indignante, onde não interessa a pessoa objectivamente, mas sim as ideologias e doutrinas, as políticas e as religiões.

Rui Vasco

Os médicos são, naturalmente, os receptores de pedidos de eutanásia

MM: A opinião da Ordem dos Médicos sobre a eutanásia corresponde exactamente à da Associação Médica Mundial e à do Comité Permanente dos Médicos da CEE(CPM). Devo dizer-lhe que no C.M.P. da CEE havia uma delegação da Holanda cujas opiniões chocavam muito os outros delegados, porque dizia que havia situações em que talvez o médico pudesse compreender que o doente, não tendo possibilidade de cura, devia ser auxiliado a morrer tranquilamente e com dignidade, até porque o doente pedia isso ao médico. Mas a maior parte das outras delegações não aceitava essa posição. Uma ou duas abstiveram-se e todas as outras votaram a favor da proibição total da eutanásia. Portugal estava entre estas.

POL1: Eu concebo a eutanásia como um direito de escolha sobre a própria vida, do mesmo modo que a pessoa é dona do seu corpo. E o médico, como técnico que o vai ajudar a debelar uma série de problemas, deve ajudá-lo no último de todos. A pessoa já tem o direito de interromper a terapêutica e, a partir de determinada altura, pode até já não estar consciente, mas tem o direito de dizer antes que em determinadas situações não quer viver.

MC: Sinceramente, considero-me fiel à posição de ser incapaz de praticar eutanásia activa, mas sou defensor acérrimo de que, se há morte do tronco cerebral, temos obrigação de deixar que a natureza cumpra a sua função, uma vez que não há já vida real. Há possibilidades hoje de determinar que o centro cerebral não voltará mais a funcionar e, nessas circunstâncias, é lícito desligar o doente da máquina, porque o conceito de vida actualmente, é o que mantém a individualidade e a autonomia cerebral duma pessoa. E esta definição é reconhecida nos EUA, nos países nórdicos e na Europa inteira. Aliás, a palavra terminal é objecto de grande polémica. Quem atravessa uma rua, é atropelado e tem

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

O que são doentes vegetativos?

morte instantânea, não poderia prever, na manhã antes desse acidente, que estava tão terminal. Compreendo certos doentes quando pedem ao médico que lhes termine o sofrimento, mas pessoalmente, eu não o faria. Já tive alguns e procurei por todas as maneiras suavizar-lhes a dor, animei-os com a minha presença, dei-lhes uma dedicação total, aliciei os familiares a dar-lhe uma companhia grande, porque o momento de morrer é extremamente penoso. O acto de morrer, antes de ser experimentado, traduz nos doentes que o pressentem uma angústia muito grande, uma enorme ansiedade, pena e tristeza de deixar os seus e, por outro lado, um medo estranho do desconhecido. Embora haja quem enfrente a vizinhança da morte com muita serenidade, dispondo lucidamente das suas coisas, e a encare como um fim natural da própria vida. Mas a decisão da morte duma pessoa escapa aos médicos.

NEU: Há outros tipos de eutanásia, a meu ver, como a eutanásia social, provocada pela falta de meios de apoio geriátrico. A longevidade é hoje muito maior do que há 20 anos, mas a falta de meios torna a nossa situação calamitosa em termos de qualidade de vida da 3ª idade. Grande parte dessas pessoas é perfeitamente abandonada e escondida por toda a gente. E isto é uma forma de eutanásia social. E há outras, relacionadas com o *stress* e com as condições económicas degradadas dos indivíduos. E isto é um facto para quem pensa que a sáude não é a ausência de doença, mas um todo de bem-estar social, psiquíco e espiritual do indivíduo. Mas imagine uma situação muito grave, como um tumor maligno na face, que vai crescendo, desfigurando completamente um indivíduo. A pessoa fecha-se, isola-se e não há nada a fazer. Penso que, num caso desses, se o individuo pede, se deve fazer eutanásia. É um problema humano que se deve encarar e não esconder, e se eu tiver um doente nessas circunstâncias, que mo peça, não tenho problema nenhum em lhe acabar com o sofrimento.

JG: Em termos de oncologia, a gente continua sempre a tentar. A medicina moderna consegue minorar muito o sofrimento, mas ou ele continua em termos psicológicos, ou os fármacos cortam o doente de toda a comunicação com o exterior. O indivíduo está a viver, mas não tem qualquer viver. A medicina não poderá demonstrar a sua insuficiência e isso não merecerá um debate francamente alargado sobre a posição do médico numa situação destas? Tal como está previsto nos códigos médicos, isso não é sequer pensável, como não era pensável uma série de coisas que a técnica foi introduzindo e modificou completamente. Acho que é um assunto digno dum debate muito aberto e sem reticências, sem preconceitos, com uma moral moderna e activa, olhando para o homem como deve ser. Porque o problema, em termos de experiência das pessoas, é terrível.

Conceitos de morte

RR: Uma questão que não é eutanásia, mas às vezes se confunde um pouco, reside em saber se o doente está vivo ou não. Tradicionalmente, dizíamos que a vida tinha acabado quando se dava a paragem cardíaca e respiratória. Agora, com os ventiladores, a pessoa continua sempre a respirar através da máquina e, modernamente, julgou-se certo introduzir o conceito de morte cerebral. Há critérios mais ou menos definidos, que têm vindo a evoluir e que não são os mesmos em toda a parte. Em Portugal não existe propriamente uma lei que os defina. Há um parecer da Procuradoria Geral da República que aceita este conceito de morte cerebral. Mas o director do Instituto de Medicina Legal do Porto tem pedido esclarecimentos legais em relação a determinados cadáveres que aparecem como tendo sido desligados das máquinas, sem haver paragem cardíaca. É que há uma grande pressão sobre a definição de morte cerebral, ligada ao problema das transplantações. Desde que se decrete a morte cerebral, quanto mais cedo forem aproveitados os órgãos, em melhores condições o são. Há assim internacionalmente uma certa preocupação em não exagerar os critérios de morte cerebral, nem ter demasiada pressa em considerá-la declarada. Infelizmente, hoje há doenças que só se tratam através das transplantações e por isso estas tornaram-se um meio terapêutico muito importante. Mas uma coisa é reconhecer que os critérios de morte estão cumpridos, outra é saber o que é isso da pessoa morrer...Antigamente, considerava-se a morte como um momento; hoje há mais tendência para a considerar como um processo de degradação: as células não morrem todas ao mesmo tempo e não se sabe o momento exacto em que uma pessoa deixa de existir.

Vida vegetativa e malformações

JG: O que são doentes vegetativos? São os doentes que estão ali a ser mantidos, porque não têm mais o que se lhes possa fazer. O grande problema do envelhecimento, por exemplo, em que se vai assistindo a uma degradação...Vamos cair numa situação de eutanásia nessa gente? Então espere lá. E onde é que está a nossa organização de lares de 3ª idade, de hospitalizações de longa duração, em que essas pessoas fossem tratadas com toda a dignidade? O que é que as tornou vegetativas, onde é que a sociedade, em termos de benefícios, não lhes deu aquilo que, em condições ideais, teria sido dado para elas não se tornarem doentes vegetativos? Eu pessoalmente gostava muito mais de saber se poderá haver um debate sobre qual é o comportamento a ter perante um doente terminal. E sem especulações, porque enquanto se mantiverem mitos em relação ao cancro e subverdades em relação a uma série de coisas, enquanto a sociedade não assumir o seu papel em relação a isto, eu pergunto se estão criadas condições para debater a questão; porque, ao discutir um problema destes, ir-se-ão levantar questões anteriores extraordinariamente importantes, e que estão muito aquém ainda da eutanásia. Muitas vezes começa-se a discutir por uma ponta e depois é que

continua na pág 18

Testamentos biológicos

Os testamentos biológicos são documentos assinados em vida em diversos países, e os seus defensores afirmam que eles são o testemunho da última vontade do doente que, já incosciente, enfrenta a morte. Eles podem também constituir uma garantia para o médico que pratica a eutanásia a pedido expresso do doente.

POL1: Os Movimentos Pró-escolha estão a fazer uma grande campanha pró-testamento biológico no estrangeiro. Há bastantes pessoas que vão a notários reconhecer um testamento como os outros, em que a pessoa diz quais as situações em que não quer viver. O interesse disso é prevenir a possibilidade das pessoas já estarem inconscientes, já terem entrado num tipo de vida em que não lhe é permitido falar ou expressar-se e dar ao médico uma garantia legal e ética, a provar que ele não fez aquilo porque se lembrou. As pessoas são donas do seu próprio corpo e podem recusar-se a uma vida vegetativa, porque os seus conceitos de dignidade na morte se comparam à sua dignidade de vida.

JG: Quando as pessoas estão perante a situação mudam muitas vezes de posição. Qual será a validade dum tal documento? O médico só o poderia respeitar se ele resultasse de um debate. Gostava de saber, antes de tudo, se é possível e urgente haver um debate? Acho que é importante, mas urgente...Não estamos a lutar todos os dias com situações de eutanásia, nem pouco mais ou menos. O médico não pode atentar contra a vida. Mas o que é a vida quando já se cria a vida dentro da proveta? Até que ponto não se atenta contra a vida quando se toma a pílula? Existem de facto situações em que as pessoas terão direito à eutanásia? Quem? Como é que isso se passa? Seria preciso estudar todas essas questões.

M.S.D.

Os médicos e a eutanásia

continuação da pág 17

se vem ao princípio. Repare, a assistência especializada aos cancerosos de Lisboa e do país é oferecida a cerca de 13 a 18% da incidência, isto é, cerca de 80% dos doentes são capazes de não ter assistência especializada, de não serem tratados ou de sê-lo deficientemente. Era mais importante saber porque é que temos uma organização tão deficitária.

RR: Penso que há muitas situações de coma profundo de anos, em que não faz sentido prolongar a vida. Mas um doente pode estar em coma 10 anos sem estar ligado a uma máquina. Por toda a parte se ouve dizer que hoje há um exagerado tecnicismo e que em vez de se deixar as pessoas morrer pacatamente da evolução natural da doença, quando chega o momento, os médicos prolongam artificialmente a vida dos doentes. Qual é o sentido de levar para um hospital e isolar da família uma pessoa de idade que já nem sabe onde está? Não será degradar-lhe a vida, em vez de lhe dar uma morte digna? Em teoria a questão pode pôr-se, mas não há nenhum factor de previsão tão rigoroso que diga, a não ser em casos muito excepcionais, que o doente já não vale a pena ser tratado. Outra coisa é termos um doente que entrou naquilo que a gente pode chamar vida vegetativa. E podemos perguntar se tem sentido manter indefinidamente ligado um doente que nunca mais recuperará a consciência nem melhorará? E isto é que nós poderíamos dizer que está no domínio da eutanásia. É um peso muito grande para a sociedade, porque é preciso tratar dele como de um bebé; mas deixar de lhe dar de comer, faz-me um bocadinho de impressão. Claro que isto tem levantado problemas delicados, como um que me magoou bastante: a utilidade que estes doentes possam ter. Havia até quem achasse que eles eram um reservatório de sangue. A mim isto repugna muito. De momento, a minha sensibilidade e a minha reflexão ainda dizem que vale a pena dar de comer a um louco ou a uma criança que nasceu sem cérebro. Embora, nesta última, pense que não vale a pena estar a prolongar-lhe a vida por meios artificiais, pois não tem nenhuma capacidade de reflexão, que é o que dá a relação entre as pessoas.

Neu: Qual é a razão de existência duma pessoa que nasce sem cérebro? Há imensos casos destes e que acabam por morrer. Se isso está comprovado sob o ponto de vista clínico, é evidente que é uma situação em que se pode fazer eutanásia, até para não criar falsas expectativas aos pais. Mas tem de haver uma legislação e os pais têm de ter a última palavra, pois não cabe aos médicos decidir. Num adulto, o estado vegetativo pressupõe à partida que ele não tem cérebro com capacidade de decidir se quer viver ou não. E também aí depende da família. E, se esta não quiser, seria preciso determinar quem é que vai ficar a fazer a manutenção do indivíduo. O problema é que nunca ninguém aceita esse trabalho e isso é uma questão social gravíssima. Optar pela eutanásia nesses casos é escolher a solução mais fácil; e o princípio da liberdade individual e das convicções religiosas da pessoa em si? Como sabe, o nosso país tem imensos acidentes rodoviários, os afogamentos são inúmeros e todos os dias lidamos com isso. É um problema real.

MC: Sou dos que considera que todo o ser vivo tem direito aos cuidados gerais de manutenção, incluindo a alimentação, quer esteja numa doença terminal ou num estado vegetativo. Acho que o médico tem de repensar muito este problema, que se põe muito em crianças que nascem com mal formações. Nos EUA houve um grande debate sobre duas siamesas pegadas por uma série de órgãos e só com três pernas e em que pararam a própria alimentação e administração de água às doentes. Por mim, considero a suspensão da alimentação uma eutanásia passiva. A sociedade tem de definir essas regras, porque são situações de grande delicadeza, com zonas de limiar pouco definido. A não ser que haja uma grande revolução de costumes e de critérios, e dum ajuízamento colectivo dessas situações, o médico não tem possibilidades de intervir.

Rui Vasco

A saúde e a doença em diálogo constante

Cancro e Sida

MC: Quando falamos de sofrimento prolongado, temos em mente essas duas doenças, incuráveis a partir duma certa fase. Hoje pensa-se que a maioria, senão todas as pessoas infectadas pela Sida contrairão a doença num período de 10 anos. É dever do médico preparar o doente para isso. Em todo o caso, a medicina progride muito. O tratamento das complicações já faz prolongar a vida destas pessoas em condições muito aceitáveis. As condições "muito aceitáveis" dependem de pessoa para pessoa, mas para o médico a vida não é relativa: existe ou não existe. O ser está vivo ou morto. E a nossa missão é tê-lo vivo, a viver da melhor maneira e a sofrer o menos possível. Interferir no momento exacto da morte escapa-nos. A não ser que a colectividade em que o médico está inserido partisse do princípio, educando-o nessa decisão colectiva, de que fazia parte das atribuições do médico, chegado o momento X, determinar a morte das pessoas.

JG: Eu sou oncologista e o primeiro grande problema é o carácter mitológico do cancro, a sua associação com a morte é terrível. É preciso não esquecer que hoje em dia 50% dos casos de cancro são curáveis. Não nego que seja a segunda causa de morte mais importante do mundo, mas o mito do cancro, em 1990, ainda causa mais prejuízos que benefícios. Mesmo do ponto de vista social, há um certo despachar do doente, e muitas vezes temos de tratar doentes que estão abandonados pela família e pela sociedade porque têm cancro; e o mito é tão grande que muitas vezes, por falta de informação, não se vão procurar os cuidados assistenciais atempadamente.

DL: Poder-se-ia dizer que 50% dos doentes "ultrapassados", pedem ao médico que lhes acabe com a vida?

JG: É impossível dizer isso. Os indivíduos que estão conscientes e pedem isso constituem numa percentagem mínima. A grande maioria das pessoas em situações terminais está convencida até ao fim que ainda vai haver uma esperança de sair daquela situação. E isso é altamente positivo.

O papel do médico

RR: Penso que a pessoa tem o direito a querer morrer. No que diz respeito à vida, tem de haver um espaço de liberdade pessoal de cada pessoa e para mim, esse espaço de liberdade é suficientemente importante para ser respeitado. A pessoa contraiu deveres para com a sociedade; mas a sociedade não pode ser tão sufocante que numa coisa tão importante como a vida, não permita à pessoa escolher. Na eutanásia, o problema mais duro e difícil põe-se perante alguém que tem uma doença que sabe irreversível e que caminha para a morte, com um sofrimento grande. Há o problema de saber se os médicos devem ou podem intervir nesse processo. E há quem diga que, na impossibilidade de dar ao doente uma vida capaz, o médico pode intervir, ajudando-o nas suas dificuldades. Os médicos foram educados e formados para prolongar a vida das pessoas. Penso que poderíamos alterar esse conceito, mas julgo que não existe na comunidade médica essa perspectiva que seria, não para continuar a vida a qualquer preço, mas para dar às pessoas a melhor vida possível. Isso levanta problemas muito difíceis de resolver. Eu pessoalmente posso ter muitas reservas, mas penso que é útil falar disso, os problemas estão postos e não vale a pena iludi-los. Há países, como a Holanda ou a França, em que pessoas muito responsáveis põem a questão e defendem esse ponto de vista. O problema é também da comunidade. E o facto de eu achar seja o que for, não quer dizer que outras pessoas não tenham outros princípios.

MC: Com o aumento dos direitos do indivíduo e do respeito pela sua liberdade, compreendo que nas sociedades contemporâneas se venham a definir fórmulas médico-jurídicas e outras que possam contemplar, sob cumprimento duma série longa de requesitos, que a pessoa tenha o direito de determinar a sua morte. Mas mesmo nesse caso, pode pôr-se a pergunta se deveria caber ao médico esse papel. Posso caricaturar, dizendo que se um dia a sociedade aprovasse a existência dum açougue para humanos, ela era soberana para o decidir, mas o que é dicutível é querer médicos cultivados na sua sensibilidade extrema para manter a saúde, aliviar o sofrimento e prolongar a vida e, ao mesmo tempo, capazes de mudar 180 graus o seu comprometimento interior e matar um doente, a seu pedido. A sociedade tem de se acautelar com essas regras e para isso é necessário um acto colectivo de discussão aberta e ponderada, pois não se pode projectar nos médicos um problema que pertence às normas duma sociedade inteira.

Neu: Penso que os médicos, se é no sofrimento e na dor que intervêm, têm não só o direito de tratar o doente, como têm o de, em casos perfeitamente delimitados, ajudar à morte, porque são os médicos que sabem como utilizar as drogas, em que situação e em que doses. Não o fazer seria fugir duma responsabilidade. Não se pode criar um organismo a quem cabe matar os doentes que pedirem legitimamente a eutanásia. E não vai de modo nenhum contra o código deontológico, contra o qual aliás eu sou, que nunca foi discutido e que é uma coisa bizarra e corporativista, que é imposta desde o tempo de Hipócrates. No *meu* código deontológico nada há contra isso. O que não quer dizer que os médicos sejam obrigados a fazer eutanásia. Ninguém pode ser obrigado, depende da consciência e da formação de cada um.

A família

RR: Entre nós é muito difícil as famílias serem ouvidas sobre estes problemas, não há uma tradição muito grande disso, e muitas vezes a sua cultura é muito baixa e é muito difícil estar a dar-lhes a entender o que é que isto tudo significa. Julgo que nos EUA e noutros países a família é sempre ouvida, mas também não sei se lá as pessoas perceberão tudo.

JG: Falando de doenças crónicas, como o cancro, se há decisões importantes que é preciso tomar, o médico tem de as tomar com o doente ou a família. Teria de ser estudado o envolvimento e empenhamento da família e das pessoas que tratam o doente. Quando um organismo funciona para além de todo e qualquer sucesso terapêutico, a medicina e a sociedade devem ficar meramente expectantes em relação a um indivíduo destes? Ou todas as variáveis teriam de ser condicionadas e debatidas? O que é na realidade um indivíduo completamente ultrapassado e para além de todo e qualquer benefício terapêutico? Pode não ser uma definição muito fácil de dar. A eutanásia é um dos campos com que a gente ombreia todos os dias, em situações terríveis de doentes terminais. Por isso, deve-se debater amplamente a questão, de forma não partidarizada, para saber o que se pode oferecer àquele doente, quando se sabe que estamos para além de toda a terapêutica. Se é unanimente combatido o encarniçamento terapêutico, poderemos discutir também o prolongamento artificial terapêutico?

O debate

JG: No fundo não são tantas as pessoas que têm experiência de situações destas e a formação de correntes de opinião e de *lobbies* neste campo é terrível. De facto, vivemos esse problema da eutanásia, não vamos escamoteá-lo, e sendo essa a minha experiência humana, admito que a realidade às vezes é diferente do que diz a lei e o código deontológico. As mutações da sociedade e do próprio desenvolvimento foram de tal natureza, que admito que possa e deva haver um debate sobre todos esses valores, extraordinariamente importantes, e que dizem respeito a uma grande maioria da população portuguesa. Mas se tivesse que escolher prioridades de discussão, esse nunca seria o primeiro problema.

Margarida Silva Dias

CULTURA

Cinco etnias diferentes, reformados com pensões de menos, marginais com actividade de mais, dezassete mil pessoas (um terço por recensear), eis, para o pior, o Alto do Pina. Perante isto a Junta de Freguesia (de maioria PSD) lembrou-se que a Fonte Luminosa fazia 50 anos. Vai daí deu-lhe para animar culturalmente a zona. Um êxito

Uma efeméride como pretexto

As efemérides servem para o que a gente quiser. Os 50 anos da Fonte Luminosa (da Alameda Afonso Henriques) podiam mesmo não ter servido para nada, já que dela andamos todos um tanto esquecidos. Todos, não. A presidente da Junta de Freguesia do Alto do Pina, essa, lembrou-se que aquele monumento que ali está inaugurara-se em 1940. Vai daí, foi como o ovo de Colombo: a pretexto de uma efeméride a que ninguém ligara nenhuma, concebeu um programa de animação cultural capaz de, em simultâneo, alertar para um património arquitectónico ao abandono e para o abandono da população local.

O problema da fonte propriamente dita nem será o maior, muito embora fizesse ela jus ao nome porque é conhecida e teria diariamente água (a correr) e luz, que não tem a não ser quando o rei faz anos.

E teria mais: teria à sua frente um relvado que se visse e não as peladas que se vêem, e teria sobranceiro um jardim digno desse nome, equipado com algo que o tornasse convidativo no melhor sentido do termo. No pior - tal como está - ele já é, que miséria atrai miséria e a Fonte Luminosa está num estado miserável, incapaz de cumprir aquilo que seria a sua vocação: pólo de lazer animador de uma zona urbana de uma cidade que se quer civilizada.

Mas a freguesia, como soe dizer-se, tem mais com que se haver, a começar pela sua população, limitada por uma terceira idade empobrecida e por uma juventude marcada por casos de toxicodependência. Por outras palavras, no Alto do Pina há reformados com pensões de menos e marginais com actividade de mais. No total: treze mil pessoas recenseadas, mais quatro mil por recensear. Para além de tudo isto, que já não é pouco, a freguesia enfrenta um problema pouco comum à cidade: uma população dividida por cinco etnias diferentes: a autóctone (chamemos-lhe assim), mais as angolana, guineense, cabo-verdiana e cigana.

A Fonte Luminosa na década da sua inauguração: mesmo sem água a correr, para as gentes da avenida era um local de passeio

Assimilar num todo relativamente homogéneo e convivente esta população não é fácil, mas foi precisamente por aí que a Junta de Freguesia, no sábado, desafiou o destino: as comemorações do cinquentenário da Fonte Luminosa englobaram actividades culturais marcadas pela presença de cada etnia. E foi um êxito.

No próximo sábado com actividades diferenciadas, repete-se a dose, mas a Junta não se dá por satisfeita com efemérides, que, como as palavras, leva-as o vento. E é assim, que por sua inicitiva vai ser ministrado um minicurso de hotelaria para jovens desocupados da freguesia. Para quê - perguntar-se-á?

Ora para quê: para que nos arraiais de Junho haja gente a servir às mesas com o mínimo de noção do que está a fazer, haja gente que - quem sabe- assim comece uma actividade.

O relvado fronteiro à Fonte Luminosa (ou o que dele resta) ficará ainda pior, é certo, mas, já que ninguém se ocupa dele, antes um arraial que por uns dias anime a zona do que o abandono vigente. E depois, que é o relvado em mau estado comparado com fontanários e esgotos de que a freguesia está carecida para não falar de casas condignas para morar que não tem para quem mais precisa delas?

A cultura tem as costas largas, apetece dizer, lembrando-se a gente que o pretexto para falar de tudo isto é o cinquentenário da Fonte Luminosa. Mas para Virgínia Estorninho (presidente da Junta de Freguesia do Alto do Pina, de maioria PSD, note-se) os pretextos pouco importam. Para remediar uma situação, o que é preciso é fazer qualquer coisa. E ela faz...

Luísa Alexandra Botinas e Rodrigues da Silva

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

Pirilampo Mágico na rua desde ontem

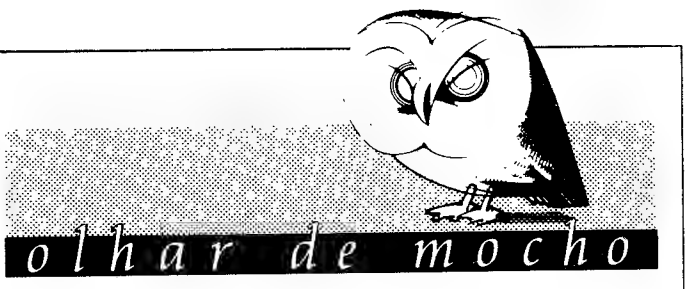
Por iniciativa da Antena 1 e da Fenacerci, teve ontem início mais uma campanha Pirilampo Mágico, de apoio às crianças deficientes das Cerci, com a venda em todo o País, até 2 de Junho, de 900 mil pirilampos de cor magenta, ao preço de 300 escudos.

Simultaneamente, serão editados 10 mil discos e igual número de cassetes, também a 300 escudos cada exemplar, cuja autoria da letra e da música pertencem a Maria Alberta Menéres e Carlos Alberto Moniz, os coros infantis de Santo Amaro de Oeiras e da Academia de Música de Santa Cecília, além de intérpretes solistas, entre os quais Nucha, Luís Filipe e os conhecidos actores Marina Mota e Carlos Cunha.

A Antena 1 e a Telecine realizaram igualmente um videoclipe como suporte do disco, no qual várias figuras conhecidas irão «dar a cara». Será a sua forma de se solidarizarem com o Pirilampo Mágico.

Muitas outras iniciativas surgirão no decorrer da campanha, como, por exemplo, o espectáculo tradicional do encerramento.

As três campanhas do Pirilampo Mágico, organizadas pelas mesmas entidades em 1987, 88 e 89, renderam um total de cerca de 123 mil contos, totalmente aplicados em diversas instalações das Cerci.



As três lógicas

Foi o velho Aristóteles, há 25 séculos, quem chamou a atenção para o facto de a lógica não ser apenas uma, mas três: na sociedade, dizia ele, existe a lógica dos intelectuais - chamava-lhe o «liceu», isto é, a academia onde as ideias se debatiam -, a lógica dos políticos - era a que reinava na «agorá», a praça pública -, e finalmente a dos quartéis, que, evidentemente, também têm a sua lógica própria, a que se discute com a ponta das espadas.

Não se deve estranhar, portanto, que o actual Governo tenha a sua lógica própria e que a Televisão, o braço comprido desse mesmo Governo, tenha também uma lógica própria que escapa aos pacatos cidadãos entretidos nas aventuras académicas do «liceu».

No «Jornal de Sábado», uma espécie de missa dominical do primeiro-ministro, com o seu «sacerdote» de lugar cativo, José Eduardo Moniz, esta lógica governamental, diferente da lógica académica, veio mais uma vez à tona de água.

Os primeiros 35 minutos foram ocupados em regime de exclusividade pelos seguintes sete temas: MDP/CDE, congresso do PCP, Judas, Vital Moreira, Carlos Fino de Moscovo, Países Bálticos, Albânia.

Segundo a lógica académica, nenhum destes temas é actual, tem lugar num magazine informativo ou é susceptível de ter uma mais-valia que justifique honras de primeira página. É tudo carne moída e picada, lembra o António Ferro do antigamente, ou as notas da Emissora Nacional sobre Moscovo. Mas na lógica do Governo interessa continuar a malhar nos comunistas - já que não são papões que sejam hamburguers triturados.

O respeito e a veneração devidos a Aristóteles obriga a elogiar a lógica política adoptada pelo chefe do Governo. O mal não está em que o Poder procure por todos os meios confirmar esse seu Poder, calafetando todas as fissuras por onde o barco laranja começa a meter água. O mal está em o Governo «nacionalizar» gonçalvisticamente o serviço público chamado Rádiotelevisão Portuguesa. Aqui deixa de haver lógica aristotélica para se trilharem caminhos que se afastam do sistema democrático. O conselho de gerência de um serviço público deveria ser formado por representantes dos partidos políticos de assento parlamentar, das várias igrejas, dos sindicatos, dos patronatos. É esse o modelo europeu e civilizado e se o primeiro-ministro não sabe disto, devia saber, e pelo menos, enviar os seus *muchachos* a cursos de reciclagem por essa Europa fora. No *Cambio 16* escrevia-se, há dias: «A Radiotelevisão, impropriamente chamada pública, começou a enveredar para a via *romena* com manipulações dignas de uma ditadura semelhante à de Ceausescu.» No fundo é isto: quanto mais se bate nos comunistas, mais nos aproximamos dos métodos comunistas. E essa lógica não está no catálogo do Aristóteles. Seria bom que o Governo demonstrasse que a sua legítima lógica de Poder não consiste em transformar um serviço público num folhetim a cores do seu «Povo Livre».

José Sousa Monteiro

VIDEO CATÁLOGO

«História de amor»

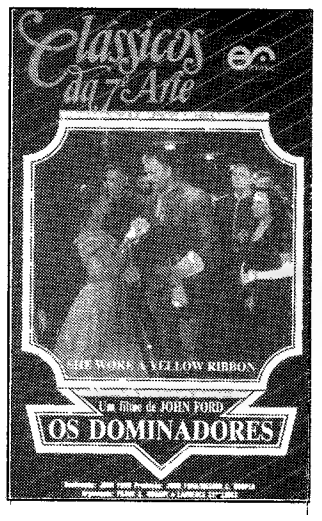
Um discípulo de Antonioni é sempre um discípulo de Antonioni, mesmo que no caso presente seja Francesco Maselli, autor que nas últimas décadas cedeu demasiado às tentações do cinema comercial.

«História de amor», realizado em 1986, é ainda um produto desta fase do trabalho do cineasta. A história de Bruna e dos seus amores triangulares com Sérgio e Mário não deixa, todavia, de conter uma certa dose de subversão que se acentua quando entre os dois rivais masculinos surge uma inesperada «amizade». Vale a pena o aluguer.

«Una storia d' amore». Realização: Francesco Maselli. (Itália - 1986). Intérpretes: Valeria Golino, Blas Roca-Rey, Livio Panteri, Luigi Diberti. Cor. S/ duração indicada. Drama. Música de Giovanna Marini. Para maiores de 12 anos. Edição Dopervideo.

«(Os) Dominadores»

Já editado no mercado de aluguer, «Os Dominadores» é agora integrado com total justiça, na colecção «Clássicos da 7ª Arte». O caso não é para menos e para chegar a tal conclusão basta consultar a ficha técnica abaixo indicada. John Ford realiza, Joanne Dru domina os ânimos e Wayne domina as tropas. Os cinéfilos, por sua vez, «chamar-lhe-ão um figo». (v. coluna «Cinco Estrelas»).



«She Wore a Yellow Ribbon». Realização: John Ford. (E.U.A-1949). Intérpretes: John Wayne, Joanne Dru, Victor McLaglen, John Agar. Cor. 100 minutos. Western. Música de Richard Hageman. Para maiores de 6 anos. Edição Edivideo. Venda directa.

CINCO ESTRELAS

«Yellow is beautiful»

Há quem tenha sorte aos amores e há quem, que a não tendo, se vá contentando com os sucessos amealhados na roleta. Para o amarelo não há razões de queixa: é desde há muito a mais amada cor nos meios cinematográficos.

De resto, para o comprovar bastará referir alguns casos pontuais, mas, de qualquer forma esclarecedores: de que cor era a camisa que a Maria da Graça cantava, enquanto ia ensandecendo o Ribeirinho no «Pátio das Cantigas»? E o «Submarino» de Beatles teria chegado ao celulóide se, em vez de ser amarelo, fosse azul, lilás ou mesmo vermelho forte, como os lábios de uma ínfima, mas muito fotogénica «starlet» das praias da Riviera?

Em Hollywood, apesar de lá estar reunido (quase) todo o sangue azul da aristocracia da Sétima Arte, não se escapou ao sortilégio do amarelo e, assim, também a «instituição» John Ford realizou, em 1949, um filme que se intitulou «She Wore a Yellow Ribbon». A «she» em questão era Joanne Dru e o «ribbon» era o ornamento de que ela se servia para alindar ainda mais aquele rostinho próprio da garota mais «fixe» do Oeste.

Pelo menos, seria também com tais olhos que os homens a viam. Crus, incultos, sem outro amor que não fosse o de estender a fronteira para além das terras onde ainda reinavam deuses de nome índio, estes homens usufruíam das mulheres com o estado de espiríto de quem bebe um golo de vinho após uma jornada exasperante. Tal princípio aplicava-se evidentemente a mulheres que não fossem como Joanne Dru que em «Rio Vermelho» mete Montgmory Clift no bolso, mal lhe demonstra que os jogos de amor podem ser tão devastadores quanto os jogos de guerra. Repetiu a façanha em outros filmes bem cotados na história do western :«O Comboio dos Bravos», «O Vale da Vingança» e este «Os Dominadores». O título português, muito compenetrado do seu dever, refere-se, como é óbvio, aos protagonistas masculinos : John Wayne e Victor McLaglen. Mas também Joanne Dru é uma dominadora porque é a mulheres como as que ela interpreta que os Estados Unidos devem o seu nascimento enquanto nação; mulheres que sabiam o que queriam da terra, da vida e dos homens. Diante delas, mesmo quando praguejavam como um carroceiro, os viris condutores das caravanas desbarretavam-se e replicavam humildemente um americaníssimo «yes, mamm'». Estas venerações não dispensavam, no entanto, uma certa «coquetterie», mesmo que ela fosse conseguida com um toucado amarelo que depois ficava para a história do cinema. Até porque «yellow is beautiful».

Maria João Martins

SÉRGIO GODINHO, ESCRITOR DE CANÇÕES

ABRIL 27 • 28 • 29 • 30
MAIO 3 • 4 • 8 • 9 • 10 • 11 • 15 • 16 • 17 • 18 • 19

Uma arrebatadora actuação, sabiamente encenada até ao mais ínfimo pormenor.
FERNANDO MAGALHÃES, PÚBLICO

É com deslumbramento que reconhecemos que como escritor de canções a sua criatividade é inegostável.
MARIA JOSÉ MARQUES, DIÁRIO DE LISBOA

Desta vez, S.G. aceitou o risco maior... nenhum grande cantor canta hoje assim em Lisboa, a sós, quase em segredo.
INÊS PEDROSA, EXPRESSO

Um espectáculo de corpo inteiro... que puxa pelas canções até ao limite.
JOÃO GOBERN, CAPITAL

Em 1990, o certo é que ele é o mais coerente e o melhor escritor de canções... despidas de ornamento, elas tornaram-se estranhas, surpreendentes sucessões de palavras familiares, e novas.
RUI MONTEIRO, BLITZ

um êxito

Auditório do Instituto Franco-Português
A partir de 27 Abril às 21h30
Av. Luís Bívar, 91 — Lisboa Tels. 54 67 78 / 54 43 89
Músicos:
MANUEL FARIA (piano e sintetizadores)
NANI TEIXEIRA (baixo eléctrico)
Direcção:
RICARDO PAIS
Produção:
PAULO PULIDO VALENTE (em colaboração com UNIÃO LISBOA)
Bilhetes à venda na Sala de Espectáculos e Agências ABEP e ALVALADE
Patrocínios:
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
EMI VALENTIM DE CARVALHO
Apoios:
INDEPENDENTE
PÚBLICO
BLITZ

Santana Lopes «espanhol»

Um incidente diplomático ensombrou ontem o início da semana cultural portuguesa em Bordéus, França. Segundo referência hoje incluída no «Público», a *marie* daquela cidade enganou-se e em vez de convidar para um jantar oficial o secretário de Estado da Cultura português, Pedro Santana Lopes, endereçou um convite ao presidente do *ayuntamiento* de Sevilha, na Espanha. Santana Lopes aceitou as desculpas formais que lhe foram pedidas logo que o equívoco foi desfeito, mas recusou-se a comparecer ao jantar, acompanhado na decisão pelos restantes componentes da delegação portuguesa.

BREVES

Mário de Sá-Carneiro homenageado no Porto

O Grupo Cultural da Associação de Estudantes da Escola Superior de Educação do Porto realiza amanhã um colóquio sobre a obra de Mário de Sá-Carneiro, comemorativo do centenário do seu nascimento. O colóquio integra-se numa homenagem ao poeta iniciada ontem e que se prolonga até sexta-feira.

Ontem, inaugurou-se, naquela escola, uma exposição bibliográfica e uma feira de livros. Depois de amanhã, pelas 22 horas, haverá um concerto por Daniel Dinis e o Miso Ensemble. Finalmente, na sexta-feira, realiza-se novo concerto, desta vez por Aníbal Morais e a sua banda e a Banda do Pixote.

Morreu o tenor Armando Guerreiro

O tenor Armando Guerreiro morreu ontem em Lisboa, vítima de paragem cardíaca. Sobre ele disse o director do Teatro Nacional de S. Carlos, a cujo quadro permanente de cantores pertenceu, ter sido «notável» na altura da Companhia Portuguesa de Ópera, «que actuava no Teatro da Trindade durante os anos 60 e princípio de 70».

«Com a sua morte perde-se uma das figuras que de forma permanente, com uma qualidade de prestação regularíssima, mais contribuiu para o panorama lírico nacional», acrescentou ainda José Ribeiro da Fonte.

Semana Cultural da Coreia em Lisboa

A Semana Cultural da Coreia está a decorrer em Lisboa entre ontem e sexta-feira, promovida pelo Curso de Língua e Cultura Coreana do Instituto Oriental da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.

IPPC adquire espólio de Filipe Duarte

O Instituto Português do Património Cultural adquiriu o espólio do compositor Filipe Duarte. Este espólio é constituído não só pelas composições do próprio autor português, como também por 135 obras impressas e manuscritas da autoria de outros compositores nacionais do teatro musical.

Semana de Conservação da Fotografia na Gulbenkian

A Semana de Conservação da Fotografia está a decorrer desde ontem até sexta-feira na Fundação Calouste Gulbenkian, contando com a presença de reputados especialistas internacionais na matéria.

Companhia de Dança de Lisboa inaugura temporada

A Companhia de Dança de Lisboa vai apresentar em Lisboa de 11 a 20 de Maio a sua temporada de Primavera 90, com a estreia absoluta do bailado de Vítor Garcia «Memórias da Porta Branca» e em estreia nacional o bailado de Lionel Hoche «Devias ter Deixado a Luz Acesa».

Formiguinha da Boa Morte representa «Tchiloli»

O grupo são-tomense Formiguinha da Boa Morte representa «Tchiloli ou Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno», uma peça do século XVI, do poeta cego madeirense Baltazar Dias, agora em versão actualizada e adaptada aos ritos africanos daquele país.

As representações efectuam-se nos dias 25, 27 e 28, às 21 e 30 e no sábado, 26, às 16 horas, no Auditório ao Ar Livre.

Agrava-se estado de saúde de Elizabeth Taylor

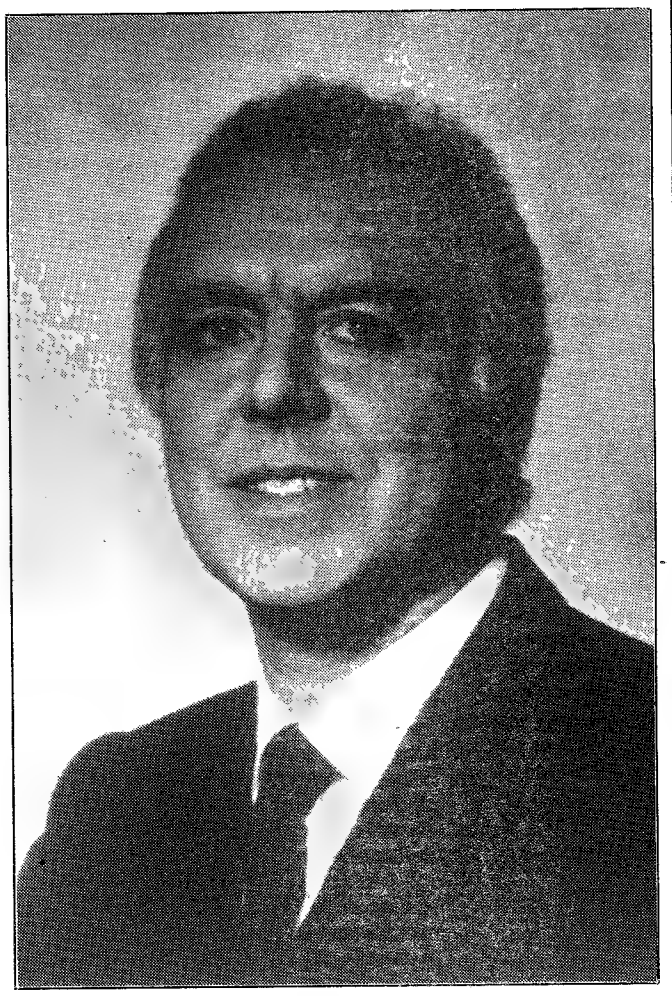
A actriz Elizabeth Taylor que se encontra hospitalizada na Califórnia em consequência de uma grave pneumonia, terá de permanecer no hospital mais outras seis semanas, foi ontem anunciado.

Marcel Marceau pára «tournées» no estrangeiro

Marcel Marceau, de 67 anos, após 35 de actividade no estrangeiro, regressou definitivamente a França. Em Périgueux inaugurou sexta-feira a Casa do Mimo. Em Setembro, Marceau terá um espectáculo noTeatro do Ginásio, em Paris, durante cinco meses.

Com 50 anos de idade e 27 de carreira, actuou em algumas das principais «catedrais» da canção, casos do Olympia de Paris, Alte Oper de Frankfurt, Savoy de Helsinquia e Canecão do Rio de Janeiro. Em Portugal todos o conhecem. Acaba de sair o seu último trabalho discográfico, significativamente intitulado «Que se fez Homem de Cantar». Justificada a conversa com...

Carlos do Carmo



Carlos do Carmo através do «DL»: «Apelo ao Poder para que não os cale, para que não sufoque os últimos dinossauros da Europa»

«Melhor Disco do Ano» em 1970 e 1976. Toda a sua discografia, sem excepção, tem sido invariavelmente classificada entre «Disco de Prata» e «Duplo Disco de Ouro». Várias vezes «Prémio de Imprensa». Diploma de cidadão honorário do Rio de Janeiro. Diploma do Senado Americano de Rhode Island pelo seu contributo para a divulgação da cultura portuguesa. Com Carlos do Carmo, no seu velho escritório do Bairro Alto:

- Para começar, uma coisa que logo me despertou a atenção, foi o facto de no lado A do seu novo disco, aparecerem nomes com os de António Martins e de José Mário Branco como responsáveis pelos arranjos e direcção musical, enquanto que no lado B constam, para idênticas tarefas, os nomes de Pedro Osório e Carlos Alberto Moniz. Quer comentar?

«É uma questão de diversidade. O Carlos Alberto Moniz é um músico que eu aprecio já há muitos anos, e tinha em aberto a perspectiva de um dia lhe pedir um arranjo para um disco meu. Surgiu a oportunidade, ele abraçou-a com muito gosto e eu, com muito gosto também, incluo-o no meu trabalho. Com o Pedro Osório passa-se o seguinte: o Ivan Lins conhece muito bem o Pedro, gosta muito dele, e quando me mandou o fado para eu cantar, juntou uma recomendação a dizer "diz ao Pedro que faça aquele arranjo que a gente gosta". Quanto ao José Mário Branco, ele é um músico com quem eu me sinto sempre em situação de privilégio, é um músico muito sério, qualquer artista que cante nesta terra - no meu ponto de vista - que tenha a possibilidade de ter um trabalho orquestral do José Mário, só pode valorizar o seu próprio trabalho. Ele é uma pessoa que faz um trabalho com muita profundidade, com muita seriedade, com muito rigor e muito respeito. Ainda por cima, tenho-o também como autor. Donde, no tema que abre o LP, «Teu Nome Lisboa», é um número em que ele está em casa, porque está a orquestrar um trabalho dele».

- Agora uma outra questão: os dez temas que integram este seu último disco são bastante diversificados, tanto assim que inclui, a par de Ary dos Santos, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Sérgio Godinho, José Mário Branco, Manuela de Freitas, Ivan Lins ou Mário Moniz Pereira, os nomes de Linhares Barbosa e Jaime Santos, autores famosos de algumas décadas atrás...

«Em relação a este último fado, ele representa uma ternura em relação à minha mãe. Repare que, ao cabo de 27 anos de carreira, nunca tinha gravado um fado do repertório da minha mãe. Pois este é um fado que a Lucília do Carmo criou há trinta anos, e que tem até uma história com muita piada, pelo que comporta de cumplicidade familiar: Eu disse à minha mãe "sabes, gostava muito de incluir no meu próximo disco um fado teu, e já o escolhi. E diz-me ela "qual foi o fado que tu escolheste?" Quando lhe disse que tinha sido os "Olhos Garotos" ela respondeu "tem piada, era o fado de que o teu pai mais gostava".

- Quer agora falar sobre outros temas do disco? A composição do brasileiro Ivans Lins, por exemplo, terá alguma coisa a ver com fado?

«Tentaria definir o Ivan da seguinte maneira: ele é provavelmente, neste momento, o músico brasileiro de maior repercussão mundial. Porque é um homem cujo percurso musical vai parar a Los Angeles. Trabalha muito com o Quincy Jones, é um homem que divulga muito a grande música do Brasil. Mas tem ainda outra particularidade, é um brasileiro que gosta sinceramente de Portugal, e o Ivan Lins não faz concessões, gosta-gosta, não gosta-não gosta. E, curiosamente, gosta muito de fado. De maneira que, tendo nós uma relação de amizade já de 12 anos, eu disse-lhe, na última vez que estive no Brasil, há dois anos, que tendo completado 25 anos de carreira estava a pensar gravar um disco diversificado, por onde passassem amigos meus, de expressões várias... Entretanto regressei a Portugal e passada uma semana telefonaram-me da «Varig», e tinha lá uma cassete com um original do Ivan Lins, isto foi um gesto de ternura, subtil, muito discreto, através do qual ele se lembra do seu amigo fadista, que está aqui em Portugal».

- De Sérgio Godinho, é a primeira vez que você grava um tema?

«Na verdade, sentia que tinha essa lacuna, por isso lhe pedi um tema original. Fiz-lhe o desafio, e o Sérgio aceitou com muita simpatia. É um fado "à Sérgio", estou contentíssimo com o resultado».

- Normalmente, é o Carlos que escolhe os temas para os seus discos? «Até hoje tem sido assim».

- Normalmente, os intervalos que você escolhe para as edições dos seus discos, são talvez a pensar em não saturar o público, será assim?

«A esse respeito tenho uma opinião que formei nestes últimos anos e que a vou expressar publicamente. Ao seu jornal - e a si - com muito gosto: Eu penso que, de há uns anos para cá, não vão muitos, entrou-se por asim dizer numa forma de administrar a carreira que não é bem administrada pelo artista. É que estes submetem-se a um contrato com uma gravadora, que os obriga à edição de um disco anual. O País é pequeno, o mercado é pequeno, a erosão de imagem é rápida, porque somos poucos. Presumo que, a páginas tantas, o artista está a fazer concorrência a si próprio, porque por muito fiel que um público seja a um trabalho, parece-me quase impossível a musa ser tão forte que se possa manter, ano após ano, a qualidade do trabalho que se edita. Conclusão: penso que o artista está a subverter a sua carreira em Portugal, entregando-se à obrigatoriedade de fazer um disco por ano. Parece-me mais saudável, para a carreira de um artista, gravar quando tem matéria para, quando sente - porque é preciso sentir, porque gravar não é cantar ao vivo - que tem vontade de se fechar naquele estúdio, de redemensionar o seu sofrimento, porque se sofre muito a gravar. Asim, tenho procurado gerir a minha carreira nesse sentido. Por exemplo, ao longo dos meus 27 anos de carreira artística, o total das gravações que fiz é capaz de representar um disco por cada dois anos».

- Costuma ser sensível às críticas que publicamente são divulgadas a propósito dos seus trabalhos?

«Sim, sou extremamente sensível, pelo lado positivo, às críticas. Quando alguém escreve que não gosta de um disco meu, não me sinto agredido, eu legitimo essa posição, mas porque não, porque é que há-de gostar? Não gosta, explica por quê».

- Mas, voltando à questão que deu origem ao seu apelo ao Poder (que publicamos nesta página com o título «Defendam-se os dinossauros») o que é que se passa na Europa em termos de canção de qualidade?

«É o vazio. aqui a nossa vizinha Espanha tem o Victor Manuel, tem o Serrat, tem a Maria Del Mar Bonet, mas depois a gente tem que andar à procura com uma lupa, vamos a França é uma desgraça, o Ferré está velho - mas vivo - mas... e a resposta, e a continuidade de uma canção inteligente, duma canção de escola, como o Brel fez, a canção é uma coisa bonita, eu sei que são só três minutos, eu sei que é muito efémera, mas ela tem uma componente tão importante na vida das pessoas... Mas atenção à gente boa que existe nesta terra. É horrível pensar que não gravam, quando Portugal é um país com grandes artistas».

- Você privilegia os espectáculos ao vivo?

«Sim, porque têm a ver com a minha maneira de ser. O disco, como já referi, é um grande sofrimento porque é o tal documento inapagável, a Televisão é um grande órgão de Comunicação, onde a gente aparece e, de uma assentada, canta para vários milhões de pessoas; por outro lado o espectáculo ao vivo é aquela grande cumplicidade, é aquela relação humana, é aquela empatia entre as pessoas, é humanizar a relação».

- Para finalizarmos esta conversa interessantíssima, gostava que me me falasse da boa música que se tem feito ultimamente no Brasil. Porque você aí se desloca uma vez mais, depois porque sei que tem por lá grandes amigos, que tem inclusivamente um conhecimento bastante profundo da moderna música brasileira...

«Procuro acompanhar. Bom, são 140 milhões de pessoas que falam a língua portuguesa. Aquilo é fascinante porque não é bem um país, é quase um continente. Quando estamos a ouvir música do Nordeste, não podemos pensar na música gaúcha, são mundos distintos. Mas eu gostaria, de uma maneira sintética, segundo o meu conceito estético, definir a música do Brasil, passando por estas quatro vertentes (para já não falar da Elis Regina, que já morreu e que eu considero uma cantora imbatível), ou seja, dos que estão vivos destaco: a transcontinentalidade do Milton Nascimento; o grande e subtil jogo das palavras do Chico Buarque; a meiguice doce mas também subtil do Caetano Veloso e a grande musicalidade do Ivan Lins. Assim, eu diria que a música do Brasil é uma coisa sem fim. Só lamento que no Brasil estejam pouco atentos, por razões de má informação histórica, ao que nós fazemos aqui em Portugal, porque eles têm um trauma, que por exemplo os africanos de língua portuguesa não têm. É que estes gostam francamente dos portugueses, estão desinibidos. Enquanto no Brasil, tem-se ensinado sistematicamente às crianças que o "mau da fita" foi o colonizador, e o colonizador foi o português. E agora que estamos a caminho do seculo XXI, era altura de desbloquearmos esta situação. Eu continuo, como quando era garoto, com grande optimismo em relação ao Brasil».

Rodrigues Borges

Defendam-se os «dinossauros»

Na sequência de uma pergunta que fizemos a Carlos do Carmo, na qual pretendíamos que ele equacionasse a música de qualidade que se faz em Portugal face a uma conhecida tendência para se menosprezar o que de positivo se produz no nosso país, a resposta transformou-se num apelo do artista ao Poder, em exclusivo para o nosso jornal. Como se segue:

«Ora bem, esta conversa é para o «Diário de Lisboa», e como é para o «Diário de Lisboa»... Nós, quando estamos numa fase de produção discográfica - ensina-me um bocado esta experiência - damos entrevistas para vários Órgãos de Comunicação, que representam várias sensibilidades, várias linhas de pensamento, e temos que ter isso em linha de conta, não quero dizer que dançamos conforme a música, há é mensagens que são, do meu ponto de vista, mais correctas, dadas do sítio certo, e o « Diário de Lisbo » a, jornal que eu leio desde criança, é um orgão cuja linha de pensamento justifica, em meu entender, que eu diga isto em exclusivo para o «Diário de Lisboa», porque não disse para outros jornais.

A ideia que tenho é a seguinte: o Poder português deve, de uma vez por todas, ser mais lúcido e um pouco mais generoso, mas generoso no bom sentido da palavra, não no sentido paternalista. O Poder português assustou-se porque uma dúzia de cantores desta terra apareceram com enorme força, com um canto social fortíssimo, cheio de intensidade, e o Poder não parou enquanto não os silenciou.

E a contraproposta que faço a isso, não é a de grande qualidade. Portanto, por amor de Deus, de uma vez por todas, não nos podemos dar ao luxo de ter grandes artistas, nesta terra, desempregados. Isso é violento, é anacrónico, é criminoso.

Esses artistas estão vivos, felizmente sobrevivem, mas não como deveriam sobreviver e como seria justo.

Donde: eu apelo, através do «Diário de Lisboa», ao Poder português, para que não os cale, para que não faça isso, porque a contrapoposta que faz é medíocre.

Duma vez por todas: deixe vir quem chega, bem- vindos os que chegam, mas não sufoque os últimos dinossauros da Europa».

Falar de Cinema

«Negócios internos da Polícia»

LIGAÇÕES SUJAS (Internal Affairs) - R: Mike Figgis (EUA, 1989); A: Henry Bean; F (cor): John A: Alonzo; Mont: Robert Estrin; Cen: Waldemar Kalinowski; M: Mike Figgis, Anthony Marinelli e Brian Banks; P: Frank Mancuso, Jr./Paramount; I: Richard Gere, Andy Garcia, Nancy Travis, Laurie Metcalf, Richard Bradford, William Baldwin, etc. D: 107 m; Dist: Sonoro Filme; Est: Alfas, Amoreiras, Mundial, Fonte Nova, Star, Berna, Londres (Lisboa), Lumiere, Focoe Charlot (Porto) e ainda Amadora, Braga Coimbra, Évora e Setúbal (4-5-1990); Cl: * (M/16 anos).

A polícia olhada como uma instituição em que se não deve ter completa confiança é coisa já muito vista no cinema, sobretudo nos últimos anos e no cinema norte-americano, onde parece até impor-se a teoria de que mais vale uma polícia com o seu pequeno crime no cartório, mas decisiva nos momentos importantes, do que não existir nada, à força de um desprestígio constante. Surgem, portanto, várias obras onde agentes simpáticos e competentes vão arrebanhando «fundos» de maneira nada lícita, mas não muito grave para a comunidade, respondendo prontamente e de forma categórica sempre que as ruas e a paz das pessoas estão ameaçadas por um perigo maior. Passou por isso o tempo da polícia sem mácula. Temos que nos habituar a viver com o que temos: uma polícia corrupta, para a qual teremos que ser ligeiramente permissivos, se queremos que ela esteja presente quando é absolutamente necessária. Uma nova forma utópica de olhar a instituição, pode até acrescentar-se.

Um filme como *Ligações Sujas* volta a trazer à superfície este tema: em Los Angeles, onde consta existir uma elite policial, a polícia faz o que quer e muito bem entende, tendo-se criado um departamento interno (os «*Internal Affairs*» do título original) que averigua até onde vai a corrupção e tenta desmascarar e punir os prevaricadores. Raymond Avilla é um desses polícias, que investiga o caso de Dennis Peck, um agente de rua, cuja actuação e rendimentos levantam suspeitas.

Ele é apenas um entre vários outros, mas enquanto os outros lá se vão conformando com o que a lei diz, Dennis Peck mostra-se arrogante e provocador. Aceita subornos, liberta miúdas que lhe pagam os favores na cama ou contra as paredes, encomendam-lhe assassinatos e cumpre-os, mata colegas incómodos, salta para cima de todas as mulheres casadas que encontra, se possível na frente dos maridos, conseguindo que tudo depois acabe num banho de sangue para não restarem testemunhas...

Enfim, Dennis Peck não é o que se diga um simples polícia corrupto. Ele é um perigoso psicopata, que mata sem escrúpulos e viola pela rectaguarda quem por ele se deixa seduzir. Um canalha que não serve de exemplo e que é necessário abater. Logo aqui o filme de Mike Figgis perde quase toda a força de crítica e denúncia, se era isso que pretendia. Mas o filme perde muito mais. Raras vezes se vê um filme que só piora, que não tem melhoras possíveis. *Ligações Sujas* é assim. O argumento começa por ser complexo e imbricado nas situações, mas resvala para a tonteria total com o andar das bobines. A realização parece frouxa de início, mas descambalha na inconsequência mais completa. A interpretação é a princípio quase irreconhecível (Richard Gere? Andy Garcia?), mas torna-se pouco menos que aflitiva no final. Neste mundo nada se salva. Nem o filme.

Mike Figgis

Nasceu no Quénia, mas viveu desde muito novo em Inglaterra. Começou como músico num grupo, Rythm & Blues Gas Board, onde cantava Bryan Ferry. Nos anos 70 integrou um grupo teatral de vanguarda, The People Show, dando a volta ao mundo com representações. Passou a encenador e trabalhou para televisão em filmes que combinavam a música com a imagem: «*Redheugh*», «*Slow Fade*» ou «*Animals of the City*». O seu primeiro trabalho de ficção foi um teledramático: *The House.*

Filmografia:
1987: *The House;* 1988: *Stormy Monday;* 1989: *Internal Affairs* (Ligações Sujas).

«Campo de Sonhos americanos»

CAMPO DE SONHOS (Field of Dreams) - R: Phil Alden Robinson (EUA, 1989); A: Phil Alden Robinson, segundo romance de W. P. Kinsella, «Shoeless Joe»; F (cor): John Lindlay; Dir. art: Dennis Gassner; M: James Horner; P: Lawrence Gordon, Charles Gordon; I: Kevin Kostner, Amy Madigan, Gaby Hoffman, Ray Liotta, James Earl Jones, Burt Lancaster, etc.; D: 106 m; Dist: Columbia/TriStar/Warner; Em exibição no estúdio ACS e King;
Cl: **** (M/12 anos).

Principiemos pela fabulosa fotografia de John Lindley que serve primorosamente as intenções deste filme de Phil Alden Robinson: a obra inicia-se por algumas paisagens em tons pastel onde quase se não vislumbra a linha do horizonte, num «degradé» de cores que (con)fundem a terra e o céu. Estamos, portanto, em pleno *Field of Dreams*, uma zona indefinida onde tudo é possível, onde terra e céu coexistem numa unidade geográfica que não deixa perceber com precisão onde termina uma e começa o outro. Campo de Sonhos é, neste aspecto, uma história contada em estilo de metáfora, onde o «Além» funciona como uma zona possível de idealizar, para lá das árvores que contornam um campo de baseball, por onde entram ou desaparecem os jogadores, já mortos há muito, de uma equipa norte-americana (os «Black Sox»).

No cinema norte-americano há uma tradição, curiosamente de raiz liberal, onde se faz apelo directo ao Céu como forma de mitigar desgraças da Terra. Um sub género que contou, entre alguns outros, com a militância de um Frank Capra. Uma tradição que parece ter regressado em força nos últimos anos da década de 80, e nestes inícios da de 90, com obras como *Always* ou este *Field of Dreams*, para só citar dois títulos muito recentes (ambos em exibição em salas de Lisboa).

Lauro António

Curiosamente, esta tradição remonta, na América, a épocas de intensa crise social, económica e política (os anos que se seguiram à grande depressão e, posteriormente, o período da II Guerra Mundial), e seria interessante tentar perceber o porquê deste regresso agora. Creio não errar muito, invocando dois aspectos decisivos: por um lado, o retomar de certos valores esquecidos durante algum tempo, e que as plateias mundiais andam carecidas; por outro, uma tendência do cinema americano (mas não só) para abandonar a aventura e o simples jogo lúdico do espectáculo, a troco de uma renovada afirmação de empenhamento social na discussão e polemização de temas fortes (vejam-se os filmes que ultimamente contam com os favores do público, com o Clube dos Poetas Mortos à frente de um numerosos conjunto, para se perceber do que estou a falar).

Campo de Sonhos é assim apenas mais um exemplo (muito significativamente assinado por um jovem) que procura recuperar um humanismo que alguns pretendiam caído em desuso, humanismo esse expresso em termos de parábola, onde são invocadas forças de um «outro mundo», que tanto podem ser o «Céu» cristão como os «Contactos de Terceiro Grau» de Spielberg. Sabe-se apenas que um casal de estudantes de Berkeley (referência a não esquecer, dada a importância que esta universidade teve no movimento estudantil norte-americano dos anos 60) resolve afastar-se do mundo, recolher-se numa quinta, onde Ray Kinsella, o marido começa a ouvir vozes que lhe indicam que deveria construir um campo de baseball para aí regressarem os membros de uma equipa, irradiados da competição por alegadas irregularidades, e entretanto já falecidos. Um desses jogadores, o celebérrimo Joe «Shobeless» Jacksom, era mesmo o ídolo do pai de Ray Kinsella, o que provocara certa tensão entre ambos, culpa que Ray carrega consigo desde então.

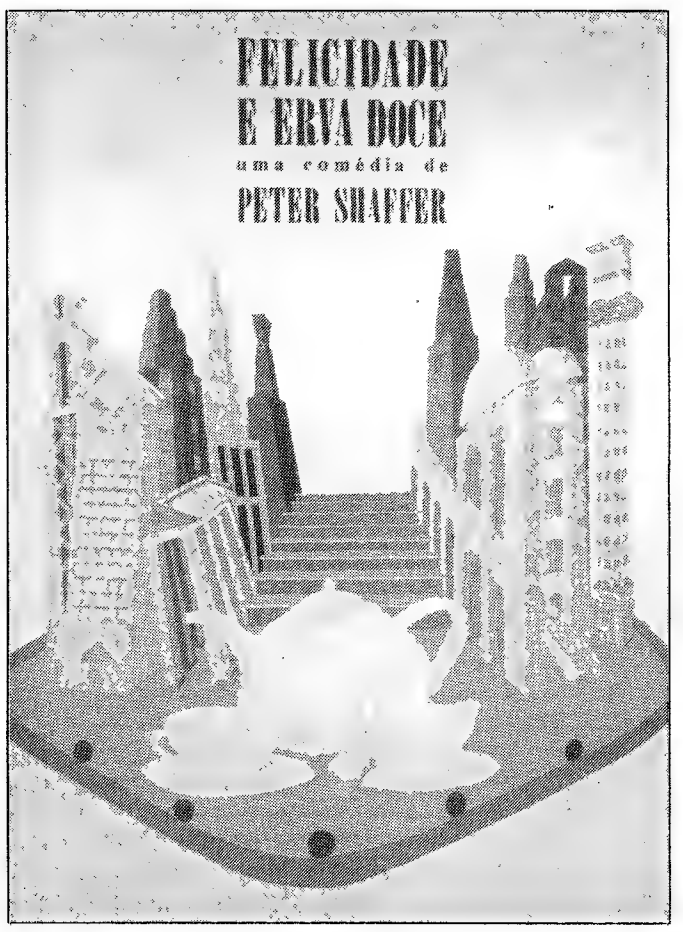
A sugestão é satisfeita, os fantasmas do passado começam a regressar a esse «*Campo de Sonhos*» que alguém pergunta se é o Paraíso (para um jogador de baseball o paraíso é um campo de jogo onde pode treinar e jogar em paz consigo próprio). Mas as vozes continuam: há outros sonhos a satisfazer, o de um velho escritor que fora ídolo nos anos 60, mas se afastara desgostoso com o que sobrevivera, ou um médico que trocara uma carreira de baseball (a sua paixão) pela filantrópica missão da medicina social interpretado por actores magníficos, James Earl Jones e Burt Lancaster no desenho de inspiradas figuras).

À medida que vai satisfazendo os sonhos dos outros, retirando-os do limbo do esquecimento, proporcionando-lhes um ajuste de contas com o seu próprio passado, Ray Kinsella vai descobrindo os seus sonhos mais íntimos e adquirindo a serenidade interior, mostrando que os «sonhos» são o melhor por que se pode lutar, mesmo quando eles parecem irrealizáveis e se tem quase toda a gente contra (o campo de baseball é visto como uma bizantinice que pode custar a quinta a Ray Kinsella, e, numa reunião de pais de alunos do liceu local, ele e a mulher são os únicos a defenderem Terence Mann, o escritor acusado de devasso pelo puritanismo de alguns, perante a indiferença dos restantes).

Com uma fotografia notável e um extraordinário conjunto de actores, *Campo de Sonhos* é uma obra que revela um cineasta e o projecta para um futuro onde tudo será permitido esperar. O seu estilo narrativo é invulgarmente sereno e discreto, as imagens de Field of Dreams sucedem-se como que deslizando por uma superfície sem atritos nem sobressaltos, numa verdadeira lição de classicismo. Um grande filme, envolvente, emocionante, apaixonante. Como os sonhos de que fala.

«A ementa do dia»

*****
NASCIDO A 4 DE JULHO, de Oliver Stone
****
O CLUBE DOS POETAS MORTOS, de Peter Weir
CINEMA PARAÍSO, de Giuseppe Tornatore
CAMPO DE SONHOS, de Phil Alden Robinson
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL, de Bruno Nuytten
CRIMES E ESCAPADELAS, de Woody Allen
HENRIQUE V, de Kenneth Branagh
SEMPRE, de Steven Spielberg
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA, de Peter Greenaway
O MEU PÉ ESQUERDO, de Jim Sheridan
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER, de Steve Kloves
UM AMOR INEVITÁVEL, de Rob Reiner
***
MISS DAISY, de Bruce Beresford
A GUERRA DAS ROSAS, de Danny De Vito
BLAZE, AMOR PROIBIDO, de Ron Shelton
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS, de Joe Johnston
*
TANGO E CASH, de Andrei Konchalovsky
AMIGOS E DETECTIVES, de Roger Spottiswoode
LIGAÇÕES SUJAS, de Mike Figgis
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys



«Felicidade e Erva-Doce» estreia a 17 de Maio

«Felicidade e Erva-Doce», a mais recente produção da Companhia de Teatro de Almada, estreará no próximo dia 17, pelas 21 e 45 no Teatro Municipal de Almada. O autor da comédia é Peter Shaffer, cujo tema é o Teatro, como capacidade de sonhar e também de transformar.

A interpretação está a cargo de Cecília Guimarães, Teresa Gafeira, nos principais papéis, e de Luzia Paramés, Carlos Sebastião, Alfredo Sobreira, António Bico, Fernanda Castro, Luís Pais e Vítor Pinto Ângelo.

DESPORTO

Futebol entrou em força na grande dança dos cifrões

Concluindo-se no domingo o campeonato nacional da 1.ª divisão, ficando imediatamente livres de compromissos oficiais a maioria dos futebolistas de plano cimeiro, intensificam-se as conversações para muitas mudanças de emblema.

Para já, o Sporting de Braga, depois de ter contratado o técnico Raul Águas (que deixa o Sporting) fez contrato por dois anos com Rogério (Fafe), Pingo (dianteiro do Porto) e Carvalhal (médico do Beira-Mar), pretendendo o regresso de Valtinho (que não brilhou em Alvalade) e desejando ainda recrutar o guardião Dias Graça, quase eterno suplente benfiquista, permanentemente na sombra de Silvino.

Para além disso, os bracarenses alargaram o sector técnico ao treinador adjunto Carlos Garcia e ao preparador físico professor Neto. Mas, da capital minhota há também saídas; Maside e Eskilsson vão apresentar-se em Alvalade (estão emprestados pelo Sporting), Tiano volta à Luz e são dispensados Radi, Guimarães, Virgílio, Vermelhinho e Hélder, este guarda-redes muito capaz de ingressar no Beira-Mar.

O Sporting pretende o setubalense Makukula, enquanto o Vitória sadino deseja o ex-*leão* Morato, que tem estado nas Antas.

Na Amadora, confirmado Manuel Fernandes como treinador do Estrela, verifica-se o recrutamento do jovem professor José Mourinho (filho de Félix Mourinho) como preparador físico. Em Aveiro, passa a firmar arraiais Tozé, que estava no Marítimo e vai reunir-se no Beira-Mar ao ainda recente colega Oliveira. O penafidelense Rebelo debate-se entre dois belos convites: Porto ou Sporting. E, já agora, para a dança ser completa, José Romão deixou o Desportivo de Chaves passando para o Vitória de Setúbal, onde ainda não foi desta que Quinito conseguiu ser o treinador da turma da sua terra. A propósito de Vitória de Setúbal: o clube presidido por Fernando Oliveira vai este mês realizar dois jogos particulares em Angola (Benguela e Luanda).

«Vuelta» acaba hoje: Giovannetti ou Delgado?

Em Madrid, conclui-se hoje a Volta a Espanha, em que tem tido comportamento muito correcto a turma da Sicasal, comandada por Orlando Alexandre. Ontem, o francês Denis Roux ganhou a etapa disputada entre Colado Villalba e Palazuelos de Eresma, na distância de 188,6 quilómetros, cumprindo a distância em 5.09,26 h. Manuel Abreu (em 63.º lugar) foi o ciclista português melhor classificado.

Classificação dos portugueses na etapa: 63.º Manuel Abreu a 19,29 minutos; 65.º Cassio Freitas m.t.; 76.º António Pinto m.t.; 94.º Serafim Vieira m.t.; 96.º Jorge Silva m.t.; 97.º Fernando Mota m.t.; 124.º José Poeira a 27,22 minutos, todos da Sicasal. Posições na classificação geral: 1.º Marco Giovannetti (Itália) 89.56,16 horas; ... 77.º Serafim Vieira a 1.42,09 hotas; 93.º António Pinto a 2.10,41 horas; 94.º Cassio Freitas a 2.11,53; 100.º Jorge Silva a 2.18,59; 103.º José Poeira a 2.23,20; 113.º Manuel Abreu a 2.32,43; 123.º Fernando Mota a 2.47,55.

Classificação dos dez primeiros: 1.º Marco Giovannetti (Itália) 89.52,16 horas; 2.º Pedro Delgado (Espanha) a 01.28 minutos; 3.º Anselmo Fuerte (Espanha) a 01.48; 4.º Ruiz Cabestany (Espanha) a 02.16; 5.º Fábio Parra (Colombia) a 03.07; 6.º Federico Echave (Espanha) a 03.52; 7.º Miguel indurain (Espanha) a 06.22; 8.º Ivan Avanov (URSS) a 06.48; 9.º Uwe Ampler (RDA) a 07.15.

Rui Barros pode ganhar a Taça UEFA

Juventus tem o pássaro na mão

A Fiorentina, apesar da desvantagem de 1-3 na 1.ª mão da final da Taça UEFA, frente à Juventus, clube de Rui Barros, mostra-se ainda esperançada numa reviravolta do resultado no jogo de amanhã e na conquista do troféu.

Nem mesmo a interdição do campo da Fiorentina (que terá de jogar em Avellino, a mais de 300 quilómetros de Florença) parece arrefecer o entusiasmo dos jogadores e adeptos da equipa, conscientes de que uma vitória por 2-0 na 2.ª mão bastará para assegurar o êxito na final da Taça UEFA. Em relação à equipa titular que alinhou no encontro da 1.ª mão, a Fiorentina não deverá efectuar nenhuma alteração, muio embora haja a necessidade de arriscar mais o ataque, dada a necessidade imperiosa de marcar.

Para apoiar a Fiorentina, que esta época realizou um mau campeonato na 1.ª divisão, vão-se deslocar a Avellino perto de 20 mil adeptos do clube de Florença. Comboios especiais, aviões, autocarros e viaturas particulares são os meios de transporte possíveis para os ferverosos adeptos da Fiorentina, que não esconde o seu desejo de salvar a época com um triunfo uefeiro.

Contudo, a expectativa em redor do jogo de amanhã, não apaga os diversos incidentes registados no 1.º desafio nem a posterior tentativa de agressão, por parte de adeptos da Fiorentina, de que foi alvo Shcilacci (Juventus) quando se deslocava da automóvel para a concentração da selecção italiana.

A Juventus, apesar de esperar a comparência de apenas 2500 apoiantes para o jogo desta 4.ª-feira, está confiante que conquistará a sua 2.ª Taça UEFA, dado a vantagem preciosa de dois golos obtida no jogo inicial. A ausência de Bonetti (por acumulação de cartões amarelos) obrigará o treinador da Juventus (o antigo guarda-redes Dino Zoff) a efectuar algumas alterações tácticas na equipa, devendo o soviético Aleinikov jogar a líbero, enquanto, Ângelo Alessio actuará no meio do terreno.

Zoff vai embora, Rui fica ou também zarpa da «Juve»?

A 2.ª mão da final da Taça UEFA irá assinalar, por outro lado, a despedida dos técnicos das duas formações, Francesco Graziani deixará a Fiorentina para dirigir o Ascoli (devendo ser substituído pelo actual seleccionador brasileiro: Sebastião Lazaroni), e Zoff abandonará a Juventus, apesar do bom trabalho realizado. Este facto é motivo para que Graziani e Zoff, duas figuras lendárias do futebol italiano, queiram despedir-se dos respectivos clubes com um «sonoro» triunfo, tudo fazendo para ganhar a Taça UEFA. Zoff, que esta época já garantiu para a Juventus a conquista da Taça de Itália, está em melhores condições de o conseguir, mas a Fiorentina mostra-se disposta a inverter o favoritismo da turma de Turim. As equipas prováveis devem ser as seguintes:

FIORENTINA: Landucci; Delloglio, Volpecina, Dunga e Pin; Battistini, Nappi, Kubik e Buso; Baggio e Di Chiara.

JUVENTUS: Tacconi; Nápoles, Aleinikov, Brio e De Agostini; Galia, Alessio, Rui Barros e Casiraghi; Marocchi e Schillaci.

Afastado das selecções

Norton de Matos: não contratado foi despedido!

Tal como se esperava a direcção da Federação Portuguesa de Futebol decidiu afastar o treinador Norton de Matos da Comissão Técnica Nacional das selecções.

«*A direcção da FPF, por unanimidade, decidiu que o treinador Norton de Matos deixa de prestar qualquer colaboração à equipa técnica nacional*» — declarou João Rodrigues, no final de uma reunião na sede federativa, na Praça da Alegria, recusando-se a fazer qualquer outro tipo de comentário e justificando a tomada de atitude da FPF por «*imperativos éticos*».

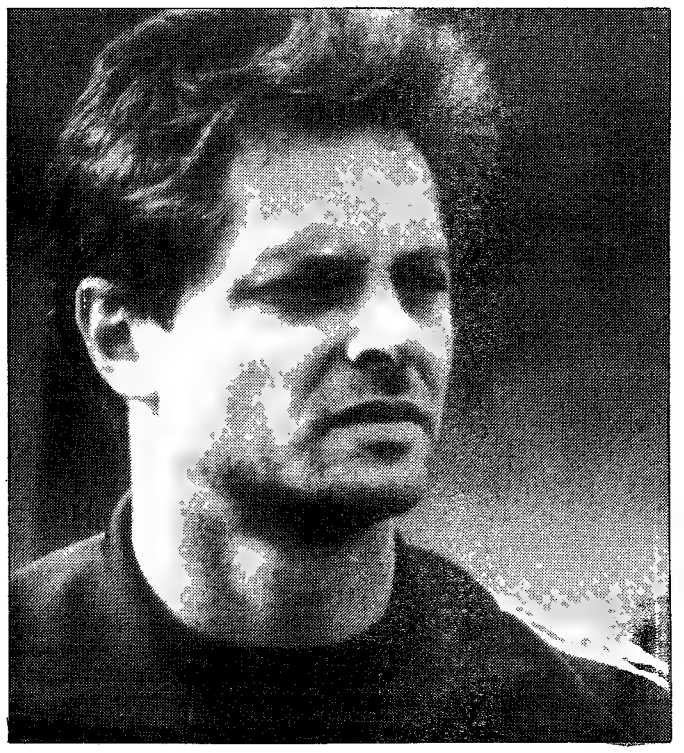
Quanto a eventuais substitutos que venham a ser chamados para o lugar de Norton de Matos, o presidente federativo afirmou: «*em princípio, não haverá nenhuma.*» Interrogado sobre a veracidade de informações veiculadas por alguns órgãos de comunicação, segundo os quais Norton de Matos não tinha contrato com a FPF, e que os seus ordenados eram pagos por Artur Jorge, o presidente da Federação negou-se a adiantar qualquer explicação: «*Não tenho mais comentários a fazer sobre isso*», afirmou laconicamente João Rodrigues, acrescentando posteriormente: «*a decisão está tomada pela direcção. São imperativos de ética que justificam e fundamentam a decisão tomada.*»

Instado a comentar declarações proferidas por Camberra, nas quais afirma que Norton apenas foi seu treinador no Atlético e nada mais, João Rodrigues insistiu: «*remeto-vos para todas as declarações que já foram publicadas na Imprensa.*»

O despedimento de Norton de Matos surge na sequência de um alegado envolvimento do treinador na transferência do futebolista Camberra, do Atlético (da 2.ª divisão, zona sul) para o FC Porto, na qual teria alegadamente funcionado como empresário do jogador. Apesar de Norton de Matos ter negado as acusações proferidas contra si, inclusivamente qualquer ligação directa com a empresa suíça International Agency of Management, apontada como sendo a detentora dos «passes» de três futebolistas alcantarenses, a direcção da FPF decidiu prescindir dos seus serviços.

O mais curioso (e estranho) de toda esta história é que Norton de Matos acaba de ser despedido de um lugar que nunca lhe fora atribuído, porquanto embora trabalhando com as selecções nacionais, ainda não rubricara qualquer contrato com a Federação e apenas estava acorrentado à palavra de João Rodrigues e de Ribeiro de Magalhães, os federativos dirigentes superiores. O vencimento de Norton de Matos também tem percurso insólito: quando se constituiu o quarteto de seleccionadores, ficou estabelecido que Artur Jorge receberia mensalmente 800 contos, ficando Toni e António Oliveira auferindo 400 contos cada um. Necessitando de Norton de Matos para seu colaborador, Artur Jorge decidiu então dividir com o antigo treinador alcantarense o ordenado: e Norton passou a ganhar tanto como os colegas, só que recebendo directamente do bolso de Artur Jorge... Realmente, nesta Federação de Futebol (leia-se: consulado de João Rodrigues) acontece tudo e mais alguma coisa!

Neves de Sousa/ /LUSA/«DL«



Quem tramou o neto do general?

NA SUA AGENDA

VELA: Campeonato Regional do Norte de laser, na Torreira (ria de Aveiro) a 19 e 20 deste mês, Campeonato Regional do Centro nos dias 26 e 27, em Tróia.

TÉNIS DE MESA: o Torneio Aberto Nacional Cidade do Porto vai processar-se a 26 e 27 do corrente, no pavilhão do Freixieiro.

COLÓQUIOS: a Câmara Municipal de Oeiras convidou o prof. Mário Moniz Pereira para, a 1 de Junho, no Palácio Anjos (Algés) falar sobre «O treino do corredor».

PESCA DESPORTIVA: 26.º Campeonato Mundial de Alto Mar, na zona entre Póvoa de Varzim e Leixões, de 27 de Junho e 2 de Julho.

ATLETISMO: Campeonato de Portugal dos 10 000 metros e provas de observação a 19 e 20 do corrente. Decatlo e heptatlo nacional a 9 e 10 de Junho. Ainda de atletismo: a 3.ª esquadra (Travessa das Mercês, no Bairro Alto, em Lisboa) realiza o 3.º Grande Prémio do Bairro Alto/Prova Comandante Ferreira do Amaral, com interferência orientadora do subcomissário Gonçalves, 1.º subchefe Ferreira e guarda Dario (telefone 327378) e do 1.º subchefe Arlindo Coelho Ferreira, do Comando Distrital de Lisboa. Inscrições até 21 do corrente, para seniores (masculinos e femininos), veteranos masculinos e populares.

SUPERCROSSE: prova do Campeonato Nacional, com direcção de Fernando Canteiro (Clube Rodas Mágicas, Albufeira), a 27 deste mês, na pista de Beja.

CORRIDAS EM PATINS: 9.º Campeonato Nacional de estrada, em Serpa, a 26 e 27 deste mês, prova para infantis, iniciados e juvenis. Vão estar presentes as seguintes equipas: Amador de Lagos, Futebol Clube de Castro Verde, Ginásio de Sines, Futebol Clube de Serpa, Juventude Salesiana, Dramático de Cascais, SL Benfica, Atlético do Cacém, Estarreja, Pesseguei-ro do Vouga, Oliveira de Azeméis e Óquei de Leiria.

COLECTIVIDADES: o Clube Oriental de Lisboa realiza a sua assembleia geral no dia 18, com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação e votação do relatório e contas da direcção, (ano de 1989) e eleição de novos corpos gerentes.

DESPORTO

Almada: desporto em evolução

Os II Jogos Desportivos de Almada organizados pelo pelouro de Desporto em colaboração com as juntas de freguesia e as colectividades do concelho, prosseguem nos diversos pavilhões, ginásios e demais recintos onde a prática desportiva é possível.

O futebol de salão é a modalidade mais participada e aquela que faz despertar maior entusiasmo, quer por parte dos milhares de jovens intervenientes quer por parte da população que vê nesta iniciativa uma forma de sensibilizar e interessar a juventude para a prática desportiva e isto porque um dos objectivos do pelouro de Desporto liderado por António Matos ao procurar desenvolver e dinamizar os Jogos de Almada consiste na preocupação de desviar os jovens de caminhos que, eventualmente, os pudessem conduzir a percursos nocivos.

Naturalmente que os resultados obtidos nas competições é factor secundário sendo importante participar, todavia, ao atentarmos nos resultados da competição futebolística teremos de realçar uma «menção honrosa» aos miúdos do Barroquense (1.º e 3.º escalão), Dragões do Moinho, Esc. Prep. de Almada, Bela Vista, Pombalense, Trafaria, CIRL, Charnequense, CR Feijó, Br. Matadouro, Esc. Sec. Laranjeiro e Monte de Caparica, entre outras, pelos excelentes triunfos averbados nas jornadas decorridas entre 3 e 6 do corrente.

A avaliar pelo total empenhamento das diversas colectividades das freguesias do concelho de Almada e da adesão da «miudagem», estamos em crer que os Jogos de Almada irão constituir, nos próximos anos, um acontecimento relevante a nível do desporto popular no nosso país a exemplo do que já sucede com a Seixalíada (e convirá recordar que o actual vereador do pelouro de Desporto da Câmara de Almada foi um dos seus principais dinamizadores) e com os Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa.

Miúdos do CD Almada e da Trafaria vão mostrando as suas aptidões futebolísticas

JL jornal de letras, artes e ideias

ESTA SEMANA NÃO PERCA

SARAMAGO: ÓPERA NO SCALA • VERGÍLIO E ALMEIDA FARIA, INÉDITOS • JOÃO AGUIAR: AUTO-ENTREVISTA • PEN: AFRICANOS DEFENDEM PORTUGUÊS

Ano X n.º 410 • De 15 a 21 de Maio de 1990 • 125$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luís Almeida Martins

CAPA DE JOÃO BOTELHO

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

UM POUCO MAIS DE AZUL...

TEXTOS E DEPOIMENTOS DE ALBERTO PIMENTA, ANDRÉ GOMES, A. RAMOS ROSA, GASTÃO CRUZ, HÉLIA CORREIA, LUIZ FRANCISCO REBELO, MARIA ALIETE GALINDO E NUNO JÚDICE

PÁGS. 9/13

Natação: brilho nos Olivais

Êxito da natação, no «meeting» internacional que decorreu na piscina dos Olivais, numa iniciativa do Clube Tap que foi apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa. A alemã-democrática Christiane Sivert foi a principal figura ao obter as melhores marcas mundiais do ano nos 50 e 100 metros mariposa. A proeza é inédita em provas realizadas em Portugal.

Cronometrada com 28.66 segundos nos 50 metros mariposa, a atleta alcançou ainda o 5.º melhor tempo do «ranking» mundial, quando competia numa prova de 50 metros estilos livre. Optando pelo estilo mariposa, ao contrário das restantes adversárias que competiram em «kroll», Christiane Sievert conseguiu terminar na 2.ª posição, atrás da sua compatriota Sabine Schulze. Nos 100 metros mariposa, a atleta alemã-democrática logrou a melhor marca mundial, gastando o tempo de 1.01,32 minutos.

Para além destas marcas, foram ainda batido 32 recordes do «meeting», que teve a participação de 460 atletas representando Portugal, Espanha, Andorra, Dinamarca, Finlândia, RDA, RFA e Tunísia.

Colectivamente, a selecção da RDA terminou na 1.ª posição (230 pontos), seguida da RFA (228) e do Clube Sport Algés e Dafundo (210). O Benfica (170) e a selecção espanhola (159) classificaram-se nos 4.º e 5.º postos, respectivamente.

A nível individual (e, entre os portugueses) o benfiquista Abel Martins (infantis) dominou por completo o seu escalão, com marcas que constituem recordes pessoais. Também Diogo Madeira (Benfica) e Paulo Ribeiro (Sport Algés e Dafundo), no escalão de atletas nascidos antes de 1972, estiveram em foco. Diogo Madeira «arrecadou» a 2.ª posição nos 200 metros estilos (masculinos) com 2.11,23 minutos, e a 3.ª nos 100 metros bruços (1.10,40 minutos) numa prova ganha por Paulo Ribeiro, cronometrado com 1.09,15 minutos.

Ténis: «ranking» mundial

O espanhol Juan Aguilera, que no passado domingo bateu o germânico Boris Becker na final do torneio de Hamburgo, ascendeu ao 14.º lugar do «ranking». A lista dos 10 primeiros da escala são: 1.º, Ivan Lendl, Checoslováquia; 2.º, Stefan Edberg, Suécia; 3.º, Boris Becker, RFA; 4.º, Andre Agassi, EUA; 5.º, Brad Gilber, EUA; 6.º, Aaron Krickstrein, EUA; 7.º, Andres Gomez, Equador; 8.º, Emilio Sanchez, Espanha; 9.º, John McEnroe, EUA; 10.º, Jay Berger, EUA.

Alverca: a festa dos pequeninos

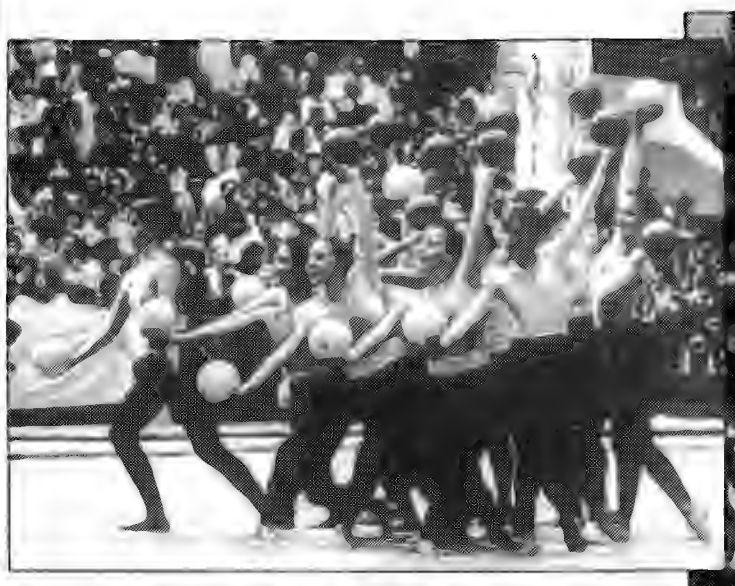
A tradição mantém-se. O Alverca Futebol Clube organizou (pela 6.ª vez) o Torneio Internacional de Futebol com a participação do Benfica, Atlético de Madrid, Boavista, Estrela da Amadora e FC Porto, além do clube organizador que venceu a competição ao derrotar, na final, o Benfica por 1-0. Nas posições imediatas posicionaram-se os madrilenos do Atlético (de Futre), Boavista Estrela e FC Porto. Trata-se de uma iniciativa que «pegou de estaca» e que mobiliza a presença de elevado número de espectadores que vibram durante três dias com as aptidões de algumas dezenas de «gaiatos» que desfilam pelo palco do clube liderado por Manuelo Ribeiro.

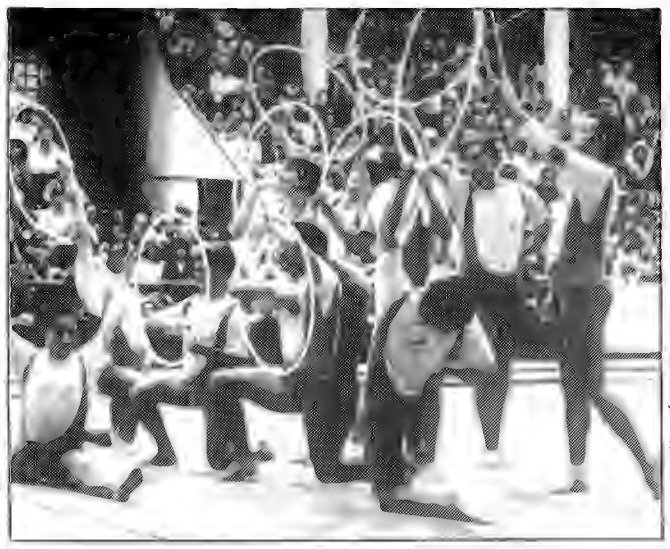
A iniciativa contou com o apoio da Direcção Geral de Turismo, Federação Portuguesa de Futebol, Conselho de Arbitragem da FPF, Câmara Municipal de Vila Franca der Xira, Bombeiros Volumtários de Alverca, Junta de Freguesia de Alverca, Associação de Futebol de Lisboa e com a colaboração dos árbitros, Vítor Correia, Ezequiel Feijão, Fernando Correia, Vítor Pereira, António Marçal, Pinto Correia, Juvenal Silvestre, Jorge Coroado e Sepa Santos.

O «velho» campo engalanou-se. Ao lado ergue-se o futuro estádio. O Alverca FC é um clube que cresce.

DESPORTO

Ginásio Clube Português: gala com vários galões





Francisco Paraíso

Pavilhão Carlos Lopes, foi cenário de mais uma grandiosa festa da educação física protagonizada por meio milhar de atletas ginastas filiados no velho e muito prestigioso Ginásio Clube Português. Foi mais uma gala com muitos galões para orgulho de Mendes Correia, Jorge Dom, Santos Lapa, José António Marques, Garcia Alvarez, Coelho Ribeiro, António Tibúrcio, Manuel Fradinho e tantas outras figuras de proa da grande colectividade fundada há 115 anos na Carreirinha do Socorro e que hoje continua a crescer na Rua das Amoreiras.

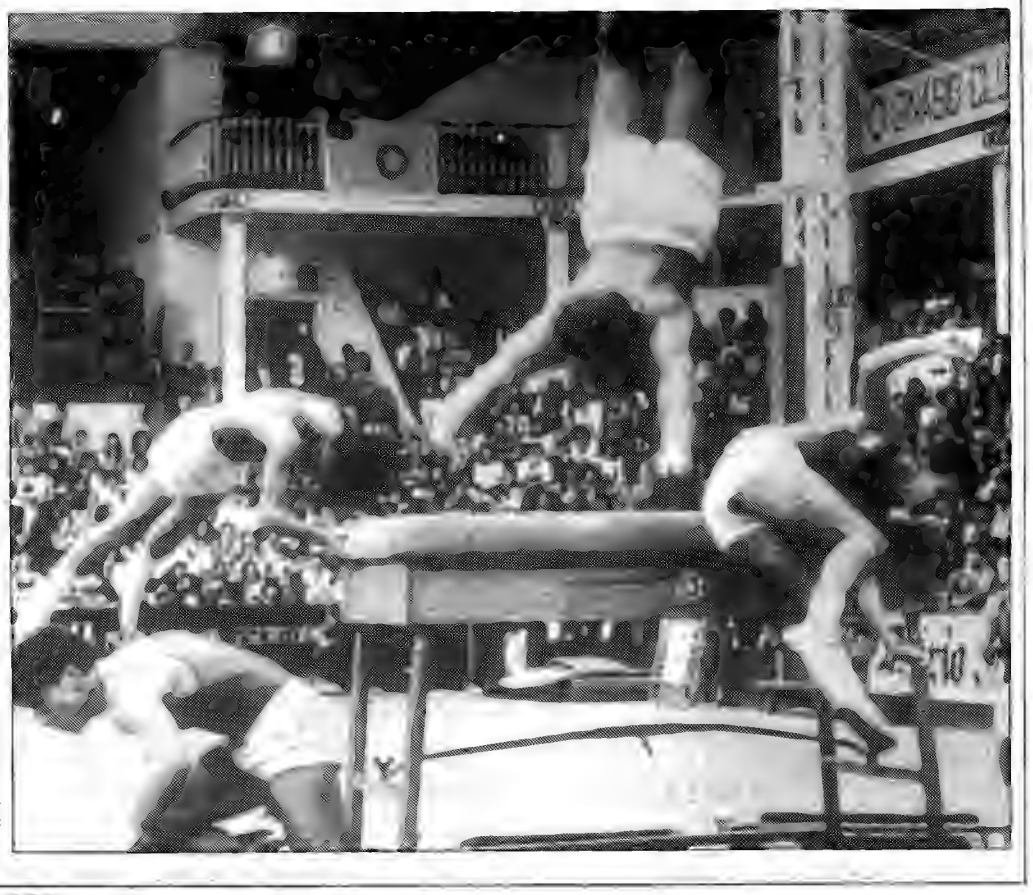
Plateia repleta, para observar e aplaudir o fascinante espectáculo (as imagens que publicamos dão uma resumida ideia) carregada de sortilégio e fascínio que teve como intérpretes as diversdas classes de aikido, dança jazz, esgrima, ginástica rítmica, de competição e formativa, jogo do pau, judo, trampolins, saltos à «globetrotter», manutenção mista, pré-especial e especial.

Três horas de um espectáculo inolvidável de colorido encanto e beleza e de interpretações e coordenações espectaculares. Tudo isto a demonstrar o notável ecletismo da sempre nobre colectividade ginasista fundada em 1875 e que ostenta os mais altos galardões no seu estandarte.

Cumpre uma «menção honrosa», para os professores António Piano, Ofélia Cardoso, Cristina Vasquez, João Oliveira, Filipe Abreu, Joaquim Barata, João Neves, Luís Cunha, João Martins, Pedro Bivar, Miguel Passos, Luísa Ministro, Nuno Russo, Portas Figueiredo, Josefina Cruz, Luís Marques, João Pereira, Helena Alvarez, Bruno Jesus, Paulo Serranito, Pedro Almeida, Paula Almeida, José Augusto e Domingos Fradinho. E que dizer sobre João Oliveira Duarte? E como enaltecer o labor, competência e dedicação de Carlos Alfredo Alves, Margarida Sá Campos, Elvira Trindade e Graça Camosa?

E que dizer da eficiência da equipa liderada pelo «mais ginasista de todos os ginasistas» António Mota Cerveira Ferreira? Para todos, terão bastado os vibrantes aplausos da plateia e o reconheiccmento dos 12 mil associados do clube, que entendem o «mens sana in corpore sano» como divisa intocável.

A.H.



Francisco Paraíso

PIRILAMPO MÁGICO

14 MAIO a 2 JUNHO

antena 1/CERCI'S

Design MJF

DESPORTO

Fotos de mil palavras

Rodou-se a 33.ª jornada do Campeonato Nacional de futebol, com alguns embates a merecerem oportunidade para os repórteres fotográficos da nossa praça evidenciarem o seu valor. Ora veja-se como é possível as imagens valerem todas as palavras:

Guilherme Venâncio/Lusa/ «DL»

Restelo: o sportinguista Cadete atemoriza o defesa belenense Oliveira, no embate em que *azuis* prolongaram (desde Dezembro do ano transacto) o jejum *verde* em termos de completo sucesso no terreno adverso

Guilherme Venâncio/Lusa/ «DL»

Amadora: o *estrelinha* Chico Oliveira coloca em respeito o defesa José Carlos, na visita benfiquista ao Estádio José Gomes

NA SUA AGENDA

CICLISMO: Circuito de Almoçageme a 20 deste mês, Circuito da Maceira (Sintra) no dia 26. Dias 26 e 27: Prémio Queijo Saloio (Ponte de Rol / Torres Vedras). Até 19 de Agosto, corre-se para o Troféu Agostinhos de Portugal. A 7.ª Volta ao Concelho de Aljustrel será a 20 deste mês, numa organização do centro de ciclismo local, com apoio da Associação de Ciclismo de Faro e da CM de Aljustrel.

VOLEIBOL: Curso de árbitros juvenis (organizado pela Associação do Porto) destinado a atletas com idades compreendidas entre os 14 e 16 anos. Tardes de sábado ou domingo, até 21 do corrente, na Casa do Desporto (Porto).

I Série N.º 111
Dia 15 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios da Defesa Nacional e das Finanças

Portaria n.º 375/90:
Altera o quadro do pessoal civil do Estado-Maior-General das Forças Armadas (QPC EMGFA).

Ministério das Finanças

Portaria n.º 376/90:
Altera as guias de pagamento de IRS e de IRC e aprova a relação modelo n.º 130 relativa a rendimentos pagos a não residentes.

Declarações:
De terem sido autorizadas alterações de rubricas no Ministério do Planeamento e da Administração do Território.
Publica os modelos n.ºs 1, 2, 3, 4, 9, 10 e 11 que hão-de assegurar as operações de cobrança e reembolso da contribuição autárquica.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 151/90:
Estabelece o regime jurídico da operação portuária.

Em Suplemento

Foi hoje distribuído o 2.º suplemento ao *Diário da República* n.º 99 (I Série) de 30 de Abril de 1990, que inclui numerosas Declarações da Presidência do Conselho de Ministros, relativas a rectificações efectuadas em 30 diplomas.

PESSOAS & FACTOS

Dias felizes para a Triumph Internacional

Com um século de existência, a marca Triumph, associada desde 1886 à lingerie, confirmou, ontem no Hotel Ritz que a sua história corresponde a «uma história de sucesso». Foi esta a mensagem transmitida no *show* de apresentação das colecções destinadas ao ano em curso. Aquela que, na Alemanha, começou por ser uma empresa familiar é actualmente uma multinacional com ramificações espalhadas pelo mundo. Implantada em 120 países, a Triumph International, para além da lingerie feminina, vertente que a conduziu à liderança do mercado europeu, comercializa fatos banho, vestuário desportivo e ainda roupa interior masculina, sector onde penetrou a partir do momento em que adquiriu a "HOM", famosa etiqueta francesa de projecção internacional.

Durante o *show*, constituído por 15 quadros, e cuja montagem se pretendia espectacular, tivemos oportunidade de apreciar as linhas que a Triumph International propõe.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco e neblina durante a manhã. Mar encrespado com ondulação de 2 metros na Costa Ocidental e ondulação inferior a 1 metor na Costa Sul.
Amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a tarde nas regiões do interior Centro a Sul onde ocorrerão aguaceiros. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros nas regiões do interior durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal.

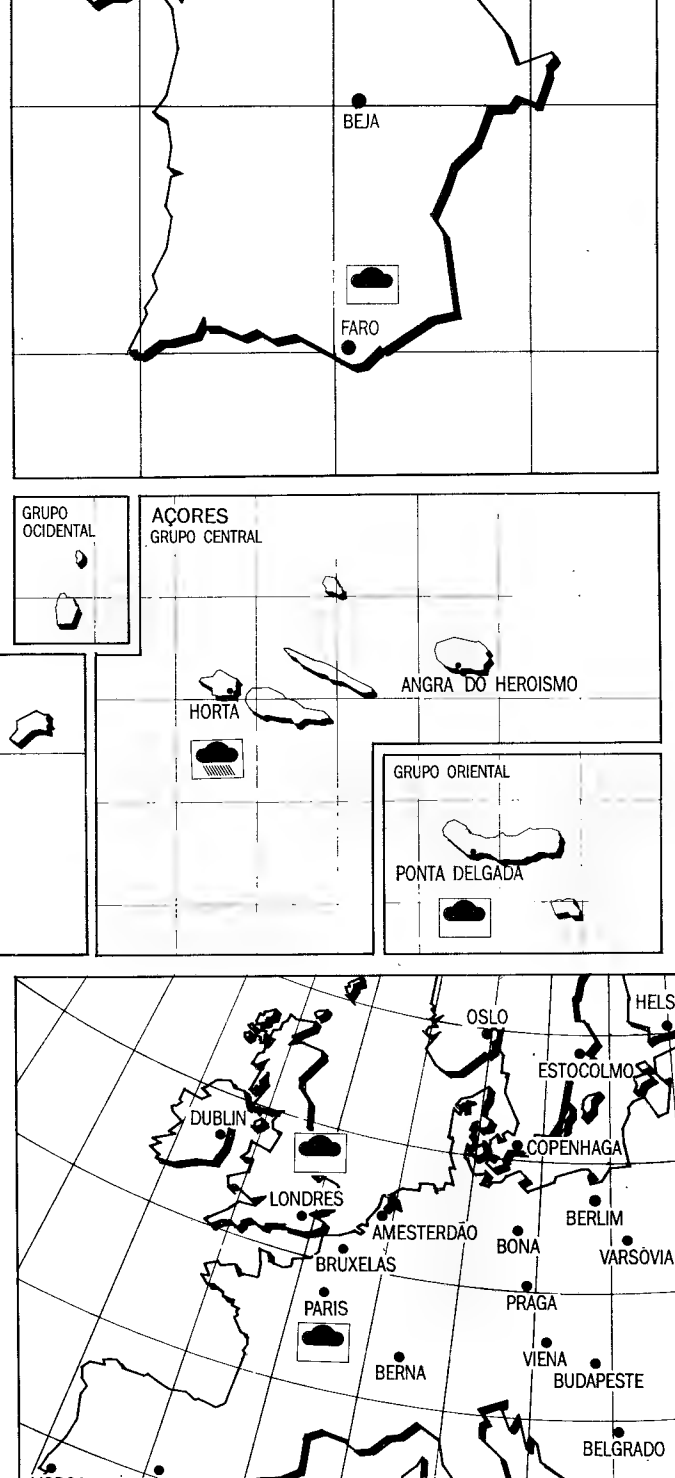
MADEIRA

Céu geralmente pouco nublado. Vento em geral fraco de Nordeste.
Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
No Funchal
Céu pouco nublado e vento fraco.
Amanhã
Céu geralmente pouco nublado e vento fraco de Nordeste.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco de Noroeste.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central
Céu muito nublado. Vento do quadrante Oeste moderado. Aguaceiros.
Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Grupo Oriental
Céu muito nublado.Vento Sudoeste moderado. Períodos de chuva passando a aguaceiros para a tarde.
Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Amanhã
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Aguaceiros.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste fraco ou moderado.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.20	2,9m	12.47	1,2m
19.33	3,1m	--	---

Amanhã

08.08	2,8m	01.26	1,2m
20.24	3,0m	13.40	1,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	9	10	M. nub.
V. Castelo	12	12	Nevoeiro
Vila Real	9	9	P. nub.
Porto	14	14	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	11	11	Nevoeiro
C. Carvoeiro	15	15	M. nub.
C. Branco	10	10	P. nub.
Portalegre	11	12	P. nub.
Lisboa	13	14	Neblina
Évora	11	11	Neblina
Beja	10	10	Neblina
Faro	15	16	M. nub.
Sagres	16	16	M. nub.
P. Delgada	16	16	M. nub.
Horta	14	14	Chuva
Funchal	15	15	P. nub.

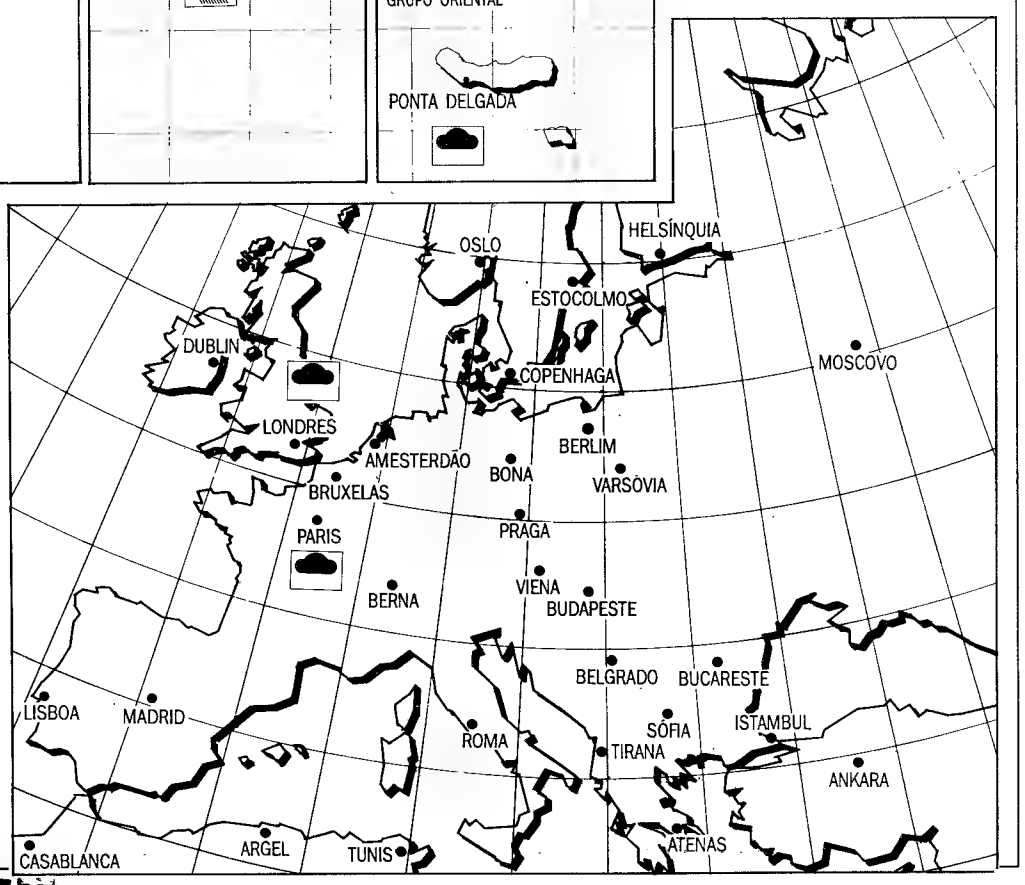
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 20; Faro, 23; P. Delgada, 20; Funchal, 22.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	9	9	Limpo
Londres	12	13	Bruma
Paris	13	14	M. nub.
Bruxelas	8	12	M. nub.
Amesterdão	6	10	Bruma
Genebra	13	13	M. nub.
Roma	12	15	Limpo
Oslo	6	11	P. nub.
Copenhaga	9	12	Neblina
Estocolmo	10	10	Neblina
Berlim	11	12	M. nub.
Viena	12	16	M. nub.
Varsóvia	10	13	M. nub.
Atenas	16	20	Limpo
Moscovo	5	12	Chuva

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	12	21	Aguaceiros
Houston	23	32	Quente
Los Angeles	10	18	Encoberto
Montreal	7	19	Aguaceiros
Nova Iorque	13	22	P. nub.
S. Francisco	7	17	P. nub.
Toronto	11	22	M. nub.
Vancover	7	16	M. nub.
Washington	17	27	Encoberto
Hong Kong	26	31	Neblina
Melbourne	11	18	P. nub.
Pequim	12	27	M. nub.
Perth	16	24	Encoberto
Singapura	27	33	Aguaceiros
Sydney	13	22	Aguaceiros
Tóquio	18	24	Aguaceiros
Wellington	11	20	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infantaria, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Encosta Restelo - Moinhos:** Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Igreja de Arroios - Chile:** Oriental de Lisboa, Rua Alves Torgo, 2-B, Tel. 545079; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 544672; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Sé:** Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B, Tel. 869831; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7588144; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19 - Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro - Rio Seco:** Dilena, Rua Aliança Operária, 49, A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Bairro Alto:** Labor, Rua Diário Notícias, 73-83, Tel. 323428; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Est. Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Marquês Pombal:** Ribeiro & Castro, Rua Braancamp, 52-C, Tel. 543409; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810205.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9 - Quinta Marques, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento, Tel. 280141. Permamente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Permanente; Amadora, P. 25 Abril, 3-A, Tel. 4935518. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849.

OUTRA BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Seixal:** Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

SEMANA INGLESA: 128 LOJISTAS JÁ ADERIRAM

A INVASÃO ISRAELITA FOI UM FRACASSO COMENTA ARAFAT

PRÉMIO LITERÁRIO

Semana inglesa: 128 lojistas já aderiram

Tem vindo a obter bom acolhimento da parte de muitas entidades patronais a pretensão dos caixeiros de Lisboa (secundada por muitos outros trabalhadores) de passarem a beneficiar do regime de semana inglesa. Depois de os Grémios de Tecidos, de Camisaria e Malhas e de Vestuário de Senhora e Luvaria terem aderido ao regime, durante o Verão, 128 estabelecimentos comerciais de Lisboa, filiados naqueles e noutros grémios, declararam «pretender e concordar» com o regime de semana inglesa, nos distritos de Lisboa e Setúbal, «como obrigatório para todo o comércio cujo descanso semanal seja ao domingo.»

Arafat: a invasão israelita foi um fracasso

Para Yasser Arafat, chefe de Al Fatah, a operação militar desencadeada por Israel contra o Líbano, na passada terça-feira, foi um fracasso - informa a agência Reuter. «Aba Eban - disse Arafat - afirma que a operação se destinava a enfraquecer Al Fatah e Al Fatah não enfraqueceu: está aqui e em toda a parte.»

Feira do Livro

O livro iniciou, ontem à tarde, a sua anunciada ocupação da parte da Avenida da Liberdade, em que participaram 430 pessoas que utilizaram 100 veículos. O resultado é conhecido: cerca de 200 mil volumes passaram das livrarias para 71 pavilhões amarelos onde 45 editores se instalaram...

EFEMÉRIDES

1974

• Em Portugal, o general António de Spínola toma posse como Presidente da República e Adelino da Palma Carlos é empossado no cargo de primeiro-ministro do Primeiro Governo Provisório português, após a Revolução de 25 de Abril.

1975

• No Museu de Arte Moderna de Milão, Itália, são roubados 36 valiosos quadros impressionistas.

1982

• O Papa João Paulo II termina uma visita de quatro dias a Portugal, na qualidade de peregrino, e durante a qual se deslocou a Fátima, Vila Viçosa, Braga (Sameiro) e Porto, para além da capital, onde celebrou missa campal, no Parque Eduardo VII.

1985

• O Presidente da República, Ramalho Eanes, promulga os quatro diplomas que regulamentam o quadro do sistema de informação da República Portuguesa.

• Yasser Arafat, dirigente da OLP, afirma que aceitaria uma resolução da ONU reconhecendo o direito de existência de Israel, se os EUA apoiassem o direito dos palestinianos à autodeterminação.

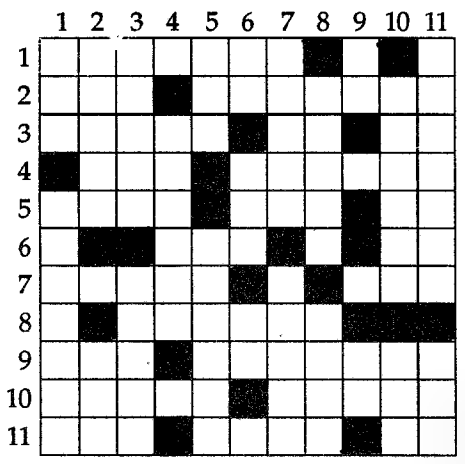
1986

• Morre o piloto italiano de Fórmula Um Elio de Angelis, vítima de ferimentos contraídos na sequência do despiste do seu Brabham no Circuito de Paul Ricard, em França.

1987

• Morre a actriz cinematográfica norte-americana Rita Hayworth, 69 anos.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17918

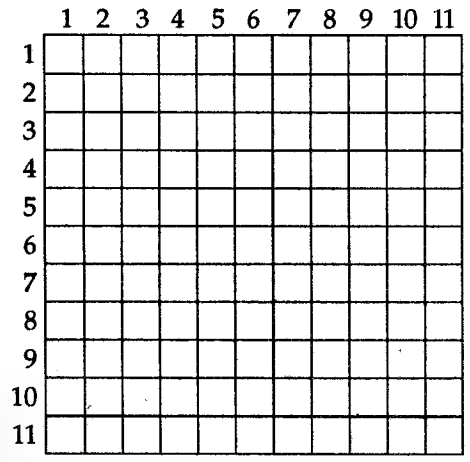
HORIZONTAIS:

1 - Desconhecido. Tempo do verbo ser.
2 - Agora. Tornara amigo.
3 - Assassinai. Batráquio. Caminhar.
4 - Conceder. Obra crítica, picante, irónica e jucosa.
5 - Cidade da Jugoslávia. Boi selvagem. Idem.
6 - Bondosa. Preposição e artigo.
7 - Enfeitem. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
8 - Alberguem por esmola.
9 - Aqui está. Possuiremos.
10 - Esboço (fig.). Sulco.
11 - Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. A Tailândia. Alumínio (s.q.).

VERTICAIS:

1 - O mesmo que não. Vidente.
2 - Indignado. Cólera.
3 - Pátrio. Relativo ao nariz.
4 - Da Arábia.
5 - Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Olvides.
6 - Preposição. Transpira. Vê.
7 - Encarar. Solo.
8 - Aeroporto de Berlim Oeste. Ambiente.
9 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Manuscrito.
10 - Zombarias. O mesmo que ocra (mineral).
11 - Sem vivacidade. Nome de astro.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16728

HORIZONTAIS:

1 - Região ao S. da Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
2 - Cidade fortificada da URSS. A moral.
3 - Fazeis doação de. Molestar.
4 - Cão de gado. Porco.
5 - Ave trepadora. Forma apocopada e proclítica de vale.
6 - Em a. Terceiro. Câmara.
7 - Vagueia. Era Cristã. Despidos.
8 - Município Neon (s.q. e inv.).
9 - Calosidades. Cautela.
10 - Freguesia do concelho de Guimarães. O mesmo que pitorra.
11 - Ruim. Artérias.

VERTICAIS:

1 - Cidade da Bélgica. Caminho (abrev.).
2 - Cabo de Espanha, no Mediterrâneo, entre Valença e Alicante. Cingira.
3 - Cena pungente. Amofinou.
4 - Despacharíamos.
5 - Afrouxai. Guarnecer de asas.
6 - Cidade da República Federal da Alemanha.
7 - Nome de mulher. Carepa.
8 - Outrossim. Aqui está.
9 - Suspiros. Malignidade.
10 - Antigo reino da Península Ibérica.
11 - Cabeças (pop.). Agarrei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 917

HORIZONTAIS: 1 - NÃO. É. O. MEL. 2 - Ancorara. Si. 3 - Dã. Pã. Crime. 4 - Jia. Barros. 5 - Asa. Soror. 6 - Aa. Catana. 7 - Trama. 8 - Pamir. Rada. 9 - Atar. Doidos. 10 - Recado. Aran. 11 - Amaro. Oso.
VERTICAIS: 1 - Nadjaf. PARA. 2 - Anais. Catem. 3 - Oc. AAA. Maçã. 4 - Op. Atirar. 5 - Era. RR. Dó. 6 - A. BOCA. DO. 7 - Orçaram. 8 - Arrotaria. 9 - Irra! Adro. 10 - Esmo. Nódoas. 11 - Lies. ASNO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 727

HORIZONTAIS: 1 - Tessalónica. 2 - Afão. Aca. Or. 4 - Relê. Reco. 4 - Ar. Partem. 5 - Aal. Catanga. 6 - Grela. Aas. 7 - Oi! Ardil. 8 - Não Tamar. 9 - Anularam. El. 10 - Or. Garança. 11 - Ovo. Assai.
VERTICAIS: 1 - Tarragona. 2 - Efe. Ariano. 3 - Salalé. Ouro. 4 - Soer. La. 5 - Cartago. 6 - Lampa. Dará. 7 - Oc. Ateimara. 8 - Narra. Lamas. 9 - Etna. NS. 10 - Cócegas. Eca. 11 - Aroma. Alai.

PROVÉRBIO: NÃO É O MEL PARA A BOCA DO ASNO.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
Filme de Costa Gravas
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
BOMBEIROS DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
ASSASSINATO À CHUVA
Filme de Martin Campbell
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
PACTO ALUCINANTE
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
CONCURSO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
LERPAR
Filme de Luis Couto, às 18.30
THE RIVER
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
OS CAÇA MONSTROS
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

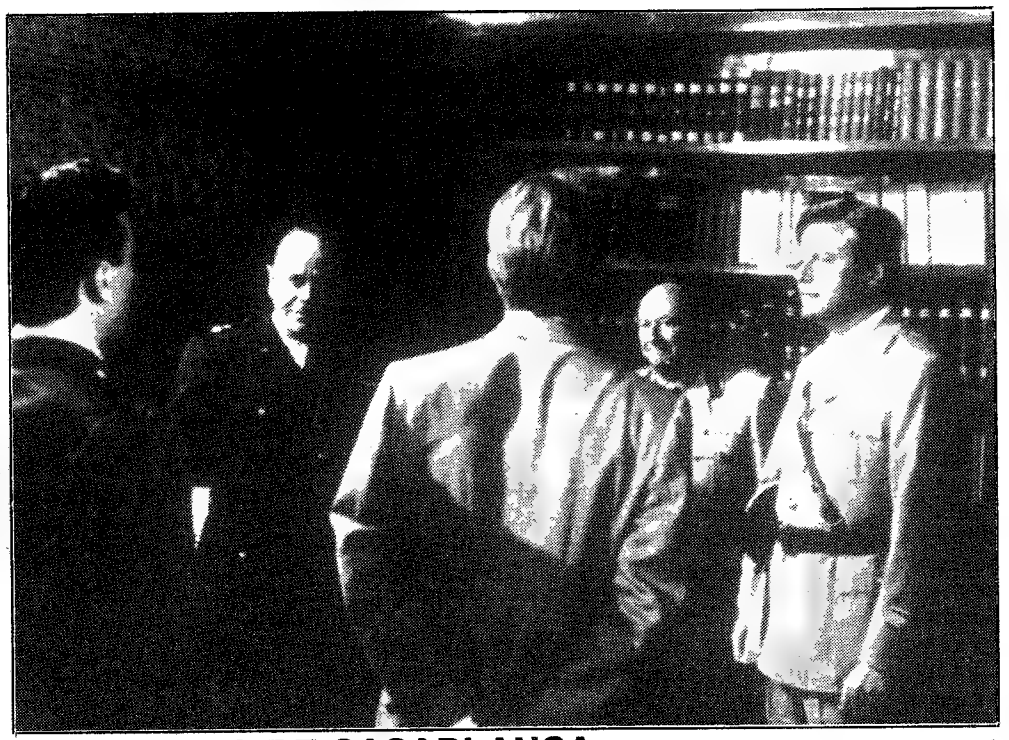
KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

LAS VEGAS 2
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ONDE MORREM OS VALENTES
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
LINHA QUENTE
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
OS CAÇA MONSTROS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridanl
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuyten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLACK - MISSÃO DROGA
Filme de Frank Patterson
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

A L M A D A

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
BATMANN
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
CRIANÇA ADORÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
LIMPO E SOBRIO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 75 012, para: «PROCESSO PARA O ARREFECIMENTO DE CORRENTES GASOSAS QUENTES, CARREGADAS COM PARTÍCULAS E SISTEMA INTEGRADO PARA A SUA REALIZAÇÃO».
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 75 012, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE CLORIDRATO DE - /[(2 - HIDROXI - 1,1 - DIMETIL - ETIL) - AMINO] - METIL / - BENZENO - METANOL.»

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 71 560, para: «PROCESSO APREFEIÇOADO PARA A PREPARAÇÃO DE NEGRO DE FUMO COM ELEVADA ÁREA ESPECÍFICA.»
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO
ANÚNCIO

O Doutor José Maria Ferreira Lopes, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

Faz saber que por sentença de 13/3/90, proferida na acção com processo ORDINÁRIO N.º 89/82, pendente na 1.ª secção deste Tribunal, movida por MARIA DAS RELÍQUIAS PRAÇA MORENO OLIVEIRA E OUTRA JOAQUINA LUÍSA CORREIA contra a Ré CORTICEIROS INTERMUNDO, LDA., actualmente em parte incerta e com última residência conhecida no Complexo do Paço do Lumiar — Qt.ª do Serrano Azinhaga das Travessas, 160 — 1600 LISBOA, foi esta condenada a pagar àquelas a quantia de 240 693$00 (Duzentos e quarenta mil seiscentos e noventa e três escudos) à autora Maria das Relíquias Praça Moreno Oliveira e 377 125$00 (trezentos e setenta e sete mil cento e vinte e cinco escudos) à autora Joaquina Luísa Correia, devendo no prazo de trinta dias, finda que seja a dilação de trinta dias a contar da data da afixação do último edital, juntar aos autos documento comprovativo da extinção da dívida, nos termos do art.º 71.º do Código Processo de Trabalho.

Barreiro, 26 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito
as.) José Maria Ferreira Lopes
A escrivã
adjunta interina
as.) M.ª Isabel Cruz Galvão

«DL» — 15/5/90 — 1.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que por este 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e 3.ª Secção, nos autos de HERANÇA JACENTE n.º 9059 a que se procede por óbito de JOSÉ CARDOSO, falecido a 22 de Dezembro de 1988 e residente que foi na Rua de Santo António da Glória, n.º 4, 4.º Dt.º em Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio, CITANDO quaisquer interessados incertos para deduzirem a sua habilitação como sucessores daquele falecido, dentro do prazo de VINTE DIAS que começará a contar depois de findo aquele prazo dos éditos.

Lisboa, 30 de Abril de 1990

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Escrivão-Adjunto
(Ilegível)

«DL» — 2.ª Pub. — 15/5/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO
ANÚNCIO

Faz-se saber que nos autos de Acção Sumária pendentes na 2.ª secção deste Juízo com o n.º 56/88 que os autores Carlos Nunes da Costa Bica e mulher, residentes na Praça do Movimento das Forças Armadas, 5-10.º e Boete Nunes da Costa e marido, residentes na Praça S. João Baptista, 3, 9.º Dt.º, todos da cidade de Almada, movem aos réus Guilherme de Oliveira Mira, mulher e outros, são desta forma citados os chamados, OFÉLIA FILIPA DE MORAIS, divorciada, com última residência conhecida na Rua Rodrigues de Freitas, 2-3.º Esq.º e MARIA DA GLÓRIA DA CONCEIÇÃO BICA e marido ARMANDO ANDRADE DOS SANTOS, com última residência conhecida na Rua 7 de Junho de 1755, n.º 4, todos de Oeiras, para, no prazo de dez dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do anúncio, virem à acção cujos duplicados dos articulados já oferecidos se encontram à sua disposição na Secretaria deste Tribunal, na qual foi requerida pelos autores a sua intervenção como parte principal, apresentarem os seus articulados ou fazerem seus os articulados da parte a que devem associar-se.

Leiria, 30 de Abril de 1990

O Juiz de Direito
António Joaquim Piçarra

O Escrivão Adjunto
(Ilegível)

«DL» — 1.ª Pub. — 15/5/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MOITA
ANÚNCIO

O DR. CUSTÓDIO ABEL FERREIRA DE SOUSA, Juíz de Direito substituto do Tribunal Judicial da Comarca da Moita.

FAZ SABER QUE no dia 5 de Julho de 1990, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial, nos autos da Carta Precatória n.º 36/90. 2.ª secção, vinda da 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Leiria e extraída da Execução Sumária n.º 86/88 que Titoi-Representações, Lda. move contra FREITAS GONÇALVES E BENILDO, Ld.ª, com sede na Rua 1.º de Maio, n.º 42 na Baixa da Banheira, hão-de ser postos em praça pela primeira vez para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima dos valores indicados no processo os seguintes bens:

— Um lote de 150 pares de sapatos, em vários tamanhos e cores, em estado novo;

— Um lote de 36 pares de sapatos pretos para senhora, de vários tamanhos de salto raso, em estado novo;

— Um lote de 150 pares de sapatos para homem, em várias cores e tamanhos, em estado novo e

— Uma máquina registadora de marca «DATAMAC» electrónica de cor cinzenta, em bom estado de conservação e funcionamento.

Moita, 26 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito

a) Custódio Abel Ferreira de Sousa

A Escrivã-adjunta

a) Alierta G.R. de Jesus

«DL» 2.ª Pub. 15/5/90

CARTAZ

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
VALMONT
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841744
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Lg. de Santos, nº2 - T. 3965360
De 3ª a 6ª às 21.30
«O BAILE»
De Helder Costa

ABC
Parque Mayer
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS
De Filipe La Féria

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 17.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Radzinsky

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINEMA STADIUM
Av.Combatentes G.Guerra,52-Algés
6ª e Sáb. às 21,30
OS TRÊS CHAPÉUS ALTOS
De Mihura, pelo grupo de teatro - Intervalo

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.30
INIMIGOS
De Nigel Williams

COMUNA
Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO
R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
De António Patrício.

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52
T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.3 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés
T. 2115033
3ª, 4ª, 5ª e Dom. às 16.00.
6ª e Sáb. às 21.30
TROCAM-SE MULHERES
De Camilo Castelo Branco

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltès

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Listopad da peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe»

TEATRO "OS PATOLAS"
Calçada Duque de Lafões, nº78
Às 23.00
O PIQUENIQUE
De Miguel Barbosa
Encenação de João Jorge

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
CASINO ESTORIL
T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sábados 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Farla

LINDA-A-VELHA
ACADEMIA RECREATIVA
R. Fontes P. de Melo, 21
Aos sábados às 21.30
FALAR VERDADE A MENTIR
De Almeida Garrett

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA
T. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky
3ª, Sáb. e Dom. às 16.00

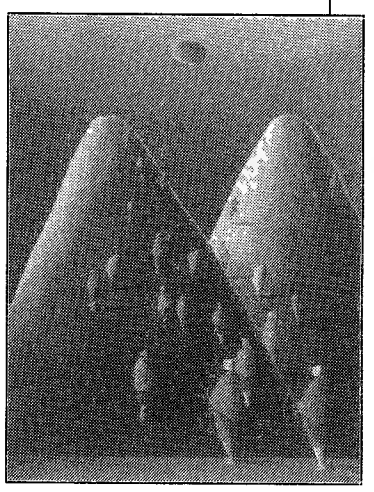
PORTO
TEATRO SÁ DA BANDEIRA
T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas

TEATRO INFANTIL
TIL
R. Leão Oliveira, 1 - T. 3639974
Sábados, Dom. e Feriados às 16.00
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ANTÓNIO MIRA - Cerâmica
Forum Picoas (inaugura hoje, às 18 e 30)
ESPIGA PINTO - Pintura e escultura
Galeria Triângulo 48 - Avenida Vasco da Gama,48 (inaugura hoje, às 21 e 30)
ISABEL SABINO - "Ilhas de Luz", pintura
Monumental - Campo dos Mártires da Pátria, 101 (inaugura dia 17, ás 22 horas)
MENA BRITO - Pintura



«As mães» de Alfredo Luz

Galeria Miron - Rua do Mirante, 14 (inaugura dia 18, às 21 horas)
PAULA REGO - Gravura
Galeria 111 - Campo Grande (inaugura dia 16, as 22 horas)

LISBOA

CABRITA REIS - Instalação de nove desenhos frente a uma parede enigmática com sete goteiras secas, "A casa dos suaves odores" continua a meditação medit-errrânica de Cabrita Reis. O recurso a materiais áridos (estafe), pautados pela serenidade da água ou a luz do azeite, tem revelado um dos percursos mais sérios e exaltantes da arte portuguesa contemporânea.
Galeria Cómicos/Luis Serpa - Rua Tenente Raul Cascais, 1 (14 e 30/19 e 30, excepto domingos. Até 2 de Junho)

HELENA ALMEIDA - Mais dos desenhos que da pintura de Helena Almeida, poderíamos falar de levitação. Depois de uma relação com o corpo (em "Desenho Habitado/Pintura Desabitada", Helena Almeida *apagava*, frequentemente, o corpo fotografado com a pintura) nunca como agora o risco do desenho levitou, numa volumetria que - na pintura, nos ferros pintados - se confronta com a espacialidade da escultura.
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Polais, 111 (15/20 horas, excepto domingos. Até dia 19)

MANUEL BAPTISTA - A SNBA recolhe-lhe em duas salas 27 anos de pintura recortada e colada. Obra sem sobressaltos, indiferente às solicitações da voragem do mercado, esta exposição permite compreender um trajecto coerente consigo próprio, evolutivo sem espalhafato. A dignidade da obra de Manuel Baptista, aqui antologiada, bem merecia que a SNBA lhe atribuísse o espaço do salão, em vez de distribuirmos o prazer de piso em piso.
SNBA - Rua Barata Salgueiro (14/20 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 20)

PAULO QUINTAS - Primeira exposição individual de um pintor onde se saúda a orfandade. Paulo Quintas escapa aos escrutinadores de referências, e mostra uma pintura de que, se mais não houvesse a dizer, teríamos que falar do prazer de inventar/descobrir. Para isso, Paulo Quintas dispõe apenas do papel, como suporte, e o amarelo infectado pelo verniz. O que já não é pouco. Para atravessar o fogo, a salamandra só precisa da pele.
Pedro e o Lobo/Arte Contemporânea - Rua do Salitre, 169 (15/20 horas, excepto domingos. Até dia 17)

ALFREDO LUZ - Pintura
Galeria Barata - Avenida de Roma, 11 (11/23 horas, excepto domingos. Até dia 24)
ÁLVARO CARNEIRO - Escultura
Galeria DN - Rua António Maria Cardoso, 41 (10/19 horas, excepto domingos. Até dia 26)
DUANE MICHALS - Fotografia
Centro de Arte Moderna
MIGUEL HORTA - "Fronteiras", pintura
Galeria Novo Século - Rua do Século, 23 (Até dia 19)
SÉRGIO TABORDA - Escultura
Biblioteca Nacional - Campo Grande (10/19 horas, excepto domingos. Até 9 de Junho)

ALMADA

ROCHA DE SOUSA - Pintura, desenho, colagem e video
Galeria Municipal de Arte (15/22 horas, excepto segundas-feiras)

CASCAIS

ANTÓNIO MENDES - Pintura
Galeria Vértice - Avenida Eng. Adelino Amaro da Costa, 71 (15/20 horas. Até 9 de Junho)

ESTORIL
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Arcadas do Parque, 18 (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até dia 14)
FERNANDO GASPAR - Aguarelas
Espaço 2 do Casino Estoril
MATILDE MARÇAL - Pintura
Galeria do Casino Estoril (15/24 horas, até dia 23)

OEIRAS
FRANCESAS EM COLECTIVA - Aguarelas de Brigitte Papi Junça, Ghislaine Tournier, Christine Faguet, Leonor de Castro, Dominique Larrouy e Claudine Thireau
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/13 e 14/19 horas. Sextas e sábados, também 20 e 30/22 e 30. Até 5 de Junho)

J.F.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do Art.º 41.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março, convoco uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal de Lisboa, para o dia 17 de Maio de 1990, pelas 17 horas, na sua sede sita na Rua Teixeira de Pascoais, n.º 10, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Aprovação do Regimento da A.M.L.;
2 — Proposta 129/90 — Alienar sob a forma de hasta pública os lotes municipais sitos à Av. José Malhoa e praticar como preço-base de licitação o valor de 80 000$00/m² piso, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea i) do n.º 2 do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março, com a alteração introduzida pela Lei 25/85, de 12 de Agosto;
3 — Proposta 91/90 — Aprovar e submeter à A.M.L. o Regulamento de Resíduos Sólidos da Cidade de Lisboa e respectivas «Normas Técnicas Sobre os Sistemas de Deposição de Resíduos Sólidos em Edifícios do Concelho de Lisboa», enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea a) do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março;
4 — Proposta 113/90 — Submeter à A.M.L. a Postura Municipal sobre Toponímia e Numeração de Polícia, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea a) do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março;
5 — Proposta 125/90 — Vender à INVIMA — Empreendimentos Imobiliários, Lda. a parcela de terreno sita na Quinta das Laranjeiras destinada a complemento de lote pelo valor de 12 055 000$00 (p.ºp.º 15/DP/90), enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea i) do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março;
6 — Proposta 140/90 — Regulamento de Concurso para as categorias de Assessor do Grupo Técnico Superior, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea f) do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março;
7 — Proposta 126/90 — Aceitar da SOGIURBE a doação de uma parcela de terreno destinada a Via Pública, sita na Avenida José Malhoa e vender quatro parcelas destinadas a complemento de lote (p.ºp.º 14/DP/90), enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea i) do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 4 de Maio de 1990.

O Presidente
João Amaral

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Leva-se ao conhecimento dos Srs. Membros da Assembleia Municipal de Lisboa, que a sessão ordinária, iniciada em 26 de Abril de 1990 e continuada em 3 de Maio, prosseguirá no próximo dia 17 de Maio de 1990, pelas 15 horas, nas instalações da Rua Teixeira de Pascoais, n.º 10, com a continuação do ponto 1 — Perguntas ao Sr. Presidente da Câmara.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 4 de Maio de 1990.

O Presidente,
João Amaral

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
6.º JUIZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 40730
1.ª Secção

Exequentes — Jacinto José de Brito

Executado — C.V.F. — Laboratórios Farmacêuticos, S.A., com sede na Av. Marquês de Tomar n.º 5 1.º 1000 LISBOA

LISBOA, 22 de Fevereiro de 1990

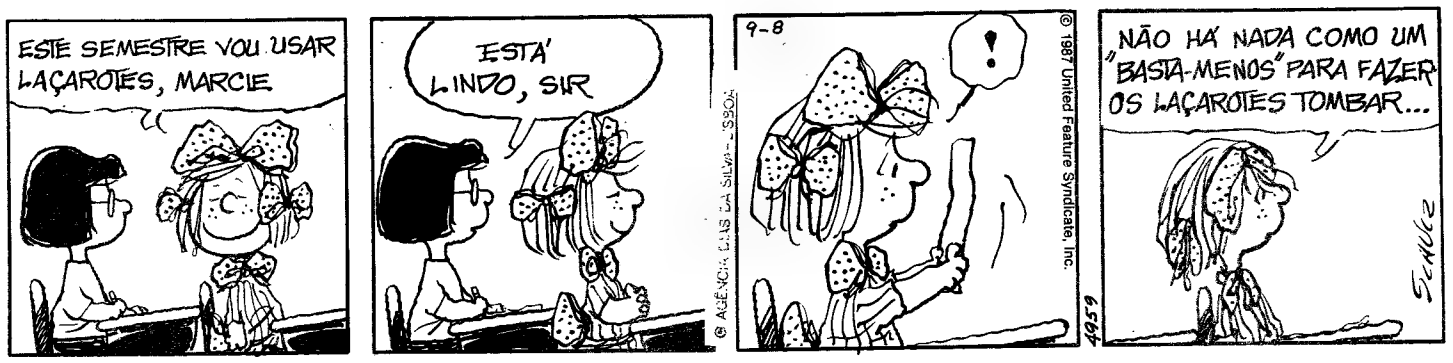
O Juiz de Direito

Pelo Escrivão de Direito

(Assinaturas ilegíveis)

«DL» — 2.ª Pub. — 15/5/90

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

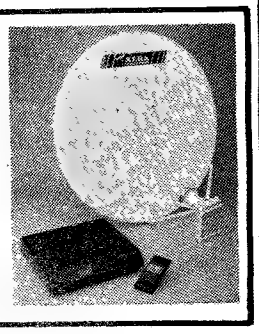
15.30 - MATINÉE:
«GRANDES ESPERANÇAS»
Um filme de Joseph Hardy (Grã-Bretanha, 1975), com Micheal York, Sarah Miles, James Mason, Margaret Leighton e Anthony Quayle. Esta versão, feita especificamente para televisão, data de 1975 e conta com a participação de nomes bem conhecidos do cinema britânico. Um pouco na sequência de uma adaptação que Carol Reed fez do célebre romande de Charles Dickens em 1968, com o título «Oliver», «Grandes Esperanças» chegou a ser concebido como um musical. Razõe de produção, no entanto, levaram os responsáveis a adoptar uma estratégia diferente. Assim, o filme obedece a uma estrutura dramática tradicional, acentuando o modo como a história de Pif reflecte as contradições entre classes e, em particular, as formas de circulação entre os espaços, valores e comportamentos.
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
7º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
112º episódio
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.20 - CRÓNICA DO CRIME
35º episódio: num daqueles dias "mortos" em que os criminosos parecem ter desaparecido da circulação, Mike Torello é chamado para uma missão individual que consiste em localizar um condenado que acabou de fugir de uma prisão de segurança. Ao descobrirem-se, no entanto, seguidos por quatro assassinos contratados, polícia e prisioneiro acabam por unir-se numa luta contra a morte certa.
23.30 - 24 HORAS
23.50 - UM DIA...
Com Maria do Céu Guerra
23.55 - REMATE
00.10 - CARTAS DE HUMOR
47º programa, com Carlos Cunha

«Também os Rios Correm», amanhã às 13.30 no Canal 1

RTP-2

16.35 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
25º episódio
17.00 - CONTOS CONTADOS
17.15 - O HOMEM NA MARGEM
18.15 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
104º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
«Reviver o Passado em Brideshead»
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro António das Mortes»: um filme de Glauber Rocha (Brasil, 1969), com Maurício do Vale, Odete Lara, Hugo Carvana e Othon Bastos. «António das Mortes» foi o primeiro filme do brasileiro Glauber Rocha a ser distribuído comercialmente em Portugal em 1972, três anos depois da sua consagração no Festival de Cannes. De longe o mais comentado e mítico cineasta do cinema novo brasileiro, Glauber Rocha retoma com este trabalho, personagens, atmosferas e situações já manipuladas em «Deus e o Diabo na Terra do Sol», muito embora não se trate de uma continuação ou de uma nova versão.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

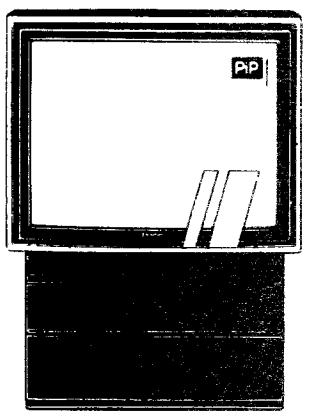
RTP-1

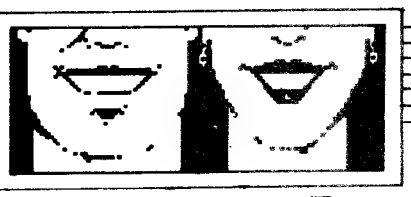
09.01 - BOM DIA
10.00 - ÁS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - TAMBÉM OS RIOS CORREM
14.25 - ANIMAIS
14.45 - PONTO POR PONTO
15.40 - MATINÉE
17.30 - A HORA DO LECAS
18.05 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
18.40 - JOGO DE CARTAS
19.00 - TELEJORNAL
19.25 - FUTEBOL:
FIORENTINA-JUVENTUS
2ª mão da final da Taça UEFA
21.25 - VALE TUDO
22.25 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
22.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
00.55 - 24 HORAS
01.10 - UM DIA...
01.15 - REMATE
01.25 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.50 - FILHOS E FILHAS
15.15 - AGORA, ESCOLHA!
16.40 - O LICEU DEGRASSI
17.10 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
17.40 - O HOMEM NA MARGEM
18.15 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O RIO DE CAIM
22.25 - SÉCULO XX
23.25 - BOBBY MCFERIN

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 CRÓNICA DO CRIME
RTP 2 CINEMADOIS
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

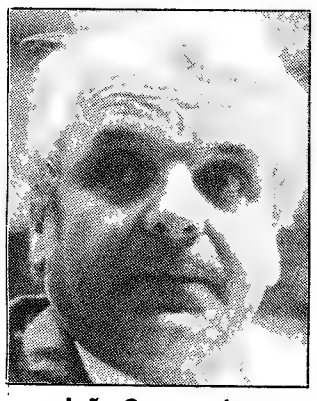



CLÍNICA DENTÁRIA 20 DE JUNHO
ADULTOS E CRIANÇAS
MANTER OS DENTES SADIOS É IMPORTANTE PARA A SAÚDE FÍSICA E PSÍQUICA
• **Método eficaz** (baseado na Trilogia Analítica) para lidar com o medo.
HORÁRIO: DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA — DAS 8.00 AS 20.00 H
SÁBADO E FERIADOS DAS 8.00 AS 18.00 H
Rua Quirino da Fonseca, 14-B — 1000 LISBOA (ALAMEDA)
TELEFS 53 25 89/52 23 97/325

«A Reforma Agrária como foi vivida em 1975, como bandeira e bastião revolucionário, já não existe»

Editorial do «Diário de Notícias», 14.05.90

A PERGUNTA DO DIA



João Corregedor da Fonseca deputado da Intervenção Democrática

Vista a esta distância, como avalia a campanha da CDE em 1969?

«A CDE constituiu um movimento que catapultou a oposição democrática para uma actuação que surpreendeu o regime fascista, que o abalou profundamente e da qual nunca recuperou. A CDE contribuiu de forma decisiva para uma maior consciencialização da população, para a necessidade de lutar contra o regime com mais vigor e com mais unidade. A CDE surgiu num momento oportuno. A população repugnava o regime desacreditado; o povo português condenava a guerra colonial; o povo demonstrava, desde os operários aos estudantes, do campesinato aos professores, que não estava disposto a tolerar, por muito mais tempo, a repressão, o obscurantismo que sobre si se abatia. O que se passou em 1968 e 69 foi crucial para o País e sem dúvida que a CDE abanou profundamente os alicerces de um regime apodrecido. Falar da CDE em meia dúzia de linhas não é fácil. Creio que está por fazer um levantamento sociológico, um estudo sério sobre a época fascista, que compete a todos nós.»

ENTREVISTA

Chama-se Doc Comparato, ou melhor, Luís Filipe Comparato. Trocou a medicina pelos argumentos televisivos e, embora venha do paraíso das telenovelas, não acredita numa dramaturgia de 250 episódios

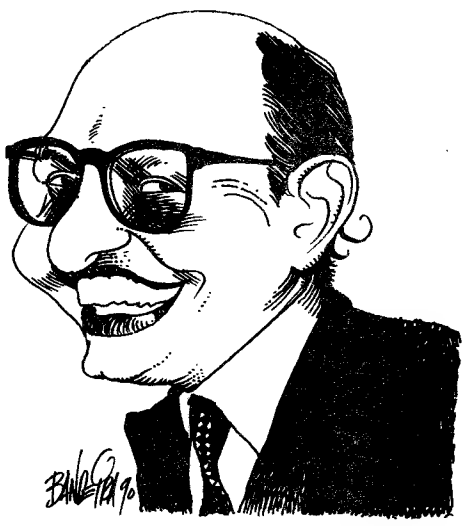
«A personagem de novela não tem lógica»

D.L. - Sei que o seu nome não é exactamente Doc Comparato, que tem uma história. Qual é?

D.C. - O meu nome verdadeiro é Luís Filipe Loureiro Comparato, mas a história é esta: eu formei-me em medicina no Brasil e fui para Inglaterra fazer uma especialização em cardiologia. Mas depois, quando estava lá, já a perder os cabelos e a pensar em escrever, resolvi fazer um curso de *play write*, na London University, e como era o único médico (doctor, doc), as pessoas achavam muito esquisito eu escrever. Aí, comecei a assinar Doc, que é legal mas que dá trabalho. Às vezes mandam cheques ou bilhetes de avião para Doc Comparato, que é um nome que não existe, e eu não posso provar que sou eu.

D.L. - Como surge um famoso argumentista da TV Globo a trabalhar em Portugal?

D.C. - Eu já saí da Globo há mais de dois anos e não sei se sou um famoso argumentista. Claro que fiz a minha carreira, durante dez anos, na Globo mas já saí em 1987 e, desde então, tenho trabalhado fora. Quanto à minha vinda para Portugal, foi através de um convite de Walter Arruda, sócio de uma produtora independente, a Douro, que me chamou para passar uma ano aqui e fazer uma série de projectos, tanto na área televisiva como no cinema.



D.L. - Quais são esses projectos?

D.C. - Há uma série, tipo «Hitchcok Apresenta», chamada «Histórias de que o Diabo Gosta», que são doze episódios para televisão, com um final surpreendente. Duas até já estão gravadas e uma é protagonizada pelo José Wilker. Agora, a Douro fez um protocolo com a Comissão dos Descobrimento, e eu estou a escrever uma série sobre D.João II. No ano passado, fiz um argumento sobre os dias secretos de Cristovão Colombo. Mas há outros projectos.

D.L. - Qual o tipo de histórias que mais lhe agradam?

D.C. - Aquelas em que acredito. Francamente, eu não sei o que é que me agrada realmente. Depende de uma química qualquer, de uma alquimia que eu desconheço.

D.L. - Essa alquimia é essencial para se fazer um bom argumento?

D.C. - É. Tudo começa no acreditar, mas depois tem que se ter talento, disciplina e afinco no trabalho e um pouco de sorte.

D.L. - Como se vive actualmente no Brasil?

D.C. - Eu morava no Brasil, mas no ano passado só lá passei 45 dias. Nestes últimos três anos trabalhei muito fora: fiz uma mini-série para a televisão soviética, outra para a a holandesa, dei conferências e fiz uma série em Barcelona, estive no México a trabalhar com o Gabriel Garcia Marquez. Por isso, não sei o que dizer sobre isso. Não sei.

D.L. - O que acha da televisão portuguesa, das séries?

D.C. - Eu só vi «A Morgadinha dos Canaviais». Achei que era uma boa produção, com qualidade, embora as cenas sejam um pouco arrastadas, devia-se cortar mais, mas o padrão foi bom.

D.L. - Poderia passar no Brasil, por exemplo?

D.C. - Podia, talvez fazendo uma reedição, eliminado os pontos mortos. A televisão não é assim tão exigente. Um produto com um mínimo de qualidade passa bem e como tem características mais ou menos internacionais, o que é bom ou mau aqui, também o é na China ou nos Estados Unidos. Não é como no teatro.

D.L. - Muitas estrelas estão a deixar a Globo. Será que a Globo está finalmente a ter adversários sérios?

D.C. - A Globo tem as pessoas num contrato de exclusividade terrível, o que é uma faca de dois gumes. Como ela é oligopólica, tem que ter sempre nas mãos todos os profissionais. Agora, chegou a hora de repensar isso e de pôr as pessoas na praça, como acontece nos Estados Unidos. O ideal é o mercado aberto, com várias televisões competindo e as pessoas poderem trabalhar onde quiserem.

O Jô Soares, por exemplo, deixou a Globo porque gostava de fazer entrevistas e lá não o deixaram.

D.L. - Porque é que nunca quis fazer telenovelas?

D.C. - Porque não acredito numa dramaturgia que dura 250 episódios, por muito boa que seja. Não é que eu seja contra a telenovela, mas não tenho talento e capacidade para isso. Por exemplo, se pegar numa personagem de uma novela de 250 episódios e quiser fazer o seu perfil, vai ver que ela não tem lógica, já a perdeu no capítulo 30.

D.L. - Quanto tempo vai ficar ainda em Portugal?

D.C. - Ainda vou trabalhar, pelo menos, até ao final do ano.

D.S.

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Albânia: que futuro?

A eutanásia perante a justiça portuguesa

O ponto de vista internacional de Pedro Palma

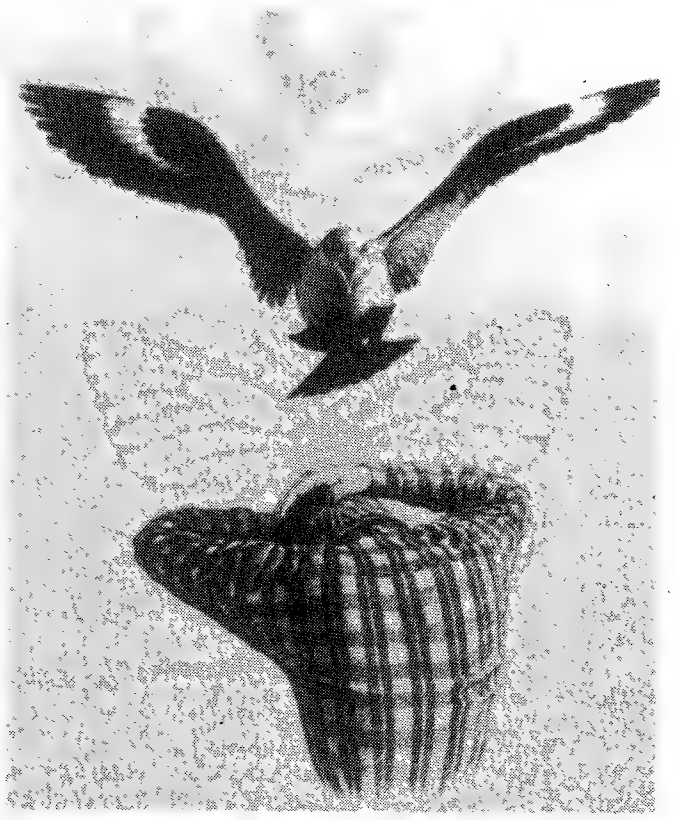
Um artigo de Helena Roseta

Tivoli

Não sei se fui ouvir o *Concerto de Música Contemporânea* dos «Encontros da Gulbenkian» com o pretexto de revisitar o Tivoli, condenado ao silêncio há algum tempo, e quem sabe se não para a perpetuidade. Seja como for, aqui estou, embora o motorista de táxi me tenha avisado: — O senhor engana-se. No Tivoli não há nada. O Tivoli está morto.

Luz baça, menos lâmpadas, corredores que parecem mais curtos, mas o estilo permanece exímio, a sala de fumo com as vitrinas publicitárias vazias, aqui havia, da última vez, um buraco no tapete, hoje alcatifada — quando foi a última vez? Terá sido do filme *Cinco dias do Condor* que me apanhou como um filme melancólico e romântico que aparentemente não queria ser?

Por vezes, basta fechar por uns instantes os olhos. Uma «cortina». E vejo aqui há 25 anos, neste mesmo espaço, a estrear a minha primeira encenação em Lisboa, *Diário de um Louco*, com Jacinto Ramos. O espectáculo iniciava às 18.30 h. Às 18 horas, subia e descia, nervoso, a avenida. Durante uma ou duas manhãs ensaiámos rapidamente as luzes, o poeta Gomes Ferreira assistiu, era funcionário do Tivoli. Depois, atrasado, chegou Sá Nogueira, cenógrafo, sempre bem disposto.



Volto a hoje. O concerto de Cândido Lima, a obra do jovem António Chagas — Rosa, mais Stockhansen, com a cantora Sharon Cooper: sem luz, talvez bela, assim apenas se ouve. O Tivoli triste, não preparado. Na mesma fila, como eu, está sentado Jorge Peixinho, o mesmo que fez a música para *Diário de um Louco*, 25 anos mais velhos.

No bar de então, havia café de saco, lembro-me dessa velha aparelhagem, hoje museal. Agora, nem isso.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental do Arcozo S. A.

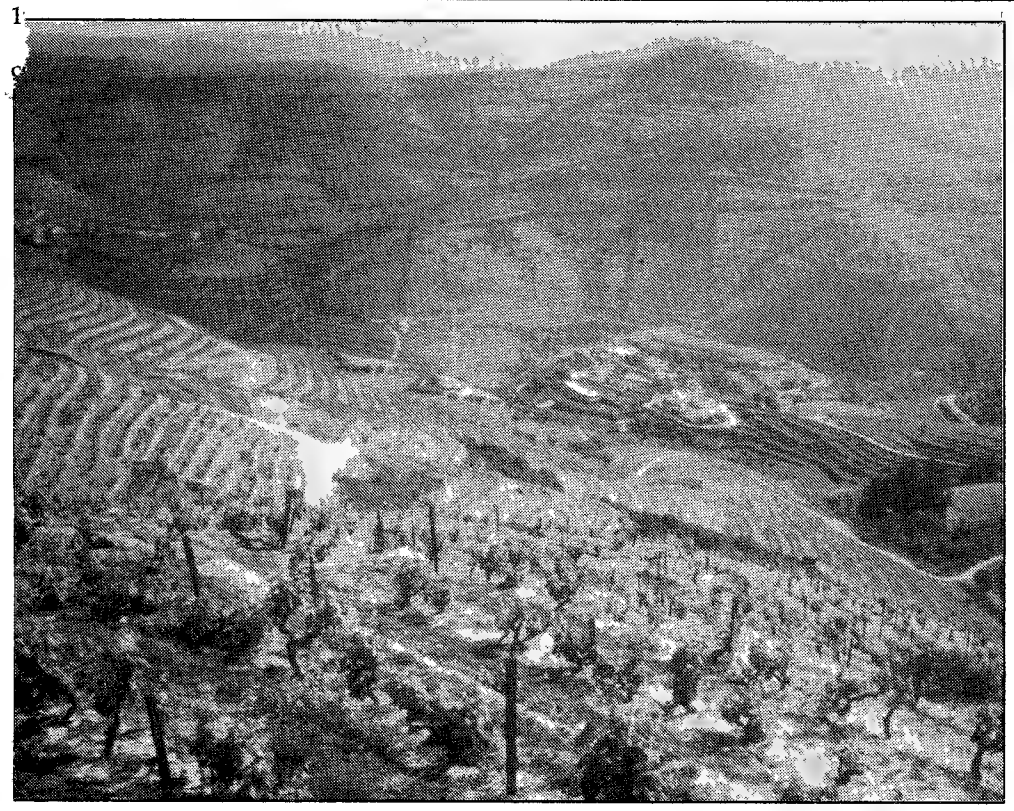
CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa



Vida dura, encostas penosas, terra agreste. É o dia-a-dia de quem trabalha o vinho do Porto. Há muitas formas de o promover e defender, como o prova a Associação de Exportadores. Por terras do Douro fala-se em organismo interprofissional. O futuro deste embaixador português é incerto, como incertas são as colheitas de todos os anos.

Pág. 7

O economista Francisco Torres considera que a indecisão em aderir ao Sistema Monetário Europeu significa «uma marginalização e uma derrota»

Não aderindo ao SME Portugal já perdeu

Portugal, ao não aderir ao Sistema Monetário Europeu, já perdeu e ficará num estatuto especial, juntamente com a Grécia. Esta afirmação foi feita ao correspondente do **DL** em Bruxelas pelo economista Francisco Torres, galardoado com o prémio «Mário Soares» por trabalhos no âmbito da integração europeia.

O jovem economista, sempre polémico, considera que «protelar a decisão de aderir acarreta custos elevados e diminui claramente o interesse do SME como mecanismo estabilizador da verdadeira independência do Banco de Portugal».

Francisco Torres considera «perigoso» o argumento de que a entrada do escudo no SME acarreta a subida dos salários reais. «O SME não é um milagre, mas é um mecanismo disciplinador», afirma.

Entretanto, também neste suplemento, publicamos uma análise a esta questão da autoria do jornalista Nuno Azevedo.

Págs. 3 e 8

Audácia e nova mentalidade para exportar mais

São muitos os problemas que se põem às empresas portuguesas para se integrarem com eficácia no comércio internacional. Uns dizem-lhes directamente respeito e, portanto, terão de ser elas a resolvê-los, outros derivam da estrutura económica do País, cabendo ao Estado eliminá-los. Mudança de mentalidade, audácia, formação e realização de *joint ventures* é uma «receita» que nos é dada por Maria Armanda Adão e Silva, presidente do *World Trade Center* de Lisboa.

Como obstáculos às pequenas e médias empresas refere a falta de conhecimentos dos mercados, desconhecimento de línguas, de estratégias e de políticas de *marketing*, aos quais acrescenta a complexidade burocrática que entrava a exportação. Contudo, exorta: «Há que não ter medo e atirar-se para os mercados». Por seu turno, Rogério Nunes, presidente da Associação Portuguesa de Comércio Internacional, considera que os transportes e a falta de apoio à exportação são dois grandes «dramas» das empresas *tradings* portuguesas. Igualmente aponta a impossibilidade de se criarem contas em divisas, os obstáculos à gestão por contrapartidas e a falta de tradição em lidar com «mercados difíceis».

Qualidade, *design*, *marketing* e estruturas de distribuição próprias são elementos fundamentais para bem vender «lá fora». Esta é, por seu turno, uma conclusão de um seminário recentemente realizado em Lisboa pela AIP.

Centrais

Socialistas insistem na Europa dos cidadãos
Pág. 2

Europa e mudança social - a análise de Geraldo Dias
Pág. 3

Bip-bip atrai profissões liberais
Pág. 6

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

BREVES

Uma imagem renovada para vinhos Mateus

Os vinhos Mateus, rosé e branco, mudaram de imagem, embora sejam pequenas as modificações introduzidas ao nível do rótulo e da gargantilha. Esta iniciativa, apoiada em estudos de mercado, visa revitalizar esta marca no mercado nacional.

Comércio luso-espanhol diminui de ritmo

Enquanto melhora o défice de Portugal com a Espanha, com as exportações a aumentar e as importações em quebra, vai-se registando uma diminuição do ritmo das relações comerciais entre os dois países. Na verdade, em Março as exportações para o país vizinho foram de 27,24 milhões de contos (apenas mais três por cento do que em igual mês de 1989), enquanto que as importações foram de 42,3 milhões de contos (menos 0,3 por cento).

Unidade fabril japonesa instala-se em Viana

Uma empresa do grupo Optec Dai-Ichi Kangyo (electrónica e telecomunicações) adquiriu terrenos em Viana do Castelo para instalar uma unidade fabril, cujo investimento ascende a dois milhões de contos. Esta fábrica vai produzir fios magnéticos e cablagem, utilizando cobre de Neves-Corvo. Prevêem-se exportações anuais de 1,8 milhões de contos.

Máquina reproduz assinaturas

Foi lançada no mercado português, pela Intervega, uma máquina que reproduz fielmente uma assinatura, com caneta, esferográfica ou outro objecto que escreva. Tem uma velocidade média de 1500 assinaturas por hara, operando com papel contínuo ou documentos soltos. Trata-se da Signascript, de fabrico francês.

Assegurar uma Comunidade onde o Homem não seja sacrificado pela Economia foi intenção manifestada pelos participantes de um seminário internacional da «Friedrich Ebert»

Socialistas reafirmam necessidade de uma Europa dos cidadãos

Reafirmar a dimensão de Cidadão face à do *Homo Oeconomicus* na construção comunitária constituiu preocupação importante do seminário internacional "Estado, Sociedade e Mercado" promovido pela representação portuguesa da Fundação Friedrich Ebert.

Pontos altos da reunião foram a apresentação por Vítor Constâncio do conceito de Estado-Catalizador, o esclarecimento de João Cravinho sobre o que separa socialistas e liberais na construção da Europa comunitária e a análise da italiana Laura Pennachi, dirigente do PCI, sobre o ressurgimento da ética no mundo dos negócios, bem como sobre a necessidade de refutar o entendimento da Economia como uma Física Social.

Escolhas estruturantes

Para Constâncio, a internacionalização das economias registada nos últimos 15 anos torna a defesa do *keynesianismo* justificável apenas à escala internacional. Entende que, hoje, o que se pode fazer é planeamento a médio e a longo prazo.

É aqui, disse, que se pode falar de Estado-Catalizador, «que promove debates fundamentais sobre escolhas estruturantes do futuro da sociedade», a propósito do que exemplificou com os casos do Japão e da Coreia do Sul, onde o Estado teve «uma política para o futuro do aparelho produtivo, não para atribuir incentivos ou benesses», prática que considerou contrária à do Governo de Cavaco Silva que, com o PEDIP, não orienta a economia portuguesa.

Mais tarde, chamou a atenção para a certeza histórica da redução do tempo de trabalho e para a necessidade de atender às suas consequências, em particular no respeitante aos aspectos da redistribuição, que deixará de ter na via salarial um dos principais instrumentos.

Precisar conceitos

Segundo Laura Pennachi, que integra o *Comité Central* do PCI, os conceitos devem ser relativizados, desde logo porque não existem em si e não designam realidades imutáveis e constantes.

Assim, Racionalidade, Eficiência, Estado, Mercado e Economia foram alguns dos conceitos para os quais chamou a atenção dos participantes ao abordar a questão do modelo de regulação social e, em concreto, o papel do Estado na economia.

Neste particular, partiu do princípio de que dado que a actividade privada não tem nenhuma superioridade intrínseca ou objectiva sobre a do Estado (e vice-versa), a questão do papel deste na economia tem de ser vista em relação com o modelo mais geral de regulação existente na sociedade.

As entidades presentes e determinantes do modelo não surgem de forma espontânea ou natural. Pelo contrário, resultam de processos históricos determinados e têm uma composição de base compósita, com a correlativa manifestação de lógicas e interesses diversos e contraditórios.

A dirigente comunista italiana aconselhou, por outro lado, a dar mais atenção às exigências da sociedade civil, onde destacou as decorrentes da inviabilidade das grandes aglomerações urbanas, da irrupção da Mulher no mundo do trabalho e dos percursos de formação e valorização despersonalizados.

Ingenuidades...

Com a ironia que o caracteriza, João Cravinho, por seu turno, explicitou as diferenças com os liberais («por liberais entendo a "cepa pura", não essas variedades que por aí há que, quando lhes convém, recorrem ao Estado») sobre as perspectivas do futuro da Comunidade.

Na base destas diferenças está, para o vice-presidente do Parlamento europeu, a existência ou não de um projecto integrado para a CEE e de um modelo de sociedade. «Nós temos, eles não», afirmou.

Em causa está o tratamento equitativo das dimensões económica e social. «Os socialistas foram ingénuos ao apoiar o Mercado Interno sem assegurar a dimensão social», disse.

O atraso «muito grande» existente para a verificação do objectivo 1993, acrescentou, «é ainda mais profundo, quando se pensa que o Acto Único Europeu queria acompanhar o Mercado Único com outros objectivos: coesão económico-social, políticas social, ambiental, de investigação e desenvolvimento, de fundamentação do sistema monetário europeu...».

R.N.

Sanyo apresenta novos produtos

A Sanyo Portugal apresentou novos produtos para o mercado português que reúnem todas as condições para satisfazer os amantes da boa imagem, seja ela televisiva ou vídeo.

Dois novos televisores que dão vontade de não se olhar ao preço perante a espectacularidade do sóbrio *design* do mestre Giugiaro vão estar disponíveis a partir de Junho. Belos nas suas linhas singelas que lhe dão uma sobriedade capaz de preencher um espaço, integrando-se na decoração circundante sem se oferecer aos sentidos como uma excrescência obliteradora do bom gosto e do bom senso.

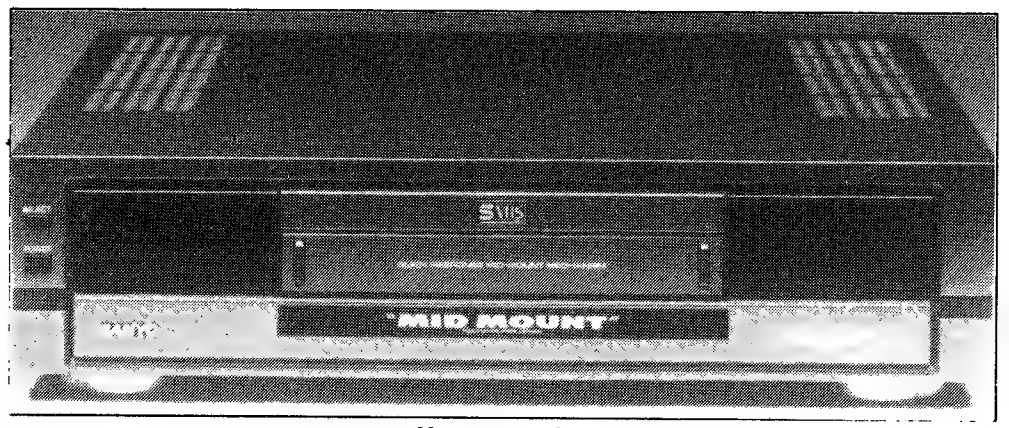
Tecnicamente, baseiam-se no sistema «Black Nickel System» (BNS), numa base idêntica à dos monitores de alta resolução que, conjugada com mais 17 por cento de escurecimento do écran proporciona uma imagem com mais 50 por cento de contraste sem distorção do foco, mesmo em ambientes muito iluminados.

Por outro lado, oferecem um sistema interactivo de informação gráfica de funções em três línguas: português, inglês e espanhol. Têm função PIP (imagem a imagem) bastante diversificada e sistema duplo de som estéreo, que se torna semelhante ao obtido de um CD.

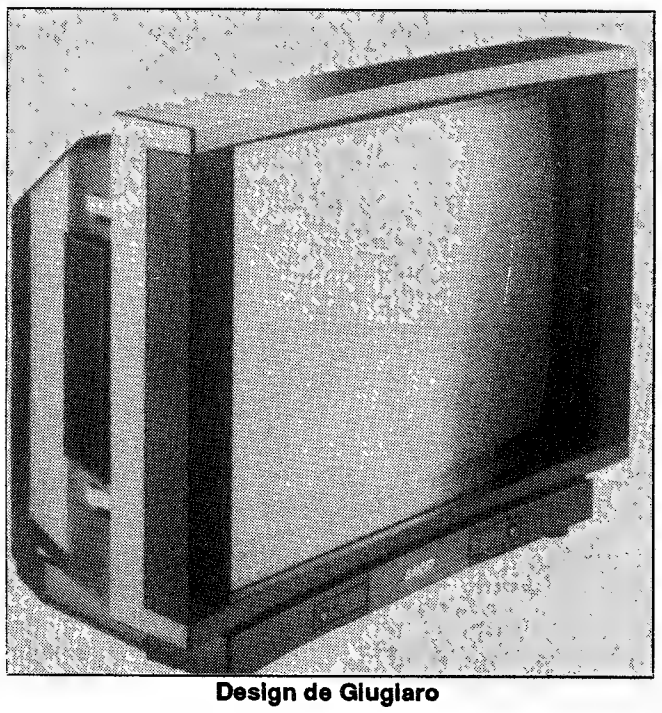
Outro produto, a ser lançado no mercado a partir de Outubro, é um videogravador com chassis livre de ressonância, com fita localizada no seu centro, de forma a melhorar a qualidade da imagem. Trata-se da tecnologia Midmount, pela primeira vez aplicada. Em relação aos seus antecessores tem ainda vários melhoramentos tecnológicos.

Finalmente, a partir de Setembro, estará disponível a Camcorder VM-ES 88P (8 milímertos). São apenas 230 gramas que encorporam «toneladas» de alta tecnologia resistente a fortes vibrações, portanto com melhor estabilidade de imagem.

Um autêntico sonho tornado realidade para os amadores.



Novo conceito



Design de Giugiaro

Apenas 230 gramas

SME: estranho adiamento

A partir do próximo dia 2 de Junho só haverá uma moeda a circular nas duas Alemanhas. Este ano ainda, haverá uma liberalização total de movimentos de capitais entre os membros do Sistema Monetário Europeu (SME). Até ao final deste ano os preparativos para a conferência intergovernamental sobre um tratado de União Económica e Monetária (UEM) deverão permitir a sua ratificação pelos Estados até ao final de 1992.

Na mira está a criação de um banco central ou coordenador europeu (Eurofed), que definirá as linhas gerais da política monetária, assim como o estabelecimento de regras mínimas no que se refere aos défices orçamentais. Janeiro de 1993 marca o ano zero do Mercado Único. Em 1994, admite-se, poderá assistir-se à introdução de uma moeda única no território comunitário. E Portugal? E o escudo? E o desafio de 1992? Não estaremos a perder o comboio europeu?

Há quem diga que sim, mas outros, dispondo também de argumentos, dizem que não. No entanto, os factos estão patentes: o comboio europeu não pára e só ficarão apeados os que não quiserem entrar. O desafio para Portugal é grande (maior que os *outdoors*), crucial e, depois da nossa aposta europeia, inadiável.

O que está em jogo

O SME integra os doze países da CEE, e as suas moedas entram na definição cambial do ECU (European Currency Unit), ou seja, no cabaz ponderado que define o embrião monetário europeu. No entanto, apenas nove moedas (de fora estão o escudo, a libra e o dracma) aderiram ao sistema de câmbios fixos (SCF) que liga umas moedas às outras através uma taxa de câmbio fixa, com a possibilidade de uma pequena margem de variação.

As motivações que estiveram na origem da criação do SME foram de dois tipos: em primeiro lugar, a intenção foi de instaurar uma certa estabilidade cambial entre as várias moedas europeias numa altura em que se vivia no mundo um período de grande instabilidade. Em segundo lugar, o SME procurou também favorecer o seguimento da integração dos mercados nacionais e o relançamento das economias na Europa.

Nuno Azevedo

De facto, o principal objectivo das decisões tomadas no Conselho Europeu de Bremen, em Julho de 1978, foi promover a convergência das economias europeias no que diz respeito a uma maior estabilidade monetária interna. Este desejo, que implicava uma redução da divergência entre as várias taxas de inflação, resultou da experiência amarga obtida durante os anos setenta em que se constatou que, a prazo, a inflação tinha uma influência negativa nos investimentos, na produtividade, no emprego e no crescimento económico. Poder-se-á agora compreender que o objectivo principal do SME, e mais propriamente do SCF, não é a estabilidade cambial em si, mas sim um plano de disciplina monetária cujo objectivo final é uma maior convergência das economias, essencialmente no que diz respeito aos preços e aos custos.

Vantagens

Dez anos após a entrada em vigor do SME, depois de superar nos primeiros três anos do seu funcionamento algumas dificuldades, nomeadamente no que diz respeito à diminuição das disparidades de inflação, o balanço é francamente favorável. O SCF tem permitido (além de uma estabilidade considerável nos fluxos de comércio intra-europeu, assim como nos pagamentos intracomunitários) uma diminuição nas divergências da taxa de inflação entre os vários países. Uma das maiores virtudes do SME é, sem dúvida, a de forçar os Estados mais «inflacionistas» (Itália, França) a aproximarem-se dos Estados menos «inflacionistas» (RFA, Holanda). Os países europeus mais expansionistas, após alguma hesitação inicial, reconheceram as vantagens da disciplina cambial para as suas economias, tanto nas vertentes internas, como nas externas. Assim, Estados como a Itália, cuja moeda, a lira, beneficiava de uma margem de variação de 6 por cento em relação à taxa central do ECU, decidiu recentemente submeter-se à margem comum de 2,25 por cento.

Custos

Estes países «inflacionistas» tiveram pois de atravessar um período de contenção da despesa pública e de diminuição do déficite. Ao mesmo tempo, tiveram que se submeter a uma política cambial disciplinada, ou seja, evitar as desvalorizações sucessivas. Os custos destas medidas levaram a que os preços das exportações em moeda estrangeira, mantendo a mesma margem de lucro, tenham aumentado.

Esta perda de competitividade, inerente a uma política que não compensa a taxa de inflação com uma desvalorização, poderá conduzir, se a situação persistir, a um agravamento da balança comercial, à desvalorização consecutiva da moeda ou uma perda de reservas. Como já referimos acima, os primeiros três anos do SME tiveram que fazer face a este tipo de situação, levando os Estados a fazer reajustamentos sucessivos. Mais tarde veio a verificar-se que estes ajustamentos foram cada vez menos necessários.

Numa altura em que a integração europeia foi, uma vez mais, relançada por factores exteriores, Portugal parece demasiado preocupado em lutar com corpo e alma pelos direitos adquiridos após a nossa adesão. Esta frente é, sem dúvida, crucial para a nossa modernização, mas o futuro está a ser desenhado hoje e nós estamos a auto-excluir-nos desta transformação. Serão os custos efectivos de uma adesão imediata ao SME tão elevados que compensam a nossa recusa de participar activamente na construção europeia «de ponta»? Ou estarão estes custos a ser avaliados em termos de objectivos políticos de outra natureza? No imediato, não deixa de ser verdade que a política económica prescrita para acompanhar uma eventual adesão ao SME poderá entrar em conflito com o calendário eleitoral.

A integração monetária europeia - e as suas criações institucionais, o SME e a futura UEM - é indiscutivelmente uma obra económica dos «técnicos», mas é também (talvez em primeiro lugar) um acto eminentemente político. Quando, em Dezembro de 1969, durante a cimeira europeia de Haia, o chanceler alemão-federal, Willy Brandt, lançou a ideia de uma união económica e monetária, assistiu-se a um intenso debate político nos países membros da comunidade. Esse debate está hoje a ser repetido, vinte anos mais tarde, em Portugal. Será que os efeitos benéficos da adesão ao SME, hoje em dia mais que patentes na *performance* económica dos nossos parceiros europeus, não é suficiente para convencer os que ainda buscam argumentos que cada dia que passa é um dia de perdido?

Somos todos responsáveis

Não nos responsabilizamos... Esta uma frase que encontramos com excessiva frequência em Portugal. Por escrito, por tácito acordo, por tradição, encontramo-la como auto-confissão de irresponsabilidade.

São transportadoras que não se responsabilizam por eventuais danos nos transportes de mercadorias, são estações de serviço que não se responsabilizam por eventuais danos nas viaturas, são indústrias que não se responsabilizam por eventuais atrasos na entrega dos produtos ou serviços contratados, são organismos públicos que não se responsabilizam pelo eventual extravio de documentação...

Regra geral, os contratos em Portugal são unilaterais. Quer dizer, já estão elaborados por quem vende um produto ou presta um serviço. Por outras palavras, o consumidor (cidadão anónimo ou empresário) é posto perante condições pré-estabelecidas unilateralmente, não por ele que compra e paga, mas por quem vende e recebe. E daí não viria mal ao mundo, se as responsabilidades de *ambas* as partes estivessem devidamente estipuladas. Mas normalmente as cláusulas penalizadoras são só para o pagante.

Desde há uns (poucos) anos para cá tem-se assistido a uma ligeira alteração deste «vício», mas só em grandes negócios, em que a parte adquirente do produto ou do serviço pode impor cláusulas penalizadoras, essencialmente para casos de atrasos na entrega do produto ou na prestação do serviço ou ainda para a má qualidade dos mesmos.

Mas a maioria dos consumidores continua a ser vítima da irresponsabilidade de quem vende produtos ou presta serviços. Irresponsabilidade que a lei não admite, por muito autoproclamada que ela seja. Imagine-se que todos passávamos a andar com um cartaz em que dizíamos que não nos responsabilizávamos pelos danos que provocássemos.

É evidente que ninguém pode demitir-se das suas responsabilidades pelo simples facto de se autodeclarar irresponsável. E é por isso que foram criados mecanismos que aliviam os cidadãos do peso das suas responsabilidades: os seguros.

Muitos seguros novos foram lançados no mercado português nos últimos cinco anos. Há os que cobrem eventuais prejuízos causados a um vizinho por um acidente que se verifique na nossa casa (inundação, incêndio, explosão de gás...).

Ou os que permitem cobrir o dano que os nossos filhos, na sua inocente brincadeira, possam causar no carro do vizinho ou na loja em que efectuamos compras. Matérias-primas, produtos, serviços e até créditos podem ser seguros.

Os empresários, o cidadão anónimo e o Estado têm ao seu dispor uma vasta panóplia de seguros a que podem recorrer, de forma a não terem de se auto-sujeitar a uma irresponsabilidade, que só é possível existir por ignorância, comodismo ou por um acesso à justiça demasiado caro e moroso. Porque o facto é só um: todos somos responsáveis perante a lei, com excepção daqueles que são obrigados a viver entre as paredes de um manicómio.

V.L.

COMENTÁRIO

Europa e mudança social

A Europa contribuirá com novas respostas às realidades da industrialização da guerra, da mercadorização da informação e do espaço, da divisão internacional do trabalho, das reestruturações produtivas e das novas formas da organização do trabalho e das novas tecnologias em relação com um projecto social, da penetração do Estado na esfera da reprodução social.

O processo de construção europeia condensa todos os factores que governam os principais processos de mudança social, desde o papel do Estado-nação, às questões do poder militar, aos problemas de governabilidade associados aos novos nmovimentos democráticos e sociais.

A industrialização metamorfoseou-se e algumas formas derivadas - por exemplo a industrialização da guerra - têm efeitos perversos que pesam sobre o desenvolvimento mundial. A construção europeia pode significar a emergência de novos critérios que permitam a reciclagem dos recursos a favor do crescimento económico, da solidariedade, de uma nova ordem internacional que alivie as dependências.

Para além das financeiras, uma das mais importantes consequências da dependência é a sua tendência para a desvalorização do papel do político na resposta às exclusão ou à desigualdade - num contexto em que muitos dos países do terceiro mundo no que respeita ao poder militar são sociedades do primeiro mundo. Estas realidades objectivas questionam novos entendimentos abertos que não se circunscrevam aos interlocutores e que estejam disponíveis para qualquer terceiro que se apresente como intérprete.

Com a questão da força, prende-se a da informação. Um novo equilíbrio internacional passa por uma nova ordem da comunicação. Num mundo dominado pela informação - no contexto da sua mercadorização - o estatuto dos meios de informação como bases do sistema de autoridade na sua relação com o Estado é uma questão-chave da governabilidade. No quadro europeu podem descortinar-se novas pistas. As novas tecnologias são signos de poder e os países europeus poderão beneficiar de uma resposta concertada à internacionalização e desregulamentação, no quadro da construção de um espaço comum em que as tecnologias de informação têm um papel estruturante no progresso tecnológico, mas também no social e cultural - no caso dos *media* um papel fundamental na remitificação do mundo. As novas tecnologias, as novas formas de organização do trabalho, as reestruturações industriais num contexto de internacionalização e de desregulamentação aprofundam a mercadorização do espaço - as condições da sua exaustão, exclusão e dependência.

Os movimentos sociais e democráticos são a expressão da resistência à exaustão e desertificação física e social - da deterioração do ambiente à exclusão dos inactivos - que as novas formas de organização do trabalho e da divisão internacional provocam na ausência da adaptação a um projecto social. As novas relações activos/inactivos, as conflitualidades entre industrialização e deterioração do ambiente ou qualidade de vida fazem-se sentir a nível local e a recentralização local ganha em perspectiva do duplo ponto de vista regional plurinacional, combinando as formas de cooperação regional e plurinacional de modo a permitir o aproveitamento potencial dos dinamismos regionais e a adopção de medidas de gestão social.

As estruturas regionais cujo desenvolvimento se vem intensificando constituem modelos de instâncias para uma cooperação realizada à escala nacional alargada. A interacção entre países vizinhos praticando uma cooperação intensa sobre as questões de ordem económica e política favorecerá o processo de integração e permitirá crescer a influência dos diversos governos e prever melhor os efeitos exercidos sobre o plano nacional pela evolução internacional.

Geraldo Dias

Informática aproxima mercados

Responder às necessidade de informação é uma das atribuições do novo *World Trade Center Network*, um sistema de comunicações e base de dados, concebido para ajudar os associados do WTC na identificação e comunicação com parceiros de negócios em todo o mundo.

Este *network* conjuga um sistema electrónico de comunicações internacionais, uma base de dados mundial, uma bolsa de negócios intercontinental e um sistema de comunicação *network telex*.

Considerada por Maria Armanda Adão e Silva como «um instrumento revolucionário na prática do comércio internacional», a bolsa de negócios já tem 236 mil assinantes *on line* e 1,35 milhões que lhe têm acesso através de várias publicações, como o *Finantial Times*. Aquando da entrevista, o sistema estava a divulgar 500 oportunidades de negócio em todo o mundo.

Estas são renovadas todos os 15 dias.

Diversos bancos de dados complementam o descrito. Assim, existe o banco de dados do *WTCNetwork* (que contém informações sobre todos os associados WTC, como referências bancárias, actividades e contactos), o *Ip. Sharp Ass. Databases* (leque variado de dados: economia, finanças, empresas, bolsa estrangeira, energia, aviação,...), *TED - Tenders Electronic Daily* (concursos públicos da CEE) e *CELEX* (toda a legislação comunitária actualizada).

Maria Armanda Adão e Silva, presidente do World Trade Center, entende que os empresários portugueses devem apostar nas «joint-ventures» mais do que se ficarem pelo medo da concorrência

Maria Armanda Adão e Silva: «É precisa uma nova forma de estar no comércio internacional»

Comércio inte audácia e nov

Mudança de mentalidades, audácia, formação e realização de *joint-ventures* é a receita de Maria Armanda Adão e Silva para os empresários portugueses encararem, a contento, a concorrência e o comércio externo.

Presidente do *World Trade Center* (WTC) de Lisboa e directora internacional da *World Trade Centers Association* (WTCA), Maria Armanda chama a atenção para as tendências inovadoras do comércio internacional, derivadas da captação/exportação de investimentos industriais. «A conquista dos mercados por produtos acabados está a diminuir e, em contrapartida, aumenta a criação e desenvolvimento de *joint-ventures*, nas quais se aliam a importação de matérias primas ou produtos semi acabados e a incorporação do produto da região e mão-de-obra».

Assim, mais do que recearem as importações oriundas, por exemplo, de Taiwan ou Coreia do Sul, as empresas portuguesas deveriam "captar" essas exportações dos chamados Novos Países Industrializados (NPI), através da realização das referidas *joint-ventures*, o que seria do interesse de ambos.

Este caminho de cooperação, mais do que de concorrência, «não significa exportar menos» e é provocado pelas grandes alterações em curso a nível mundial caracterizadas, desde logo, pela formação de «blocos económicos cada vez mais fortes e localizados por regiões: a própria CEE, o *Pacific Rim* e o bloco EUA-Canadá, criado através da *USA Trade Bill*». Por outro lado, estes blocos estão a desencadear várias forças centrípetas e levarão a reconsiderar a política económica face a muitos países africanos e da América do Sul.

Em causa está, esclarece, o posicionamento dos empresários portugueses perante as mudanças significativas que vão acontecer. «Há que preparar para a mudança, antes que dela resultem prejuízos».

Maria Armanda fala com o conhecimento que lhe advém dos seus contactos internacionais e do acesso à produção de duas estruturas da WTCA: o *Futur Comite*, que estuda a evolução das políticas económicas a nível mundial, e o *Trade Policy Comite*, que analisa em permanência as modificações ocorridas dentro de cada bloco comercial.

Incisiva, recomenda: «Há que não ter medo e atirar-se

Reforço organizativo e contactos com o Governo estão a materializar reivindicações. A gestão por contrapartidas permanece o grande objectivo

Tradings portuguesas resolvem problemas

Transportes e falta de apoio financeiro à exportação são os dois «dramas» das empresas *tradings* portuguesas, diz Rogério Nunes, presidente da Associação Portuguesa de Comércio Internacional (APCI), o qual identifica ainda como problemas a impossibilidade de criar contas em divisas, os obstáculos à gestão por contrapartidas e a falta de tradição das empresas portuguesas em lidar com «mercados difíceis».

Em função daqueles dois *handicaps*, o presidente da APCI entende que a exportação portuguesa parte em desvantagem para a concorrência. Enquanto o primeiro reflecte «as limitações naturais das finanças públicas e privadas», já o segundo resulta da carestia dos portos nacionais e do pouco volume das exportações típicas destas empresas, destinadas aos «mercados difíceis». Em consequência, «é mais barato carregar em Roterdão do que em Lisboa um contentor para um país árabe.

Depois de ter resolvido da forma desejada o problema do IVA (cuja demora na restituição por parte das autoridades penalizava as *tradings*), a APCI tem agora outros dois objectivos imediatos: a autorização da realização de depósitos em divisas e a gestão por contrapartidas.

Se o primeiro destes objectivos, diz Rogério Nunes, é uma questão de «antecipar 1992», já para o segundo são necessários «vontade política e capacidade empresarial». Para discutir este último, está prevista uma reunião com Mira Amaral nos próximos dias.

Gestão por contrapartidas

Este sistema, que consiste em pagar importações com exportações, envolve «volumes colossais» e aplica-se, em particular, às importações de carvão e petróleo.

Segundo o seu presidente, a APCI «quer instituir o princípio da gestão por contrapartidas» no comércio externo português. Angola serve de exemplo para o caso: «As exportações portuguesas quintuplicaram a partir do momento em que passaram a ser pagas com o petróleo, isto é a partir do momento em que passou a haver garantias».

A concretização deste sistema, «que iria desenvolver extraordinariamente a nossa actividade», seria orientado, em particular, para as importações referidas, uma vez que esses países «por natureza, são importadores de quase tudo».

No caso do petróleo, como há mais oferta que procura, o comprador até está em posição de impôr regras. O Brasil é um caso típico: paga as suas importações petrolíferas com carros, obras de construção civil, armas...

Para Rogério Nunes, «estamos a falar de algo que é difícil, que envolve dezenas de milhões de contos, que exigirá uma "máquina" para a sua concretização e que é reivindicado há mais de 10 anos». Porém, «se os outros conseguem, porque é que nós não conseguiremos?».

Mercados difíceis

Vocacionadas para as transacções internacionais, as *tradings* têm nos «mercados difíceis» os seus «mercados naturais». A definição de «difícil», para as pequenas e médias empresas, prende-se com diversas variáveis: língua, existência de contactos privilegiados, conhecimento do funcionamento da COSEC, dos meios de pagamento internacionais, das especificidades do mercado ou, ainda, dos preços internacionalmente praticados...

Dado que, afirma Rogério Nunes, falta às PME uma tradição de formação na área do comércio externo, compete às *tradings* proporcionar-lhes a realização de negócios que, de outra forma, seriam impensáveis.

Fruto desta necessidade de informação, a APCI prepara-se para constituir um Gabinete de Estudos, com a CIP e o Banco de Fomento e Exterior.

Rogério Nunes: «A gestão por contrapartidas i extraordinariamente as nossas activid

Esta estrutura terá duas vertentes: a de proporcionar às empresas portuguesas oportunidades para se envolverem em mercados estrangeiros, para os quais gostariam de exportar, mas que desconhecem, e a de realizar análises de empresas nacionais, para atrair o investimento estrangeiro.

O presidente da APCI precisou que as empresas englobadas nesta "bolsa de análises" não serão do ramo imobiliário, mas sim da área industrial, se bem que também possa vir a ter algumas da área comercial.

Reforçar *lobby*

Constituída há ano e meio, a APCI tem 24 associadas, empresas «cem por cento comerciais», que representam dois terços das *tradings* e "valem" 20 milhões de contos de exportação.

Na base da sua constituição estiveram problemas legislativos e o não reconhecimento pelas autoridades do papel das *tradings*, que representam 10 por cento do comércio externo nacional.

Com algumas reivindicações consagradas e outras

ternacional requer ova mentalidade

pop-
con-
fica
ovo-
al-
ível
das,
ação
cada
ados
EE, o
UA-
s da
utro
o a
rças
con-
mica
afri-
Sul.
ce, o
em-
per-
cati-
«Há
mu-
sul-

)m o
lhe
ctos
so à
uras
nite,
das
nível
olicy
per-
ções
cada

«Há
ar-se

para os mercados». Ficar quieto, receoso do desconhecido ou das capacidades próprias, «é não aproveitar as oportunidades». Para agir, impõe-se «uma nova forma de estar no comércio internacional». Mais do que saber negociar, importa «estar preparado para negociar». Aqui, pormenoriza, a formação e a informação são variáveis decisivas.

Mudar

No mundo actual, afirma Maria Armanda, «o Estado não pode ser mais o motor da aceleração económica, como o foi no passado», o que torna necessário «o dinamismo e a capacidade de iniciativa das empresas privadas para conquistar novos mercados».

Como diz, em Portugal muitas dessas empresas são pequenas e médias cujo esforço «é frequentemente afectado, devido à falta de conhecimentos, estratégias e políticas de *marketing*, pelo que muitas delas não exportam, apesar de terem capacidade para o fazer».

Tal facto, deve-se, sobretudo, à «existência de barreiras nas entradas de mercados, à complexidade na exportação, à complexidade burocrática, às barreiras linguísticas e, não menos importante, à falta de informação sobre os mercados externos».

Depois de realçar o papel do WTC no desenvolvimento de acções informativas, formativas e de apoio à promoção de negócios, Maria Armanda focaliza o discurso no empresário, o qual, considera, «é o centro nevrálgico da sua empresa e, por isso, tem de ser um homem pluridisciplinar, com francos conhecimentos de gestão, administração e *marketing*, essenciais no actual mundo de negócios».

Estas análises levam-na a formular uma «mensagem para o Portugal dos anos 90»: mudar mentalidades e sistemas convencionais de fazer comércio internacional. «Mudança de mentalidades, de forma a poder acompanhar o desenvolvimento da sociedade, e informação intensiva, na qual as nossas empresas vão ter que existir e expandir-se, para o que terão de contribuir e preparar-se, se querem integrar-se de uma forma adequada no mundo do comércio internacional».

Porque antes de fazer, importa saber fazer, Maria Armanda insiste em que «é necessário promover a sensibilização dos agentes económicos - dentro destes, as empresas públicas e privadas - para a dinâmica dos anos 90, analisando não só a Nova Europa, como também a nova ordem económica vista de uma forma mais global a nível mundial».

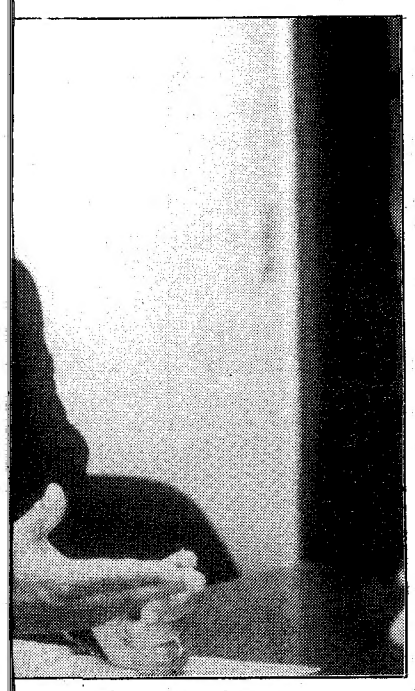
Agir

O aparecimento e reforço dos blocos económicos regionais aumentará a integração comercial nessas regiões. Estar ou não presente levará à existência ou inexistência de dificuldades em aí operar.

Certa de que «o xadrez do comércio internacional mudará substancialmente», Maria Armanda entende que «é importante que o País e, em especial, os seus agentes económicos tomem consciência da verdadeira dimensão das mudanças que vão surgir nesta década» e, de forma urgente, «debrucem-se sobre o modo como irão actuar neste novo contexto económico que se avizinha».

Portugal «deve observar atentamente quais as alianças económicas a estabelecer ou reforçar» nessas áreas, desde logo no *Pacific Rim* , considerados por muitos especialistas em economia internacional a área do século XXI.

Rui Nunes



rtidas irá desenvolver actividades»

cial

meio,
adas,
ento
esen-
ngs e
con-

nsti-
emas
nhe-
ades
que
to d
nal.
indi-
utras

em discussão, a APCI prepara-se para alterar os seus estatutos, de forma a permitir a entrada como associados de Bancos, Seguros e Transitários, que «não são empresas *trading*, mas têm um papel fundamental no comércio internacional. Depois, entrarão empresas produtoras industriais que sejam fundamentalmente exportadoras.

Rogério Nunes justifica as alterações: «Quanto mais forte for a APCI, mais reforçada estará a sua capacidade negocial».

R.N.

Vender no mundo com o WTC

O *Worl Trade Center* (WTC) de Lisboa, presidido por Maria Armanda Adão e Silva, é um dos elos da cadeia internacional da *World Trade Centers Association* (WTCA), organização não política e sem fins lucrativos, que fomenta a assistência e cooperação mútuas de forma a promover as relações internacionais.

Está presente em 60 países, dos cinco continentes, com 220 membros, que operam com mais de 400 mil companhias filiadas.

É este «vasto e personalizado sistema de contactos a nível mundial que fazem da WTCA uma entidade única», afirma a sua directora internacional. Em Portugal, o acesso a esta rede de contactos é possível através da Associação *Worl Trade Center* (AWTC).

Esta associação oferece vários serviços aos seus sócios - informação, promoção comercial, acesso ao *WTC Network* , formação e outras vantagens - em Portugal e, através da rede internacional da WTCA, no estrangeiro.

Durante este ano, as acções de formação ocuparão cinco mil horas, abrangerão 500 formandos e versarão os temas "comércio externo", "*marketing* internacional", "gestão internacional de negócios", "gestão de informação" e "inglês". «Isto é indispensável», considera Maria Armanda, para quem «é preciso cultura e desenvolvimento».

Fruto da acção do WTC e da sua preocupação em promover a presença dos empresários portugueses no *Pacific Rim*, de que Japão, Taiwan e Coreia do Sul constitutem exemplos importantes, afirma que o volume das exportações portuguesas para Taiwan quintuplicou nos últimos dois anos, «após 30 anos sem contactos». Taiwan, de resto, é um mercado prrivilegiado pelo WTC. Na base deste privilégio estão as suas reservas monetárias (mais de 72 mil milhões de dólares) e a autorização de cada empresa ou indivíduo poder sair do país com cinco milhões de dólares.

Para aproximar chineses nacionalistas e portugueses, o WTC promoverá em Agosto uma feira com o fito confessado de promover o investimento em Portugal.

Não é animador o panorama existente para as empresas portuguesas na competição além-fronteiras

Vergonha nacional aproveitada para competição internacional

«Chamemos qualidade a uma certa vergonha de produzir produtos com fraca qualidade. Ainda há em muitas empresas portuguesas amor à camisola. Vamos aproveitá-lo». Esta afirmação de um participante no seminário "Competição além-fronteiras", organizado pela AIP, poderia ilustrar, de forma pessimista, as perspectivas abertas à maioria das empresas portuguesas pelo avanço da integração comunitária.

Ao longo do seminário, que abordou diversas políticas horizontais - normalização, *design*, *marketing*, inovação e novas tecnologias, novos materiais, aprovisionamento - e cenários hipotéticos da concorrência internacional, dentro e fora da Comunidade, a qualidade foi questão omnipresente.

Cândido dos Santos, presidente do Instituto Português de Qualidade, afirmou que «a qualidade não se decreta: depende de produtores e consumidores». E acentuou que «não é moda; veio para ficar».

As comunicações apresentadas sobre as políticas horizontais identificaram as problemáticas subjacentes, às quais as empresas portuguesas, por norma, são alheias, e ilustraram as necessidades das ligações internacionais.

Desta maneira, e a título exemplificativo, falar de inovação e novas tecnologias implica fazer referência a espaços económicos alargados que justifiquem a massa de investimentos necessária, abordar o *design* implica possuir conhecimento apurado dos contextos culturais e entrar nos problemas da normalização significa entrar na "guerra" das esferas de influência a nível internacional e tem pressuposto a informação e o interesse dos agentes económicos.

As afirmações de um participante - «penso no tecido empresarial português e tenho dificuldades em o posicionar aqui» - foram corroboradas pelo autor de uma comunicação, segundo o qual «face à cultura predominante na realidade empresarial, a mudança teria de ser radical».

Ruptura foi, de resto, a solução avançada, mas não só para o comportamento empresarial. Também o Estado não pode manter o seu hábito do "empurra", em função do que os empresários correm três, quatro e cinco organismos sem resolver nada. De acordo com o diagnóstico de um, «o Estado está dessincronizado das realidades do dia-a-dia».

Dimensão crítica

Maioritariamente subcontratada, sem *design* e *marketing* próprios nem estruturas de distribuição próprias, a indústria portuguesa é altamente dependente de centros de decisão exteriores aos seus, que não lhe conferem a estabilidade e a segurança necessárias ao seu desenvolvimento futuro.

Como se não bastasse, o *design* dos produtos portugueses oferecidos é, na generalidade dos casos, desajustado e envelhecido, o que torna problemático em alguns sectores a conquista de novos mercados de exportação ou a manutenção dos já existentes.

É neste quadro interno e de envolvente externa que o nosso País terá de encontrar e adaptar as suas estratégias de desenvolvimento e construir ou potencializar as suas novas vocações.

Da autoria de Mira Amaral, este quadro condicionará o comportameno empresarial na actual conjuntura marcada pela globalização da concorrência.

Para a enfrentar de forma satisfatória, as empresas estão condenadas a alcançar uma dimensão crítica, que lhes permita a sobrevivência. Fusões, aquisições e *joint-ventures* são os métodos necessários e praticados, como disse Eduardo Rodrigues, director-geral da Indústria.

Defensor da assunção da economia de mercado na comércio internacional, «desde que salvaguardadas as condições de reciprocidade», João Nunes, da Coopers & Lybrand, afirmou que «no mundo contemporâneo dos países industrializados, com estabilidade social, monetária e cambial, o capital não tem bandeira». E considerou que «se o investimento estrangeiro substituir as importações, for feito com o recurso a capitais próprios significativos vindos do país de origem do investidor, com elevado nível de incorporação europeia, não me parece qual seja o inconveniente».

Terminou com um lamento: «É triste reconhecer que, apesar da nossa mão-de-obra hábil e ainda relativamente barata, o investimento japonês ou coreano é muito pouco significativo no nosso País».

R.N.

ECONOMIA

Profissões liberais permeáveis ao Bip

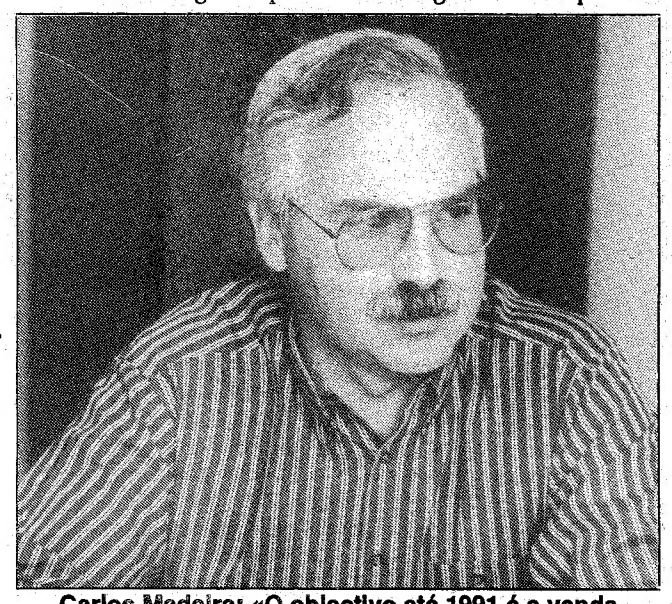
Portugal, sendo dos últimos, tem a rede mais moderna que existe na Europa

«Um serviço discreto, prático, de fácil acesso, destinado sobretudo a profissionais liberais, utilizado nas grandes zonas industriais e populacionais do país», assim definiu Carlos Madeira, adjunto do Conselho de Gerência da Telemensagem, ao DL, o Telebip, um serviço público de chamada de pessoas, recentemente introduzido em Portugal e a que o ingleses chamam «Paging».

Comercializado pela Telemensagem, uma empresa constituida pelos CTT e os TLP, a partir de Fevereiro deste ano, e beneficiando dos fundos do FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), através do apoio do programa comunitário STAR, a rede de Telebip possui já dois mil receptores.

A Inglaterra é o país da Europa que melhor recebeu o «Paging», tendo já a funcionar um milhão de aparelhos. Isto deve-se, na opinião do engenheiro Carlos Madeira, à grande agressividade comercial em relação aos serviços móveis.

«Somos o último país da Europa a introduzir uma rede de chamada de pessoas, mas, por isso mesmo, a nossa rede é a mais moderna que existe. Permite emitir, além de sinais sonoros codificados e mensagens numéricas, mensagens alfanuméricas (escritas). No fim do ano, vamos ligar o Telebip ao sistema de telex e de videotex, para que as mensagens alfanuméricas sejam enviadas automaticamente, interligando-o com o Voice-Mail», disse Carlos Madeira.



Carlos Madeira: «O objectivo até 1991 é a venda de 4.500 telebips»

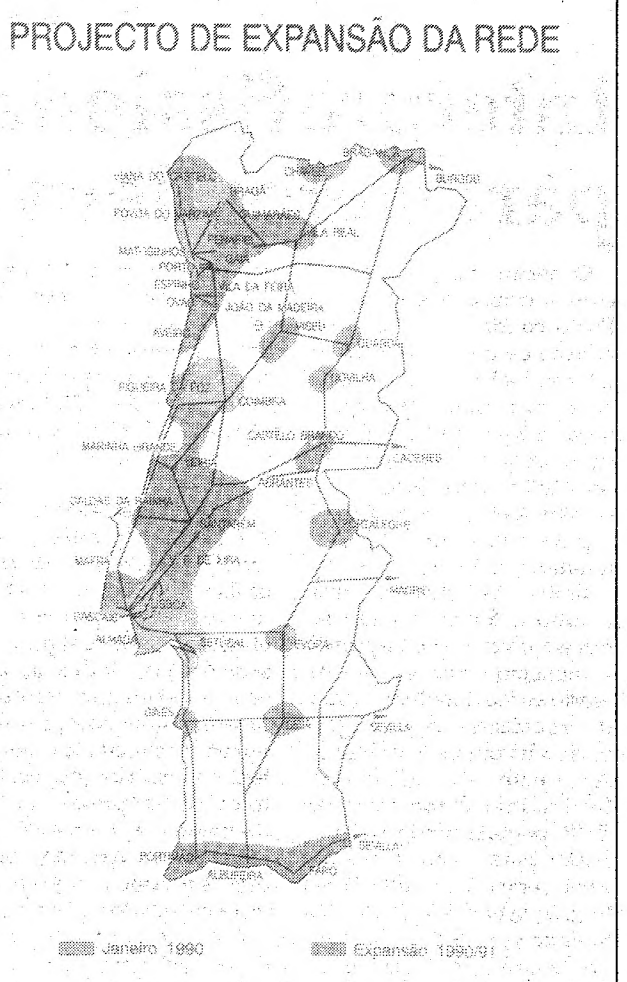
Um milhão de contos

Neste momento, as áreas de utilização confinam-se a Lisboa, Setúbal, Porto, Coimbra e Braga, o que equivale a um investimento de 400 mil contos. Até ao final de 1991 vão ser investidos mais 600 mil contos, estendendo-se a rede aos maiores centros populacionais e principais áreas de actividade económica.

O Telebip, que pode ir de 28 a 90 contos consoante a capacidade e números de serviços, permite a qualquer utilizador, através da rede pública, receber avisos sonoros, números e pequenas mensagens escritas desde que se encontre na área de cobertura de serviço. O receptor, a pessoa munida com o aparelho de bolso, avisado por este meio, poderá de imediato ligar para a empresa ou casa familiar e averiguar o que lhe é pedido.

Segundo informou Carlos Madeira ao DL, os clientes que mais procuram este serviço encontram-se em sectores diferenciados da actividade económica e profissional, como médicos, serviços de assistência técnica e manutenção, transportes e comunicações, construção civil, banca, indústria, vendas, seguros e turismo, «profissões cujos meios humanos dispersos e em movimento requerem uma constante ligação aos centros de decisão e informação respectivos».

R.F.S.



MPCA

Movimento Português Contra o Apartheid

R. Rodrigo da Fonseca, 56-2.º
— 1200 Lisboa

Telef. 563375/6
Telex — 15087 Paz P

CARTA ABERTA
A F. W. de KLERK — Presidente da República da África do Sul

Excelentíssimo Presidente da República da África do Sul, Senhor F.W. de Klerk.

Perante a visita de V. Exa. a Portugal, o Movimento Português Contra o Apartheid, ciente de representar os tradicionais sentimentos de convivencialidade racial que caracterizam os portugueses e a rejeição que lhes merece o regime do apartheid instituído na África do Sul.

Entende levar ao conhecimento de V. Exa. que a recepção de que é objecto pelas autoridades do nosso país não poderá ser tomada como aceitação inquestionada de uma eventual regeneração do sistema que vigora no país de que é Presidente, na sequência das modificações políticas recentemente introduzidas.

Sem deixar de atribuir a devida importância a esses factos e à abertura de novas perspectivas que dos mesmos poderão advir, reconhecemos, no entanto, que, na sua essência, a face da África do Sul permanece essencialmente a que mereceu a condenação das principais instâncias internacionais.

A passagem de V. Exa. por Portugal não pode desligar-se desse pano do fundo nem tão pouco pode dar azo a interpretações desculpabilizantes que permitam ao regime do apartheid protelar um pouco mais o seu fim inevitável.

Consideramos que é necessário não alimentar equívocos e descer até ao âmago dos problemas.

Por isso queremos colocar as seguintes questões:

Em Dezembro de 1989 todos os estados membros da Comunidade Europeia apoiaram a Declaração das Nações Unidas sobre a África do Sul.

Nesta Declaração ficaram estabelecidos os cinco passos que o Governo sul-africano deveria dar e que foram considerados essenciais para a verdadeira criação de um clima propício a negociações:

1. o fim do estado de emergência e revogação de toda a legislação do tipo do «Internal Security Act».

2. cessação de todos os julgamentos políticos e das execuções políticas.

3. libertação de todos os presos políticos e de todos os detidos incondicionalmente, proibição da imposição de restrições a estes presos e detidos, e o fim do sistema de detenção sem julgamento.

4. abolição de todas as proibições e restrições impostas às organizações (e pessoas) ilegalizadas ou com a respectiva actividade sujeita a restrições como, por exemplo, o A.N.C., o P.A.C.

5. retirada de todas as forças militarizadas das «townships».

Como princípio ficou estipulada a necessidade de um empenhamento sério e efectivo do Governo da África do Sul no desmantelamento da legislação discriminatória e em particular das leis sobre o «passe» e o «Group Areas Act».

Estamos informados de que estes passos estão longe de ter sido dados:

— subsistem restrições no âmbito do estado de emergência, recentemente expressas nas restrições aos funerais, reforçadas em 70 «townships».

— mantém-se em vigor o «Internal Security Act», entre outros, com a consequente proibição de certo tipo de reuniões.

— segundo a Comissão dos Direitos do Homem da África do Sul, prosseguem cerca de 300 julgamentos políticos e algumas condenações à morte apenas estão adiadas.

— segundo a mesma Comissão, o total de presos políticos é ainda de mais de 3000 e 350 presos políticos continuam detidos sem perspectiva de julgamento.

— o «Internal Security Act», em vigor, continua a impedir actividades políticas livres.

— em Fevereiro de 1990, o próprio Ministério da Defesa sul-africano admitiu a permanência das forças militarizadas nas «townships».

Perante a subsistências de legislação e de acções concretas contrárias às consideradas essenciais para a criação de um clima propício a negociações, que visem o desmantelamento do apartheid e a constituição de uma África do Sul unida, não racial e democrática, não se pode aceitar a existência do sério empenhamento do Governo da África do Sul.

Por este conjunto de razões entendemos que a visita de V. Exa. a Portugal não pode passar-se sem que estas questões lhe sejam expressamente formuladas, compreendendo-se a manutenção das sanções e — até — o seu eventual reforço, enquanto a situação descrita não desaparecer, posição que subscrevemos e partilhamos com os Movimentos Anti-Apartheid dos 12 países membros da Comunidade Europeia e da Suíça.

Desta missiva e, pois, das preocupações que dela fazemos constar iremos dar conhecimento aos vários sectores políticos e da comunicação social.

Lisboa, 14 de Maio de 1990

O M.P.C.A.

O Movimento Português Contra o Apartheid

Com o apoio da Câmara Municipal de Almada e do Conselho Português para a Paz e Cooperação

Produtores e comerciantes continuam a tentar criar um organismo que permita o devido e necessário acompanhamento, da cepa ao consumidor, de um dos melhores representantes de Portugal no mundo

Interprofissionalismo precisa-se para defender vinho do Porto

O sector da produção e comercialização do vinho do Porto continua a lutar pela criação de uma organização interprofissional, numa altura em que a evolução da exportação e consumo deste produto aponta para que, no futuro imediato, sejam necessárias algo como 150 mil pipas de mosto a beneficiar anualmente.

Fonte de discordância quanto à forma de que se deverá revestir, o interprofissionalismo tem sido considerado como a melhor forma de organização, já que englobaria a lavoura e o comércio. A recente lei orgânica do Instituto do Vinho do Porto (IVP) poderia ser o primeiro passo para a sua concretização, embora tenha havido, logo à partida, a falha de não ter sido apreciada pela Casa do Douro nem pela Associação dos Exportadores (AEVP).

Seria através do Conselho Fiscal do IVP que esse passo poderia ser dado, mas a AEVP, apresentando como argumento não ter havido respeito da regra de paridade entre a representação da lavoura e do comércio, na constituição do Conselho Geral, considera inviável a sua participação.

Por outro lado, os estatutos da Casa do Douro (CD), aprovados pelo D.L. 288/89, não têm contribuído para a criação dessa organização interprofissional, já que, conforme foi dito, esse documento não foi apreciado previamente pelo IVP e pela AEVP, como esta desejava e fez sentir oficialmente. Segundo esses estatutos, cabe ao Conselho Interprofissional Vitivinícola da C.D. funções consultivas, não lhe sendo possível ocupar-se do vinho do Porto.

A questão agravou-se com a acusação de falta de democraticidade nos estatutos da Casa do Douro, nomeadamente por não poderem ser elegíveis, para qualquer dos seus órgãos, «todos aqueles que, por si ou por interposta pessoa, forem comprovadamente comerciantes, gerentes, comissários ou correctores de empresas que se dediquem ao comércio de vinhos e seus derivados, ainda que os mesmo não se encontrem colectados como tal».

Estes estatutos mereceram a discordância não só da AEVP, que também engloba produtores, como da ANCEVE - Associação do Norte dos Comerciantes, Industriais Engarrafadores e Exportadores de Vinhos e Bebidas Espirituosas que, depois de terem feito uma consulta aos seus elementos, informaram a Casa do Douro haverem decidido não designar qualquer representante para o Conselho Vitivinícola Interprofissional, embora sem porem de parte a manutenção do diálogo e colaboração.

Actualização do cadastro

Uma das questões que se põe com mais aquidade, na região do Douro e, especificamente, do vinho do Porto, é o cadastro vitícola. Há dificuldades concretas e conjunturais para a sua realização, considerado como a base do progresso e modernização da viticultura. Com a sua actualização será possível um levantamento rigoroso do que existe e do que deve ser mudado.

Embora haja opiniões de que esse cadastro não estará tão desactualizado quanto é voz corrente, o que é certo é que na região os técnicos ligados ao sector recordam ter havido diversas alterações do ecossistema que podem contribuir para uma realidade diferente da cadastral, alterações que passam, inclusivamente, pelo «efeito de estufa», que progressivamente altera o tipo de vinho produzido.

Tal não é de estranhar quando se sabe que uma cepa pode produzir uvas totalmente diferentes, conforme a sua exposição ao sol ou a sua implantação em terrenos que, como os da região duriense, são caracterizados pelo acidentado e diversidade de áreas.

Mas o cadastro parece ser passível, segundo voz corrente - impossível de confirmar formalmente - de jogos de interesses, já que pode haver sempre alguém que aceite registar o irregistável.

Por outro lado, com vista a um maior e mais rápido acesso, diversas entidades defendem a sua informatização.

Contudo esta depara-se com dificuldades, nomeadamente a escassez de meios humanos dos serviços da Casa do Douro e o excessivo envolvimento desses técnicos nas reclamações quanto à distribuição do benefício, fruto das constantes alterações da legislação sobre o licenciamento da vinha.

Benefício na dúvida

Longe vão os tempos da história de um campo de futebol, na Régua, com cartão de benefício para a produção de vinho do Porto. Contudo muito há ainda por apurar sobre esta questão, já que são por de mais conhecidos os negócios feitos em plena rua com a transferência dos cartões.

O benefício é, explicando de forma simples, um documento que diz que uma entidade ligada à viticultura tem uma determinada quantidade de vinho com capacidade de ser utilizado com a designação de Porto. Mas tal atribuição depende essencialmente do próprio cadastro das vinhas, havendo inconvenientes no seu pedido.

O pedido de atribuição do benefício é anual, já que esta é feito segundo o referido cadastro, ficando os proprietários ou arrendatários obrigados a comunicar à Casa do Douro as alterações registadas nas propriedades.

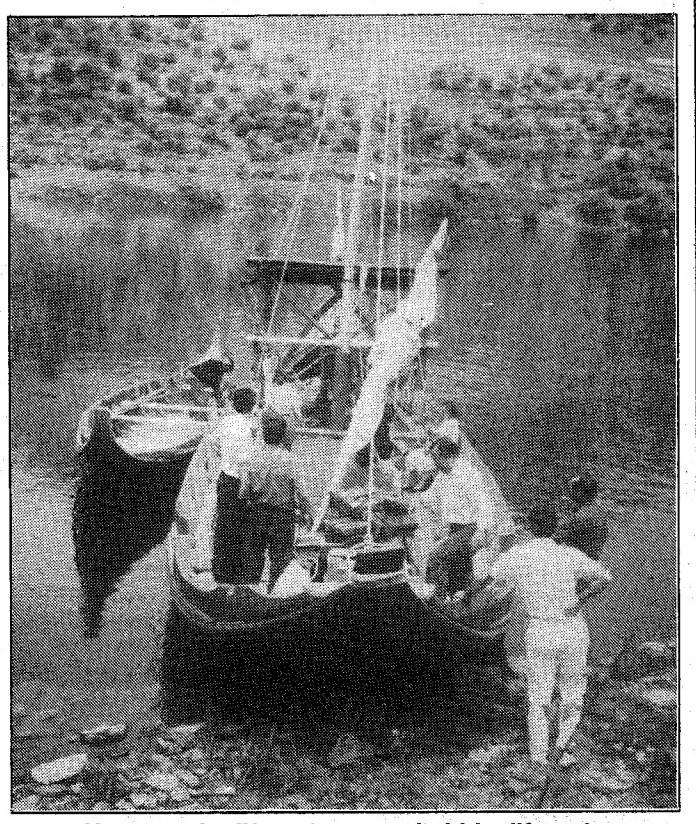
Uma realidade que muitos produtores e os exportadores querem alterar é a classificação do vinho do Porto a partir do cartão de benefício, por este ser insuficiente para a designação do produto. De acordo com posições recentemente defendidas, a atribuição de título de Porto só deverá ser feito mediante a prova por peritos e não por medidas administrativas.

Situação que poderá ser, eventualmente, gravosa para quem tenha desde sempre trabalhado com os cartões de benefício, já que corre o risco de, no final da vinificação, ver o produto recusado.

Em contrapartida, representantes de nomes consagrados dizem que a classificação por prova será a forma mais correcta, já que irá obrigar a lavoura a trabalhar com a consciência de que tem de produzir com qualidade e sem a possível consequente adulteração de um produto de prestígio que, em 1989, teve uma comercialização global de mais de 810 mil hectolitros.

Almeida Henriques

Vinho do Porto: produtores e comerciantes procuram organismo interprofissional



Um passeio diferente e uma bebida diferente

A promoção do embaixador

O leitor já experimentou beber um Porto seco com água tónica? Para um apreciador, parece ser um sacrilégio. Para que conste: o repórter provou, gostou... e repetiu. Talvez por estar calor, por ir a bordo de um rabelo, ou só por que sim. Foi durante uma viagem que, por terras do Douro, depois de subir o rio, do Porto à Régua, levou diversos visitantes a percorrer quintas e vinhas de onde sai um dos grandes embaixadores portugueses.

A explicação adiantada trouxe, como comparação, o que se passa com o whisky. Durante muito tempo foi visto como bebida para grandes apreciadores de uma aguardente conotada com um país e com um certo tipo de consumidor. Um dia os produtores concluiram ser necessário promover a sua venda e motivar o consumo, nem que para tal tivessem de suguerir a sua mistura fosse com o que fosse, mesmo leite ou chocolate.

Em contrapartida, os produtores de «cognac» mantiveram a posição de que este só deveria ser bebido por conhecedores que cumprissem o ritual devido a um produto supremo. Enquanto as vendas do primeiro subiram astronomicamente, as do segundo têm vindo a decrescer de forma preocupante.

Os produtores e exportadores de vinho do Porto, garantindo que não abdicam da qualidade do produto, procuram ganhar novos mercados, sugerindo outras formas de consumo para um vinho que tem sido tratado, ao longo dos anos, com o respeito que merecem as obras de arte.

Produto esse que, diga-se, merecia melhor abordagem promocional por parte das entidades oficiais. O que se passou no festival europeu da canção é disso prova. Se o vinho do Porto é aquilo que a RTP mostrou, antes beber água da EPAL. Mais um mau serviço, a juntar a muitos outros, e que poderá vir a ser acrescentado às já conhecidas queixas quanto à falta de apoio na promoção genérica.

A viagem permitiu que alguns jornalistas percorressem a dura região duriense, onde «é preciso muito peito par fazer tal obra», como disse o representante de uma das casas que os acolheu. A dureza do trabalho está sempre presente na conversa dos empresários, classificados, por um dos visitantes, como «patronato de classe A», dadas as permanentes atenções sociais mostradas quanto aos trabalhadores.

Trabalhadores que vivem e amam a terra e o produto que dela sai, como se depreende de uma história contada e que em breves palavras aqui segue. Quando, anos atrás, foi experimentada a mecanização de uma vinha, com um «bulldozer» a rasgar a terra, juntou-se gente para ver como era. Um dos homens que, durante anos andaram a quebrar a pedra das encostras, voltou-se para um companheiro e disse que aquilo não iria dar nada. «O vinho do Porto só lá vai com suor de homem».

Medo de perder postos de trabalho ou convencimento de que seria assim, não se sabe. Era, certamente, amor e apego à terra. Que não se perde com as novas formas de plantio, com as novas castas, com as inovadas formas de viticultura e de vinicultura.

A.H.

ECONOMIA

Francisco Torres ao «DL» em Bruxelas

SME: Portugal já perdeu ao ficar com a Grécia

«É muito difícil para as Comunidades isolar a Grécia num esta' to especial. Por isso, Portugal ficará nesse estatuto que, sem eufemismos, significa uma marginalização e uma derrota» - esta a convicção de Francisco Torres, 31 anos, docente da Universidade Católica de Lisboa, técnico do Banco de Portugal e investigador do Centro de Estudos Políticos Europeus, em Bruxelas, recentemente galardoado com o Prémio Mário Soares, pelos seus trabalhos no âmbito da integração europeia.

Polémico, Francisco Torres defendera, em entrevista ao «Diário de Lisboa», a integração urgente de Portugal no Sistema Monetário Europeu. A tese do jovem economista suscitou polémica mas, volvidos alguns meses, os nomes mais conceituados da economia portuguesa partilham opiniões muito próximas das suas. Na sequência do prémio com que foi galardoado, o «DL» falou com Francisco Torres, em Bruxelas. As suas opiniões, mais uma vez passíveis de suscitar a controvérsia, aqui ficam:

«Em termos políticos sofremos dois tipos de derrotas. Uma resulta do facto de não termos caído para o lado da Espanha e hoje estarmos irremediavelmente tombados para o lado da Grécia. E não se pode fazer nada. Os espanhóis vão aderir muito proximamente para a banda estreita e nós, embora em condições económicas mais vantajosas que as gregas, seremos tratados de igual para igual. Isto é, ficaremos num estatuto especial, o que é uma derrota.»

- O que significa esse estatuto especial?

«Julgo que vai traduzir-se por uma banda mais larga do que a actual banda estreita dos 2,25 por cento ou uma banda de um por cento para que se movam os outros países membros do Sistema Monetário Europeu (SME). É um eufemismo para não participarmos de forma central no processo da União Económica e Monetária (UEM). Vamos estar lá, mas um pouco marginalizados pelo facto de não estarmos a seguir as diversas fases da UEM a cem por cento.»

A atracção inglesa

O economista referiu-se a outro problema político, em sua opinião, ainda pouco esclarecido, que é aquele que tem a ver com a semelhança com algumas atitudes tomadas pela Inglaterra, mas «por razões erradas».

«Geralmente por discutirmos esta questão num ambiente de estratégia para eleições, é difícil fazer-se uma abordagem séria e com base nas verdadeiras razões de fundo. Razões de enquadramento institucional e económico e razões de estratégia de integração europeia» - diz Francisco Torres, para logo se manifestar esperançado, agora, num debate político, paradoxalmente eleitoralista:

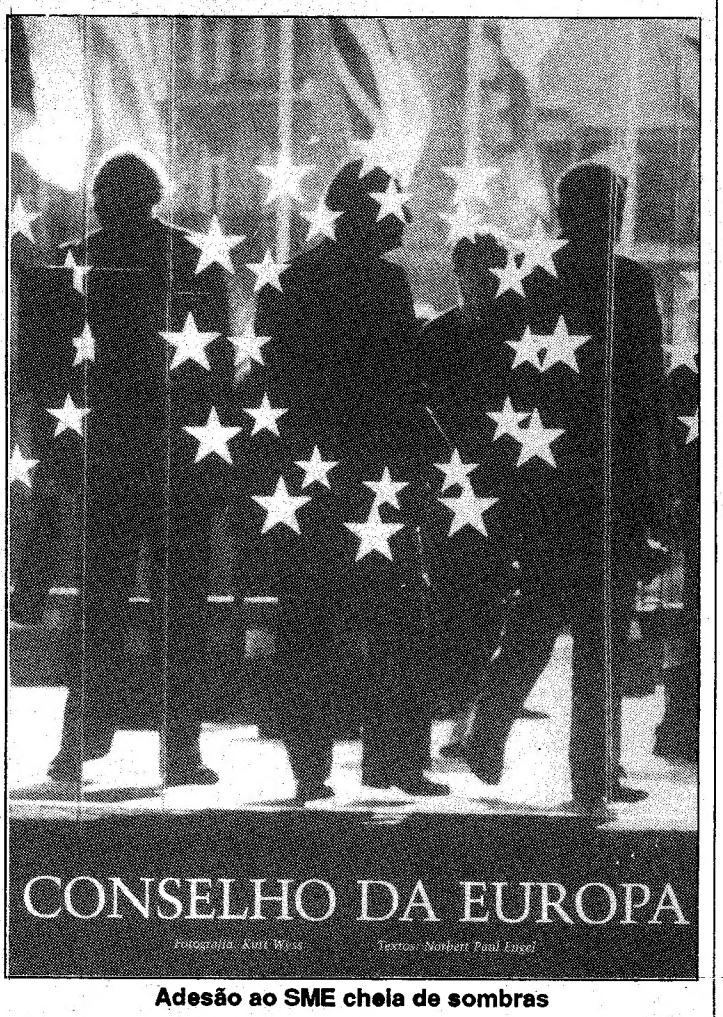
«Julgo, por isso, que um debate como o das eleições presidenciais, tendo como hipotéticos candidatos os drs. Mário Soares e Lucas Pires poderiam contribuir muito para a clarificação destes pontos. Ambos defendem a integração no SME, mas por razões diversas.»

O economista que muito brevemente defenderá tese de doutoramento em Florença, afirma, há mais de um ano, a necessidade de uma integração rápida de Portugal no SME. No entanto, clarifica a sua posição: «Talvez esteja mais próximo de algumas pessoas que defendem uma entrada mais cautelosa do que outros que defendem, talvez pelos motivos errados, uma entrada rápida.»

Diz, nomeadamente:

«Quem critica uma entrada rápida para a banda alargada de flutuação dos mecanismos cambiais do SME e/ou não apresenta outra alternativa, está implicitamente a defender a superioridade do actual sistema cambial. O argumento de que devemos esperar pela entrada da libra para não fazer perigar a nossa competitividade é errado. O argumento de que com a entrada do escudo no SME, os salários reais sobem é, no mínimo, perigoso. O SME não é nenhum milagre, mas um instrumento disciplinador. O argumento de que devemos reduzir primeiro a inflação é incoerente do ponto de vista de uma estratégia desinflacionista».

Cita Francesco Giavazzi, uma das autoridades mundiais na matéria, que confirma esta tese. E refere o «Economist» que, no âmbito do debate inglês, caricaturou aquele argumento do seguinte modo: «É equivalente a dizer quando tivermos restaurado a nossa credibilidade, baixando a inflação, tomaremos as medidas necessárias para restaurar a nossa credibilidade. Uma atitude extremamente cautelosa pode significar, como parece ser o caso do Reino Unido, apenas o atraso no processo da estabilização e desinflação e o desperdício de uma oportunidade menos custosa para o fazer. Mas é preferível participar mais uma vez num período de transição (que se parece eternizar) do que entrar sem intenções sérias de ajustamento (sobretudo ao nível orçamental) para voltar a sair - refere o jovem galardoado com o Prémio Mário Soares.



Adesão ao SME cheia de sombras

Custos elevados

Diz o economista que o SME só faz ainda sentido como mecanismo desinflacionador para Portugal. «É o mecanismo óptimo de estabilização e liberalização porque reduz os custos envolvidos no processo.

Por isso, «protelar a decisão de aderir acarreta custos elevados e diminui claramente o interesse do SME como mecanismo estabilizador e garante da verdadeira independência do Banco de Portugal no processo de transição para uma confederação europeia».

Francisco Torres diz que é preciso convencer os agentes económicos. Assim:

«Tenho defendido que a ausência de regras claras reguladoras do exercício da política macroeconómica se traduz na dependência do Banco Central em relação ao Ministério das Finanças, o que aumenta os custos de qualquer programa económico a implementar pelo Governo, sobretudo no contexto do ciclo político (eleições). O modo mais efectivo de reduzir essa dependência não é a alteração da lei orgânica do Banco Central (em todo o caso bem-vinda), mas o simples reconhecimento, por parte do Governo, da impossibilidade de exercer uma política monetária e cambial autónoma, no processo de convergência com os nossos parceiros das Comunidades Europeias. Ou seja, o Governo deve prescindir, de forma clara, da manutenção da actual opção de política aparente (política cambial) para convencer os agentes económicos de que está decidido a estabilizar (reduzir, eventualmente eliminar, o défice do sector público e reduzir a inflação) e liberalizar (interna e externamente) sem retrocessos no calendário previsto.»

Crítico

Francisco Torres disse ao «DL» que alguns economistas que defendiam a integração ao SME para 1995, inverteram as suas posições. No entanto, o jovem é particularmente crítico em relação a Vítor Constâncio «que revê a sua posição e propõe o anúncio da intenção de aderir na próxima Conferência Intergovernamental negociando uma «*safety net*».

Esta tese é refutada por Francisco Torres nos seguintes termos:

«Se a tentativa de atrasar a discussão do problema, por parte de alguns, não nos promove a parceiro do Reino Unido, mas cada vez mais a uma situação semelhante à da Grécia, propostas deste tipo (ligando a adesão ao SME à exigência de fundos estruturais: *safety net)* desvirtuam todo o interesse da adesão.

A nova proposta de Constâncio é incoerente com as ideias que defendia ainda há poucos meses, e de conteúdo pouco claro. Ela significaria um retrocesso claro na postura já adoptada pelos vários ministros das Finanças (incluindo Miguel Beleza) em Ashford e a garantia de não participação de Portugal na UEM.

A nível político parecem-me mais claras as propostas de Mário Soares e Lucas Pires e a nível económico mais coerentes as objecções de Silva Lopes».

José Rui Cunha

À MARGEM

Os humores do Governo e da oposição

«As próximas eleições presidenciais podem e devem proporcionar uma discussão interessante sobre as várias estratégias de integração (real, monetária e política) e as grandes linhas de evolução económica - liberalismo *versus* intervencionismo, a nível micro-económico, e regras *versus discrime*, a nível macro-económico.

«Elas não podem ser deixadas ao acaso, aos humores quotidianos do Governo e da oposição, aos interesses públicos imediatos».

Intriga pessoal

«Em Fevereiro, numa conferência organizada em Bruxelas, onde participaram também o comissário Cardoso e Cunha, Braga de Macedo (que desde há muito trabalha nestas questões) e Carlos Costa, foi apresentada uma proposta de integração monetária, publicada na revista «Economia», na tentativa (frustrada) de provocar discussão económica fundamentada sobre a melhor estratégia de integração monetária de Portugal na nova Europa.

«Na sequência da minha intervenção em Bruxelas, o debate foi extrapolado para fora do meio restrito dos economistas que por ele se interessaram. Começa a discussão pública ainda incipiente, com muitas distorções e já com algumas tentativas de mera politização e intriga pessoal».

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA